ODISSEIA

HOMERO

Contada por Maria de Regino

BIBLIOLIBRAS

UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

ODISSEIA

HOMERO

Este volume reúne os vinte e quatro cantos do poema Odisseia de Homero.
O texto foi adaptado como roteiro para um seriado da TV UFG,
apresentado em libras e português.

Contada por Maria de Regino

BIBLIOLIBRAS

UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Odisseia de Homero

Título Original
ΟΔΥΣΣΕΙΑ

Coordenação Editorial
Maria de Regino

Editoração Eletrônica
Eric Magnus

Capa
Eric Magnus
Maria de Regino (ilustração)

Revisão
Andrea dos Guimarães de Carvalho
Layane Rodrigues de Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Regino, Maria de
Odisseia [livro eletrônico] / Homero ; tradução, adaptação e introdução de Maria de Regino. -- Goiânia, GO : Ed. da Autora : Bibliolibras-Biblioteca Bilíngue Libras-Português, 2021.
PDF

ISBN 978-65-00-35175-0

1.Homero. Odisseia 2. Poesia épica grega I. Homero. II. Título.

21-90697 CDD-883.01

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia épica : Literatura grega antiga 883.01

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB- 8/9380

Conselho Editorial

Alessandra Campos Lima
Andrea dos Guimãres de Carvalho
Layane Rodrigues de Lima
Neuma Chaveiro

O texto desta adaptação da Odisseia em Português, publicado pela Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil – Libras / Português, pode ser utilizado, reproduzido e divulgado livremente, com citação da fonte.

BIBLIOLIBRAS - Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil – Libras / Português, 2021.
Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (UFG). www.bibliolibras.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 5

CANTO 1 TELÊMACO RECEBE A VISITA DE ATENA 11
CANTO 2 TELÊMACO REÚNE OS HOMENS NA ÁGORA 16
CANTO 3 TELÊMACO ENCONTRA NESTOR DE PILOS 21
CANTO 4 TELÊMACO É RECEBIDO POR MENELAU 26
CANTO 5 ODISSEU NA ILHA DE CALIPSO 31
CANTO 6 ODISSEU CHEGA À TERRA DOS FEÁCEOS 36
CANTO 7 ODISSEU NO PALÁCIO DE ALCINO 41
CANTO 8 ODISSEU É DESAFIADO NOS JOGOS 46
CANTO 9 ODISSEU REVELA O SEU NOME 51
CANTO 10 A ILHA DE CIRCE 56
CANTO 11 ODISSEU VIAJA AO HADES 61
CANTO 12 OS PERIGOS DO MAR 66
CANTO 13 RETORNO DE ODISSEU A ÍTACA 71
CANTO 14 ODISSEU E O FIEL PORQUEIRO EUMEU 76
CANTO 15 TELÊMACO CHEGA A ÍTACA 81
CANTO 16 ENCONTRO DE TELÊMACO COM ODISSEU 86
CANTO 17 ODISSEU ENTRE OS PRETENDENTES 91
CANTO 18 ODISSEU LUTA COM O MENDIGO IROS 96
CANTO 19 EURICLEIA RECONHECE ODISSEU 101
CANTO 20 ANTES DA MATANÇA DOS PRETENDENTES 106
CANTO 21 A PROVA DO ARCO 111
CANTO 22 A VINGANÇA DE ODISSEU 116
CANTO 23 PENÉLOPE RECONHECE ODISSEU 122
CANTO 24 NA MANSÃO DE HADES 127

SOBRE A ADAPTAÇÃO DA ODISSEIA 132

INTRODUÇÃO

Ao longo de muitos séculos, os poemas Ilíada e Odisseia foram cantados, memorizados e transmitidos oralmente por sucessivas gerações. Segundo a tradição, as duas obras são atribuídas a Homero, um poeta cego, cuja existência confunde-se com a lenda. Não se sabe com certeza o local onde Homero nasceu, em que século viveu, ou ainda, se o nome "Homero" se refere a um único autor ou a vários autores.

Os poemas atribuídos a Homero começaram a ser registrados na forma escrita somente no Período Arcaico, entre 800 e 500 a.C.. Em sua origem, esses poemas eram cantados e acompanhados por uma espécie primitiva de cítara, instrumento utilizado pelos aedos, poetas cantores que alegravam com sua arte os banquetes nos palácios dos reis.

A linguagem épica apresenta os deuses, os objetos e a natureza com riqueza de detalhes. Observa-se, na construção das frases, o uso frequente de epítetos, que são palavras ou expressões associadas aos nomes dos deuses e dos heróis, para descrevê-los ou qualificá-los. São exemplos de epítetos: "Zeus, amontoador de nuvens", "Atena, de olhos de coruja", "Odisseu, saqueador de cidades".

Os poemas homéricos oferecem ao leitor um retrato dos tempos históricos da antiga Grécia. A Ilíada narra as guerras de expansão e conquista dos povos gregos, que Homero chama de "aqueus", enquanto a Odisseia descreve a vida nos tempos de paz, com o usufruto do que havia sido conquistado e a dedicação aos trabalhos do cotidiano.

A Odisseia é a história da longa viagem do herói Odisseu em seu retorno para casa, depois da guerra nas planícies de Troia, onde os gregos e os troianos se enfrentaram. A cidade de Troia se erguia nas proximidades do Helesponto, em uma região que hoje pertence à Turquia. De acordo com a tradição homérica, essa guerra durou dez anos e, historicamente, aconteceu no período em que se desenvolveu a civilização micênica, entre 1600 e 1200 a.C..

Segundo a lenda, os acontecimentos que levaram à guerra de Troia tiveram início com uma disputa proposta por Éris, a deusa da discórdia, que ofereceu uma maçã de ouro à mais bela das deusas. Como três divindades poderosas, Hera, Atena e Afrodite, disputavam o fruto de ouro, os deuses convidaram o príncipe Páris, filho de Príamo, rei de , para ser o juiz.

A deusa Hera prometeu honras, poder e riquezas ao jovem príncipe, se fosse a escolhida. Atena disse que lhe daria sabedoria e vitórias na guerra. Páris, porém, escolheu Afrodite, que havia lhe prometido o amor da mais bela mulher sobre a terra. Essa mulher era Helena, filha de Zeus, que já era casada com o rei Menelau.

Helena teve muitos pretendentes poderosos, reis e heróis, que se reuniram diante do palácio para aguardar a decisão da bela princesa. Seu pai adotivo, o rei Tíndaro, temia que a escolha da filha pudesse despertar a fúria dos outros pretendentes e acabasse provocando uma guerra. Por fim, Odisseu, rei de Ítaca, um dos que disputavam a mão

de Helena, resolveu o impasse, ao propor que todos deveriam jurar proteger a princesa e o marido escolhido por ela. Afinal, Helena se casou com Menelau, que se tornou rei de Esparta.

Para cumprir a promessa feita a Páris, a deusa Afrodite ajudou o príncipe troiano a seduzir Helena e a raptá-la, levando-a para o palácio de Príamo. Os gregos, porém, honrando o juramento feito ao rei Tíndaro, uniram seus exércitos e navegaram em direção a Troia. Teve início uma guerra sangrenta, que Homero descreve em seu poema Ilíada.

Após dez anos de luta, certo dia os troianos perceberam que o acampamento grego estava vazio e imaginaram que a guerra, finalmente, havia terminado. Na praia, onde se erguiam as tendas gregas, encontraram um enorme cavalo de madeira. Acreditando que seus inimigos haviam voltado para sua terra, deixando de presente aquele portentoso cavalo, decidiram levá-lo, como um troféu, para dentro dos muros da cidade.

À noite, porém, quando todos dormiam, soldados gregos saíram de dentro do cavalo e abriram os portões da muralha. Os troianos não conseguiram reagir e foram vencidos pelos gregos. A ideia de construir um cavalo oco, de madeira, que escondesse os melhores soldados em seu bojo para, dessa forma, atacar Troia de surpresa, dentro de suas muralhas, foi do esperto Odisseu.

No início do primeiro canto da Odisseia, o aedo faz uma invocação à Musa, pedindo a essa divindade, responsável por transformar simples mortais em poetas, para lhe "cantar" a história de Odisseu. Os aedos acreditavam que os versos de sua canção lhes eram cantados pelas musas. É também nos versos iniciais da Odisseia que Homero conta, de forma resumida, as aventuras de Odisseu, sem se referir aos últimos cantos, que relatam a vingança do herói contra os pretendentes.

Na Odisseia, a narrativa começa por volta de dez anos após o final da guerra de Troia. Portanto, quase vinte anos depois de Odisseu deixar sua casa e sua família para lutar ao lado dos aqueus, em Troia. O poeta conta que todos haviam voltado para a pátria, menos Odisseu. O herói se encontrava na ilha de Ogígia, retido pela Ninfa Calipso, sem barco e sem companheiros.

Enquanto isso, em uma assembleia realizada no Olimpo, montanha onde moravam os deuses, o destino de Odisseu estava sendo decidido. Atena, a deusa de olhos brilhantes, protetora do herói, pediu a ajuda de Zeus, seu pai, o senhor dos deuses, para que o herói pudesse voltar à ilha de Ítaca. Com a aprovação de Zeus, a deusa Atena partiu ao encontro de Telêmaco, filho de Odisseu, disfarçada de Mentes, rei dos Táfios.

Nos cantos da Odisseia, Homero descreve com detalhes os móveis, as armas, as construções, os utensílios e os costumes da época. No primeiro canto, quando Atena chega ao palácio de Odisseu, encontra os pretendentes sentados diante da porta, sobre peles de bois, entretidos em um jogo com pedrinhas, enquanto os escravos limpavam as mesas e preparavam-se para servir o vinho. No grande salão, os móveis são "trabalhados com arte", as poltronas estão cobertas com peles de carneiro e revestidas com preciosas mantas de linho.

Os aedos sempre estavam presentes às festas, alegrando os banquetes com seus cantos. Na Odisseia, porém, o canto dos aedos traz lembranças dolorosas aos protagonistas, propiciando situações de tensão na narrativa. No primeiro canto, quando o aedo Fêmio começa a narrar o regresso dos aqueus após a Guerra de Troia, Penélope desce de seus aposentos e lhe pede para cantar outro canto, pois aquele traz a sua memória o marido ausente. No oitavo canto, será o aedo

Demódoco que despertará com seu canto as lembranças de Odisseu, no banquete oferecido pelo rei Alcino.

Um local importante nas pólis gregas era a ágora, uma praça onde os homens costumavam se reunir para julgamentos e tomadas de decisões. No segundo canto, Telêmaco convoca uma assembleia na ágora e solicita aos anciãos um barco para viajar em busca de notícias de seu pai. No sexto canto, os feáceos também são convocados à ágora pelo rei Alcino, que deseja apresentar seu hóspede e comunicar a todos sua decisão de enviar Odisseu em segurança até Ítaca.

Disfarces e transformações também ocorrem com frequência na Odisseia. Atena se disfarça muitas vezes, assumindo a forma de homens, mulheres e de diferentes aves. Para proteger Odisseu, a deusa o transforma em um velho e, em outro momento, dá beleza e vigor ao herói, fazendo-o parecer mais jovem. No quarto canto, sucessivas transformações acontecem quando Menelau se encontra com Proteu, o velho do mar, que pode se transformar em qualquer coisa que desejar. Outro local de transformações é a ilha de Circe, onde os homens que ali aportam são transformados em animais.

A obra de Homero oferece detalhes sobre alguns aspectos socioculturais dos povos gregos, tais como: atividades agrícolas e de navegação, hábitos do cotidiano, de alimentação e produção de manufaturas. Também serve como referência para o estudo de crenças populares e dos hábitos religiosos na Grécia Antiga, com descrições de rituais fúnebres, rituais de purificação, sacrifício aos deuses, além dos relatos de predições e profecias, inspiradas em sonhos e comportamento dos pássaros.

Os gregos utilizavam as obras de Homero para a educação de seus jovens. Sua influência também pode ser observada na poesia lírica, na

poesia dramática e nas artes em geral. Algumas expressões, retiradas da Ilíada e da Odisseia, são usadas ainda hoje na conversação, tais como “presente de grego”, “suplício de Tântalo” ou “teia de Penélope”, mostrando o quanto esses poemas sempre foram populares.

O grande tema da Odisseia é a viagem de retorno do herói Odisseu a Ítaca, sua pátria. O poema tem também outros temas secundários: a fidelidade feminina, na figura da rainha Penélope; o tema do príncipe desventurado, Telêmaco, que deseja justiça; o tema do disfarce, que revela uma crise de identidade do herói, e o da vingança de Odisseu, entre outros temas.

CANTO 1

TELÊMACO RECEBE A VISITA DE ATENA

Canta para mim, ó Musa, o homem de muitas astúcias, que saqueou a cidade sagrada de Troia, vagou por terras distantes, conheceu diferentes cidades e os costumes de muitos mortais. Perdido no mar, lutou por sua vida e pela vida de seus companheiros, sem que pudesse salvá-los, pois eles haviam desobedecido as ordens dos deuses ao comerem os bois do rebanho de Hélio, o deus do sol.

Depois da última batalha, que levou Troia à ruína, todos voltaram para casa, menos Odisseu. A ninfa Calipso mantinha o herói prisioneiro em sua ilha e lhe oferecera o dom da imortalidade. O único desejo de Odisseu, no entanto, era voltar ao lar. Todos os deuses eram favoráveis ao seu retorno, menos Poseidon , o deus do mar, que perseguiu o herói, sem aplacar o seu rancor, até o retorno de Odisseu a sua terra natal.

Enquanto Poseidon viajava pela distante terra dos etíopes, um povo que vivia nos confins do mundo, os outros deuses, reunidos no Olimpo, conversavam sobre os homens. Zeus relembrou a história de Egisto, que havia seduzido a rainha Clitemnestra e assassinado o rei Agamenon. Algum tempo depois, Orestes, filho de Agamenon, vingara a morte de seu pai, matando os seus assassinos. A deusa Atena afirmou

que a morte de Egisto havia sido justa, mas a situação de Odisseu era injusta. E disse a Zeus: "Odisseu está retido por Calipso, que o mantém cativo na esperança de conquistar o seu amor. Ela tenta fazer o herói esquecer sua casa, mas Odisseu chora, se lamenta, e só pensa em rever sua terra antes de morrer. Não te comoves com isso? Por que odeiam Odisseu?"

Em resposta, Zeus, o amontoador de nuvens, lhe falou: "Minha filha, o que dizes? Como poderia me esquecer do divino Odisseu? Mas Poseidon , o que faz tremer a terra, o odeia desde que vazou o único olho de seu filho, o Ciclope Polifemo, e por isso o mantém longe de sua pátria. Vamos decidir juntos sobre o seu regresso. Poseidon não enfrentará a vontade de todos os imortais."

Atena, a deusa de olhos de coruja, respondeu: "Se todos concordam com o retorno de Odisseu, envie Hermes para anunciar essa decisão à ninfa Calipso. Enquanto isso eu irei a Ítaca, para instigar Telêmaco a reunir os aqueus na ágora e pedir a expulsão de todos os pretendentes. Depois vou enviá-lo a Esparta, para que se informe sobre a volta do pai e para que o seu nome seja conhecido entre os homens."

A deusa calçou as sandálias douradas que a levavam, com o sopro do vento, sobre a terra e o mar. Ao chegar a Ítaca, assumiu a forma de Mentes, um estrangeiro, e caminhou até o palácio de Odisseu. Lá encontrou os pretendentes no pátio, se divertindo com jogos, enquanto os escravos serviam vinho e travessas de carne.

Sentado entre os pretendentes, Telêmaco viu a deusa disfarçada como Mentes e correu até a porta, pensando tratar-se de um estrangeiro. Convidou Atena para jantar e foram se sentar a um canto do salão. Naquele mesmo momento, os pretendentes pediram ao aedo uma

canção para alegrar seu banquete e Telêmaco disse ao ouvido de seu hóspede, para que os outros não ouvissem: "Esses homens devoram os bens de um herói, cujos ossos talvez estejam perdidos no mar, ou espalhados na areia, roídos pelas tempestades. Se o vissem voltar a Ítaca, trocariam seu ouro por pés ligeiros para fugir. Mas ele morreu. Não tenho nenhuma esperança de rever meu pai. Agora me responda: Quem és? Quem são os teus? Onde está o teu navio? É a primeira vez que visitas esta casa?"

Atena, a deusa dos olhos brilhantes, respondeu: "Sou Mentes, rei dos Táfios, povo amigo do remo. Meu barco está ancorado longe da cidade. Disseram que teu pai tinha voltado e por isso vim até aqui, mas os deuses devem ter atrasado o seu retorno. Odisseu não morreu. Certamente está sobre o vasto mar e logo voltará a sua pátria. Tu és, de fato, filho de Odisseu? Pareces muito com ele."

Com prudência, Telêmaco respondeu: "Sim, minha mãe diz que sou filho dele, mas como saber? Queria ser filho de um homem rico, para administrar os seus bens até a velhice, mas nasci do mais infeliz dos mortais". Atena, a deusa dos olhos brilhantes, replicou: "Penélope deu à luz um filho valoroso e sua casa será honrada. Mas que festa é esta? Qualquer pessoa sensata se assombraria com os abusos destes homens."

Telêmaco respondeu: "Se meu pai estivesse aqui, tudo seria diferente. Mas ninguém sabe onde ele está. Eu não estaria nesta situação se tivesse a certeza de sua morte. Nobres de Ítaca e de outras ilhas, candidatos à mão de minha mãe, devoram os meus bens. Em breve se lançarão sobre mim."

Ao ouvi-lo, disse Palas Atena: "Como estás sofrendo pela falta de teu pai! Ele saberia castigar esses aproveitadores, mas se lutares contra

eles, vais abreviar os teus dias. Presta atenção ao que digo: amanhã, deves convocar os aqueus para uma reunião na ágora e insistir para que esses homens voltem a suas casas. Se tua mãe quiser se casar, deve retornar para a casa de seu pai. Quanto a ti, reúne remadores para um barco e parte em busca de notícias sobre teu pai. Deves ir a Pilos, conversar com Nestor. Depois, irás a Esparta, onde vive Menelau, o último rei que retornou de Troia. Se disserem que teu pai está vivo, espera um ano antes de voltar para tua casa.Mas se ele estiver morto, deves voltar logo para Ítaca, onde levantarás um túmulo e cumprirás os rituais. Lembra do renome alcançado por Orestes ao matar Egisto, o assassino de seu pai. Com tua força e beleza, vais deixar um nome honrado a teus descendentes."

Inspirado pelas palavras de Atena, Telêmaco foi ao encontro dos pretendentes. O aedo cantava o regresso dos heróis, ao final da guerra de Troia, e seu canto chegou ao andar superior, onde estava Penélope. Com o rosto coberto por um véu, ela desceu as escadas, acompanhada de duas escravas. Chegando à sala, disse, entre lágrimas, ao divino aedo: "Fêmio, traz outra história para alegrar os que bebem vinho e põe fim a esse canto triste, que oprime o meu coração".

Telêmaco, então, lhe disse: "Por que impedes o aedo de escolher o seu canto? A culpa não é dos aedos, mas de Zeus, que decide a sorte dos homens. Odisseu não foi o único a se perder, pois muitos heróis morreram em Troia. Volta para os teus aposentos e cuida de teus afazeres. A palavra pertence aos homens e quem manda nesta casa sou eu."

Surpresa pela reação do filho, mas atenta àquelas palavras, Penélope voltou aos seus aposentos, onde chorou por seu esposo Odisseu, até Atena fechar seus olhos, dando-lhe um sono tranquilo.

Na sala sombria, porém, os pretendentes gritavam, desejosos de se deitar com ela. Telêmaco pediu silêncio e os convidou para se reunirem na ágora na manhã seguinte. Disse também que deviam abandonar o palácio, para que ele, Telêmaco, não tivesse que clamar a Zeus por vingança.

Antino, um dos pretendentes, disse que Telêmaco não seria rei de Ítaca, mesmo sendo filho de Odisseu. O rapaz respondeu que era dono de sua casa, de seus escravos e da herança de Odisseu. Disse também que, se fosse por vontade de Zeus, ficaria feliz em ser o rei de Ítaca, pois reinar não era um mal.

Outro pretendente, Eurímaco, filho de Pólibo, perguntou quem era o homem com quem ele havia conversado. Telêmaco respondeu que era um amigo de seu pai. No entanto, em seu íntimo, ele sabia que conversara com um deus. Os pretendentes festejaram até o anoitecer, mas quando o sono chegou, foram dormir em suas casas.

Afinal, Telêmaco seguiu para o seu quarto. Ia acompanhado pela escrava Euricleia, que levava os archotes acesos para iluminar seu caminho. Laertes, pai de Odisseu, comprara aquela escrava ao preço de vinte bois e a tratava honrosamente. De todas as escravas, a velha Euricleia era a mais querida de Telêmaco, pois havia cuidado dele desde pequeno e sua estima era verdadeira. Depois que a velha Euricleia se retirou, fechando o ferrolho da porta, Telêmaco, deitado em sua cama e envolto em peles de ovelha, pensou a noite inteira na viagem recomendada por Atena.

CANTO 2

TELÊMACO REÚNE OS HOMENS NA ÁGORA

Quando a Aurora de dedos rosados surgiu no céu, o filho de Odisseu se levantou, ajustou sua espada às costas e seguiu em direção à ágora. Os arautos chamaram os homens de Ítaca para a assembleia e eles atenderam à convocação. Quando Telêmaco chegou à ágora, armado com uma lança de bronze, todos se voltaram para admirá-lo e os anciãos lhe deram assento na cadeira de seu pai. O primeiro a falar foi um velho homem, pai de Antifo, que acompanhara Odisseu a Troia, e de Eurínomo, um dos pretendentes. Ele se lembrou, chorando, de que aquela era a primeira vez que se reuniam depois da partida de Odisseu. Perguntou quem havia convocado a assembleia e desejou que a reunião tivesse bom termo. Telêmaco avançou para o meio da ágora e pegou o cetro que estava com o arauto. Em seguida, dirigindo-se ao velho homem que acabara de falar, disse:

"Ancião, fui eu que convoquei a assembleia, pois nenhum sofrimento se compara ao meu. Não foi um assunto público o que me levou a convocá-los, mas os meus próprios interesses. Fui movido pelos infortúnios que se abateram sobre mim. Perdi meu pai, que reinou sobre essas terras, e agora, uma desgraça maior ameaça a minha casa e os meus recursos. Alguns pretendentes assediam minha mãe, sem respeitar a sua recusa. Podiam ir à casa de Icário, o pai dela, para que

ele escolhesse o marido de sua preferência, mas em vez disso, matam nossos bois, ovelhas, cabras e bebem nosso vinho. Eu, sozinho, não tenho forças para enfrentá-los. São indecorosos, desavergonhados, e não os suporto mais. Invoco Zeus Olímpico e Têmis, que convoca e dissolve as assembleias. Peço ajuda para que esses abusos cessem afinal. Peço também que não incitem os seus filhos contra mim. Se atacassem somente os meus rebanhos, eu poderia pedir indenização, mas seus ataques agridem minha honra e para esse mal não haverá compensações."

Ao terminar o que tinha a dizer, Telêmaco atirou o cetro no chão e começou a chorar, comovendo a assembleia. Todos ficaram em silêncio, menos Antino, que respondeu: "Telêmaco, que palavras arrogantes são essas? Queres nos ridicularizar? A culpa não é dos pretendentes, mas de tua mãe, com suas artimanhas. Faz três anos, quase quatro, que ela nos ilude com promessas. Sua última trapaça foi armar um grande tear em seu quarto, dizendo que teceria uma mortalha para seu sogro, Laertes, um homem idoso. Penélope garantiu que, assim que terminasse o trabalho, escolheria um marido entre nós. Por três anos, porém, ela nos enganou. Ao chegar o quarto ano, uma das escravas nos contou que ela desmanchava à noite o que tecia durante o dia. Nós forçamos Penélope a terminar o trabalho e agora deves mandá-la para a casa de seu pai, o velho Icário. Obriga tua mãe a se casar com quem ele determinar. Enquanto a rainha insistir nessas artimanhas e se recusar a escolher um de nós, vamos continuar a consumir os teus recursos."

Telêmaco lhe respondeu prudentemente: "Antino, se ela não quiser sair, não posso expulsá-la de casa. Se assim fizesse, atrairia o ódio de meu avô Icário, pai de minha mãe, e seria punido pelos deuses. Ela invocaria a vingança das Eríneas e todos me condenariam. Peço

que saiam de minha casa, pois se continuarem lá, espero que sejam punidos por Zeus.”

Ao ouvir as palavras de Telêmaco, Zeus, o que tudo vê, enviou duas águias, que voaram durante algum tempo ao sabor do vento. Ao sobrevoarem a assembleia, se enfrentaram em pleno ar, rasgando com as garras a cabeça e o pescoço uma da outra. Os que ali estavam ficaram assombrados. Então um velho falou: “Homens de Ítaca! Uma grande desgraça paira sobre os pretendentes! Odisseu está próximo e tem planos de morte. Quando ele chegar, nenhum deles escapará. Sei o que digo. Todas as minhas predições se cumpriram!”

Eurímaco replicou: “Velho, vá para casa profetizar para os teus filhos. Odisseu está morto e lamento que não tenhas morrido com ele. Iludes o rapaz com promessas inúteis. Telêmaco deve levar sua mãe para a casa de seu pai, o velho Icário. Nós não temos medo de ninguém e vamos continuar a consumir os seus bens.”

Telêmaco disse que não falaria mais sobre aquele assunto. Pediu então que lhe dessem um barco e uma tripulação de vinte homens, para uma viagem a Pilos e Esparta, onde buscaria informações sobre seu pai. Nesse momento, um amigo de Odisseu, chamado Mentor, se ergueu e falou:

“Prestem atenção, todos vocês! Não há mais bondade e justiça? É melhor ser violento e praticar crimes? Ninguém mais se lembra de Odisseu? Saibam que a arrogância dos pretendentes, ao roubarem os bens de Odisseu, coloca em risco suas cabeças. Quem garante que ele não voltará? O que me indigna é o silêncio de todos, que não ousam desafiar esses atrevidos.”

Os pretendentes responderam com insolência às palavras de Mentor e perguntaram se ele acreditava que alguém poderia enfrentá-los. Eles eram muitos e se Odisseu voltasse, não conseguiria,

sozinho, expulsá-los de sua casa. Se ousasse investir contra tanta gente, encontraria somente a morte. A assembleia foi dissolvida e os pretendentes voltaram para a casa de Odisseu.

Telêmaco caminhou até a praia, lavou as mãos na espuma do mar e pediu ajuda a Atenas, pois seu projeto de viajar para buscar informações sobre seu pai havia sido contrariado pelos pretendentes. A deusa se aproximou, com a aparência de Mentor, e disse que, em vez de se acovardar, ele deveria se preparar para partir.

Ao chegar em casa, Telêmaco viu que os pretendentes esfolavam cabras para mais um banquete. Antino aproximou-se rindo, arrogante, e disse com ironia: "Telêmaco, onde estão tuas palavras orgulhosas? Por que estás aborrecido? Vem comer conosco, como fazias antes. Terás o barco, os remadores, e logo estarás em Pilos, onde te darão notícias de teu nobre pai."

Depois de recusar o convite para se sentar ao lado dos pretendentes, Telêmaco respondeu que tentaria conseguir o barco que a assembleia havia lhe negado. Enquanto isso os pretendentes conversavam entre si sobre o ódio que o rapaz sentia por eles. Temiam que Telêmaco trouxesse reforços ou comprasse algum veneno para misturar ao vinho que bebiam. Então começaram a falar que a morte do rapaz seria bem-vinda e oportuna.

Ao deixar os pretendentes, Telêmaco foi até a sala onde eram guardados os tesouros da casa, bem vigiados por Euricleia, e lhe falou: "Mãezinha, separa ânforas com o melhor dos vinhos, o que guardas para o dia do retorno de Odisseu. Em segredo, enche doze odres, ajustando bem suas tampas, e separa vinte medidas de farinha de cevada. Virei buscar à noite, depois que minha mãe estiver descansando em seus aposentos. Vou viajar até Esparta e Pilos, para buscar notícias de meu pai."

Euricleia, aflita, pediu a Telêmaco para ficar em Ítaca. Disse que os pretendentes lhe armariam uma emboscada, mas o rapaz respondeu: "Fica tranquila. Eu não teria tomado essa decisão sem orientação divina. Deves jurar que não vais contar nada disso a minha mãe, antes de onze ou doze dias, ou quando ela perguntar por mim."

A velha ama jurou guardar segredo e separou os mantimentos pedidos pelo rapaz. Enquanto isso, Atena, assumindo a aparência de Telêmaco, conseguiu um barco, remadores, e deixou tudo pronto para a partida. Em seguida, a deusa derramou um sono suave nos olhos dos pretendentes que foram dormir em suas casas, na cidade.

Tendo retomado o aspecto e a voz de Mentor, Atena chamou Telêmaco para avisar que o barco estava pronto e os remadores esperavam a ordem de partir. Telêmaco seguiu a deusa até o cais e mandou os barqueiros levarem os mantimentos para o barco. Depois de colocarem as provisões a bordo, soltaram as amarras e Telêmaco deu a ordem de partida. Com o mastro erguido e as velas brancas içadas, Atena fez soprar um vento favorável e se sentou à popa.

Telêmaco se acomodou ao lado da deusa de olhos de coruja. O vento enfunou a vela e a quilha do barco cortou as ondas. O vinho foi servido e todos fizeram libações aos deuses, saudando primeiro o grande Zeus e sua filha, a deusa dos olhos brilhantes. O barco negro seguiu o seu destino, atravessando a noite, até que, ao fim do caminho, foi saudado pelo amanhecer.

CANTO 3

TELÊMACO ENCONTRA NESTOR DE PILOS

O sol se ergueu no mar resplandecente e seguiu para o alto do céu, onde ilumina deuses e homens. O barco de Telêmaco chegou a Pilos em meio a uma cerimônia na praia, presidida pelo rei Nestor, domador de cavalos. Nove touros negros estavam sendo sacrificados a Poseidon, o deus de escura cabeleira. Nove fileiras de assentos distribuíam-se na orla e, em cada uma delas, se sentavam quinhentos homens.

Telêmaco desembarcou ao lado de Atena, que continuava disfarçada como o velho Mentor, e seguiram até onde os homens assavam as coxas dos touros sacrificados. A deusa disse a Telêmaco para não ser tímido. Afinal, haviam cortado as ondas do mar para que ele tivesse notícias de seu pai. Por isso, disse a deusa, ele devia ia até Nestor, domador de cavalos, e apresentar-se como filho de Odisseu. Em seguida, perguntaria ao rei que notícias poderia lhe dar sobre o seu pai.

Telêmaco teve medo de não saber se expressar, mas Atena, a de olhos brilhantes, disse que ele encontraria as palavras certas, inspirado por alguma divindade. A deusa foi caminhando à frente de Telêmaco, que a seguiu até próximo ao lugar onde estava Nestor. O velho rei acenou, chamando os visitantes, e seu filho, Pisístrato, serviu o vinho

em uma taça de ouro, que ofereceu primeiro a Mentor, por ser o mais velho, pedindo que orassem ao deus do mar.

A deusa Atena, ainda disfarçada como Mentor, rogou a Poseidon que concedesse honras a Nestor, aos seus filhos, e a todos os que ali estavam. Por fim, Atena pediu a Poseidon, o que faz tremer a terra, que permitisse ao barco de Telêmaco um retorno tranquilo, depois que o rapaz cumprisse os objetivos daquela viagem. Em seguida, as carnes assadas foram retiradas dos espetos e divididas entre todos. Após comerem e beberem, Nestor perguntou aos visitantes quem eles eram, de onde vinham e o que estavam fazendo ali.

Com a coragem infundida pela deusa, Telêmaco respondeu ao rei, dizendo estar em busca de notícias de seu pai, Odisseu, que havia combatido ao lado de Nestor na guerra de Troia. "Sabemos do retorno de todos os heróis que lutaram contra os troianos, mas o destino de Odisseu continua ignorado. Ninguém sabe onde morreu, se em terra firme, atacado por homens, ou se no mar, coberto pelas ondas. Por isso estou aqui, abraçado a teus joelhos, para que me contes o que sabes, sem o uso de palavras doces. Fale com franqueza e não me esconda nada."

Então Nestor, condutor de carros, lhe falou: "Nossos sofrimentos começaram na viagem, quando ainda estávamos no mar. No cerco às muralhas de Príamo, também sofremos pela perda de muitos companheiros. Foi lá que morreu meu filho, o destemido Arquíloco. Lutamos por nove anos, até que Zeus decretou o fim dos conflitos. Depois de saquearmos a cidade de Príamo voltamos aos nossos barcos, mas Zeus decidiu atrasar nosso retorno e muitos sofreram pela ira de Atena. Menelau queria partir imediatamente, Agamênon, porém, insistiu em ficar para sacrificar aos deuses. Os dois se desentenderam

e os aqueus se separaram. Cada grupo de homens seguiu o seu chefe. Dentre todos os aqueus, ninguém era mais ardiloso que o teu pai, de quem jamais discordei em ideias e sentimentos. O grupo liderado por Odisseu, o habilidoso, lançou seus barcos ao mar e acionou os remos.

Quanto a mim, decidi embarcar as escravas, o resultado do saque e, bem depressa, fugir dali. Navegamos até Tênedo, onde oferecemos sacrifícios aos deuses. Menelau veio mais tarde e nos alcançou em Lesbos. Nossos barcos foram atravessando as águas e, no raiar do quarto dia, Diomedes chegou a Argos. Quanto a mim, aproveitei o vento favorável e segui para Pilos. Depois que cheguei a minha terra, não tive mais notícias. Dizem que os outros heróis, aqueles que sobreviveram à guerra, regressaram a suas casas. O mar não roubou a vida de nenhum deles. Em tua terra, tu também deves ter ouvido falar sobre a morte de Agamênon, tramada por Egisto, e também como a espada de seu filho, Orestes, abateu o assassino desse homem ilustre. Vejo que tu, meu rapaz, tão belo e forte, também serás razão de orgulho para os teus filhos."

Telêmaco lhe respondeu com palavras sensatas: "Nestor, glória dos aqueus, que os deuses me deem forças para não deixar impune a insolência dos pretendentes que arruínam minha casa. Mas a sorte que me coube foi diferente daquela que os deuses destinaram ao meu pai. O que me resta é apenas suportar."

Nestor, domador de cavalos, respondeu: "Ouvi dizer que tua mãe é assediada por numerosos pretendentes. Tu te deixas dominar por eles, ou é o povo que, por intervenção de alguma divindade, não te dá apoio? Quem dera Atena, a deusa dos olhos de coruja, te favorecesse, assim como favoreceu teu pai! Se ela quiser te ajudar, os pretendentes vão desistir desse casamento."

Telêmaco respondeu às palavras de Nestor, dizendo que não acreditava ser possível, para ele, receber algum auxílio celeste. Então Atena, a deusa de olhos brilhantes, interveio, afirmando que era fácil, para um deus, ajudar os homens. Em seguida, disse ser melhor sofrer infinitas privações, mas conseguir voltar ao lar, do que enfrentar o destino do rei Agamenon, traído e assassinado por Egisto, seu primo, e por sua própria esposa, Clitemnestra, ao voltar para casa, após a guerra de Troia. Por fim, a deusa concluiu, lembrando que a morte é comum a todos os homens e nem os deuses podiam afastá-la de seus protegidos.

Telêmaco pediu para mudarem de assunto, pois seu pai certamente estava morto e não voltaria para casa. Em seguida, virando-se para Nestor, perguntou sobre a morte de Agamenon e o velho rei lhe respondeu: "Enquanto nós lutávamos, longe de casa, Egisto seduziu com belas palavras a esposa de Agamenon. Ao voltarmos de Troia, navegamos juntos por algum tempo, mas no meio do caminho o piloto da nave de Menelau morreu. O rei decidiu ancorar em uma praia para prestar honras fúnebres ao amigo e se atrasou na viagem. Ao voltar para o mar, uma tempestade o levou à costa do Egito, onde ficou por alguns anos. Enquanto isso, Egisto tramava a morte de Agamenon. Depois de consumado o crime, por sete anos ele reinou sobre Micenas. No oitavo ano, porém, o nobre Orestes, filho de Agamenon, regressou de Atenas e o matou. Naquele mesmo dia, Menelau chegou com seus barcos, a tempo de participar do banquete fúnebre de Egisto e Clitemnestra. Escuta bem o meu conselho: não deves ficar muito tempo longe de teus bens e de teu palácio. Vá depressa ver Menelau, que há pouco voltou de terra estranha, e peça-lhe que conte tudo o que sabe a respeito de teu pai."

O sol havia se posto. Atena, a deusa de olhos brilhantes, lembrou a todos que estava ficando tarde para homenagens aos deuses. Por isso deviam fazer logo as libações e, em seguida, se recolherem para dormir. Os que ali estavam, atendendo suas sábias palavras, fizeram as libações aos deuses e beberam o vinho..

Quando Telêmaco se preparava para voltar ao barco, Nestor convidou o rapaz para dormir em seu palácio. Atena, ainda disfarçada de Mentor, disse que dormiria no barco. No entanto, quando se dirigia ao mar, transformou-se em uma águia marinha, deixando a todos espantados com a estranha visão. Admirado com o que presenciara, Nestor disse a Telêmaco que os deuses o acompanhavam, afirmando que Mentor era, certamente, Atena, a filha de Zeus, disfarçada.

Ao nascer o sol, anunciado pela Aurora de dedos rosados, Nestor reuniu seus filhos para uma cerimônia em honra de Atena. Depois de sacrificarem uma vitela e a oferecerem à deusa, assaram sua carne e se serviram de vinho. Depois disso, Nestor escolheu um carro leve, puxado por cavalos velozes, e deu a Pisístrato, um de seus filhos, o encargo de levar Telêmaco até o palácio de Menelau.

Depois de separarem o que precisavam para a viagem, os dois rapazes tomaram seus lugares no carro. O filho de Nestor segurou fortemente as rédeas e, vibrando o chicote, fez os cavalos voarem, fogosos, em direção à Lacedemônia. Logo chegaram à planície onde cresciam as lavouras de trigo, destino de sua viagem. O sol havia se posto e as ruas da cidade se cobriam de sombras.

CANTO 4

TELÊMACO É RECEBIDO POR MENELAU

Ao chegarem à Lacedemônia, Telêmaco e Psístrato seguiram para o palácio de Menelau e encontraram o rei oferecendo um banquete pelo casamento de seus filhos. Foram bem recebidos na deslumbrante mansão e, em seguida, conduzidos a banheiras reluzentes. Depois de banhados pelas escravas, Telêmaco e Psístrato tiveram seus corpos ungidos com óleo perfumado e receberam túnicas limpas de algodão. Foram então convidados a ocupar poltronas próximas ao trono de Menelau, que brindou à saúde dos hóspedes e lhes ofereceu as melhores carnes.

Telêmaco se inclinou para o rei e, em voz baixa, para que ninguém mais pudesse ouvir, elogiou a beleza do palácio, dizendo que seria parecido, certamente, com o palácio de Zeus. Menelau respondeu que nenhum mortal poderia ser comparado ao grande Zeus. No entanto, duvidava que algum homem pudesse ser tão rico como ele.

Em seguida, o rei contou como havia conseguido tantas riquezas. Depois de deixarem Troia, uma tempestade levou os seus barcos para mares distantes. Passaram por Chipre, Fenícia, Egito, até alcançarem a Líbia, uma terra cheia de riquezas. Por sete anos vagaram pelo mundo, antes de retornarem à pátria.

Ao recordar o passado, Menelau lamentou o assassinato de seu irmão e as mortes de seus companheiros nos campos de Troia. Concluiu dizendo que nenhum dos aqueus havia passado por tantas provações como Odisseu, tanto tempo ausente, sem que ninguém pudesse afirmar se estava vivo ou morto.

Ao ouvir o nome do pai, Telêmaco cobriu o rosto com o manto, pois as lágrimas começaram a escorrer por sua face. Menelau percebeu a perturbação de seu hóspede, mas se manteve em silêncio, sem saber se devia falar algo ao rapaz, ou esperar para ouvir o que ele tinha a dizer. Pouco depois, a rainha Helena desceu as escadas para participar da festa e, ao ver Telêmaco, disse que nunca havia encontrado alguém que fosse tão parecido com Odisseu.

Nesse momento, Pisístrato revelou que seu hóspede era filho do rei de Ítaca. Explicou que Telêmaco viajava para se aconselhar, por causa das dificuldades que enfrentava em sua casa, e também para saber se o rei tinha alguma notícia de seu pai. Menelau disse que algum deus devia estar impedindo o retorno de Odisseu e todos choraram quando se lembraram do herói.

Para aliviar o sofrimento que se abatera sobre os que ali estavam, Helena colocou uma poção calmante no vinho e logo voltaram a se distrair com conversas mais alegres. Então a rainha contou como Odisseu, disfarçado de mendigo, havia atravessado as muralhas de Troia para obter informações sobre as defesas da cidade.

Ela o reconheceu, o acolheu, e por isso Odisseu contou sobre o cavalo de madeira, revelando seu plano para invadir a cidadela de Troia. Helena concluiu dizendo que, ao final, depois de os gregos massacrarem os troianos e atearem fogo à cidade, enquanto as mulheres se lamentavam ela exultava de alegria, pois, livre do poder

de Afrodite, só desejava voltar para sua casa.

Menelau se lembrou de como Helena havia contornado o cavalo de madeira, onde estavam escondidos os melhores guerreiros gregos, e chamado cada um deles pelo nome, imitando a voz de suas esposas. Se tivessem respondido, teriam sido descobertos e mortos. Graças a Odisseu os homens se mantiveram imóveis e silenciosos em seu esconderijo, até que Atena afastasse Helena para longe dali. Como já se aproximava a madrugada, Helena mandou que preparassem as camas para os hóspedes e todos foram dormir.

No outro dia, quando surgiu no céu a Aurora de dedos cor-de-rosa, Menelau foi ao encontro de Telêmaco. Sentando-se ao seu lado, o rei perguntou a razão daquela viagem e porque havia atravessado o mar para procurá-lo tão longe. Telêmaco respondeu que viajava em busca de notícias do pai. Contou sobre os insolentes pretendentes de Penélope, que devoravam o seu gado e bebiam todo o seu vinho. Por isso precisava saber se o pai estava morto, ou se ainda vivia.

Menelau ficou indignado ao saber o que acontecia em Ítaca. Disse que, se Odisseu voltasse, certamente enfrentaria os pretendentes e lhes daria a morte merecida. Em seguida, contou a Telêmaco que, ao deixar o Egito, seus barcos aportaram na Ilha de Faros, para se abastecerem de água fresca. Por falta do vento necessário para enfunar as velas e empurrar os barcos para o mar, ficaram retidos nessa ilha por vinte dias.

Uma tarde em que caminhava na praia, em busca de comida, uma ninfa do mar lhe apareceu, dizendo que devia ir embora dali. Ao perguntar qual dos deuses imortais o prendia na ilha, a ninfa respondeu que aquela resposta poderia ser dada por Proteu, o Velho do Mar. A divindade transformava-se em qualquer coisa que desejasse e sabia as

respostas para todas as perguntas. Em seguida, a ninfa contou o que ele deveria fazer para submeter Proteu e obter as respostas desejadas.

Seguindo as orientações da ninfa, Menelau esperou Proteu dormir e, rapidamente, com três de seus homens, se lançou sobre ele e o imobilizou. Proteu se transformou em leão, dragão, pantera, javali, água corrente e em uma grande árvore. Quando o velho do mar recuperou afinal a forma humana, Menelau perguntou o que queria saber. Proteu respondeu que o rei devia fazer sacrifícios aos deuses, antes de voltar para casa. Em seguida, contou sobre a traição de Egisto e o assassinato de Agamenon. Diante da terrível notícia, Menelau lançou-se à areia da praia, chorando e se lamentando pela morte de seu irmão. Então o Velho do Mar disse a Menelau para se apressar e partir, pois talvez chegasse a tempo de se vingar dos assassinos.

Mais reconfortado, Menelau pediu notícias dos outros reis que haviam lutado em Troia. Soube então que Odisseu estava vivo, preso na ilha da ninfa Calipso, sem os companheiros e sem o seu barco. Proteu disse a Menelau que seu futuro seria abençoado pelos imortais e, em seguida, afastou-se e mergulhou no mar. Após refletir sobre as palavras do Velho do Mar, Menelau decidiu retornar ao Egito, onde ofereceu um grande sacrifício aos deuses. Depois disso, os ventos sopraram favoráveis, conduzindo os barcos de volta à pátria.

Ao terminar seu relato, Menelau convidou Telêmaco para ficar mais alguns dias. Prometeu ao rapaz, como presente, um carro de madeira puxado por três cavalos, e uma bela taça para libações. Telêmaco agradeceu o presente, mas o recusou, dizendo que em Ítaca, uma ilha acidentada e rochosa, não havia planície onde o carro pudesse rodar. Aceitaria somente a taça como presente.

Enquanto Telêmaco, em terras da Lacedemônia, conversava com

Menelau, em Ítaca os pretendentes se divertiam no palácio de Odisseu. Estavam bebendo e se banqueteando quando o jovem que emprestara o barco a Telêmaco veio perguntar quando ele voltaria para casa. Os pretendentes, que não sabiam da partida do rapaz, ficaram irritados, pois o haviam proibido de viajar. Resolveram, então, preparar uma emboscada para atacá-lo antes que chegasse a Ítaca.

No entanto, um homem que ouvira o que os pretendentes planejavam, bem depressa foi contar a Penélope. A rainha, chorando, chamou um escravo, pensando em mandá-lo até a casa de Laertes, o velho pai de Odisseu, para pedir ajuda. Nesse momento, a boa Euricleia revelou que sabia daquela viagem e que Telêmaco lhe exigira um juramento de silêncio, pois não queria aumentar o sofrimento de sua mãe. Por fim, Euricleia lembrou a Penélope que ela deveria tomar um banho, vestir roupas limpas e orar para que Atena guardasse o jovem Telêmaco.

A rainha seguiu os conselhos da velha escrava e depois de orar para a deusa Atena, adormeceu. Então Atena criou uma imagem, semelhante a uma velha amiga da rainha e a visitou em um sonho. Penélope falou sobre a viagem do filho e o medo que sentia de que algo terrível pudesse lhe acontecer. A amiga, em resposta, disse que ela não devia se preocupar, pois Telêmaco estava acompanhado de Atena, sua protetora. Depois disso, ela se transformou em fumaça, desaparecendo no ar. Penélope acordou, sentiu o coração em paz, e perguntou a si mesma como no meio das trevas da noite um sonho podia ser tão claro e nítido.

Enquanto isso, os pretendentes, planejando uma morte cruel para Telêmaco, prepararam um barco e se lançaram ao mar. Dispostos a esperar a chegada do barco do rapaz, navegaram até uma ilha rochosa, próxima a Ítaca, e ali se puseram de emboscada.

CANTO 5

ODISSEU NA ILHA DE CALIPSO

Quando a Aurora se ergueu para trazer ao mundo a luz do amanhecer, encontrou os deuses reunidos em assembleia, no alto do monte Olimpo. A deusa Atena falava de Odisseu e de seus sofrimentos. Acusava os deuses de não se lembrarem do herói, prisioneiro na ilha da ninfa Calipso, e nem de seus feitos, pois o haviam abandonado. Como se isso não bastasse, a vida de seu filho estava ameaçada pelos pretendentes, que haviam se reunido para emboscá-lo após sua viagem a Pilos.

Zeus, o amontoador de nuvens, respondeu que a deusa não devia dizer tais palavras, pois ela mesma já havia concebido um plano para libertar Odisseu e conduzi-lo de volta a Ítaca. Em seguida, chamou Hermes, o mensageiro dos deuses, e o enviou à ilha de Calipso, de belas tranças, para avisar que Odisseu precisava retornar a sua casa sozinho, em uma jangada, pois o seu destino era rever os que amava.

Sem demora, Hermes calçou suas sandálias de ouro, voou sobre o mar até a ilha de Ogígia, onde vivia Calipso, e transmitiu as ordens de Zeus. A ninfa ergueu a voz, acusou os deuses de serem cruéis e invejosos, pois lhe recusavam o direito de se unir a um mortal. "Eu o salvei do mar, o alimentei e amei. Queria torná-lo imortal, livrá-

lo da velhice e da morte, mas como nenhum de nós pode deixar de cumprir a vontade de Zeus, devo aceitar sua partida. No entanto, não posso ajudá-lo a partir, pois não tenho barco, nem marinheiros que o conduzam sobre a vastidão do mar. O que posso fazer é aconselhá-lo, para que volte em segurança a sua terra."

Antes de partir, Hermes alertou Calipso de que ela devia obedecer as ordens de Zeus, se não quisesse conhecer a ira do deus dos deuses. A ninfa foi procurar o herói e o encontrou na praia, chorando, pois já não tinha esperanças de voltar para casa. Então Calipso disse a Odisseu que se ele estivesse disposto a enfrentar sozinho o mar, poderia abater árvores para fazer uma jangada.

O herói, que tanto havia sofrido, estremeceu diante das palavras da ninfa. "Quer mesmo, deusa, que eu enfrente sozinho, numa simples jangada, os perigosos abismos do mar? A travessia é difícil até para barcos velozes, empurrados por ventos favoráveis, enviados por Zeus. Só embarcarei em uma jangada se tiver o teu juramento de que não me envias para uma desgraça maior."

A ninfa sorriu e respondeu que Odisseu era um tolo. Em seguida, jurou pelas águas sagradas do Estige que não havia nenhum plano traçado por ela para prejudicá-lo, mas avisou ao herói sobre os muitos sofrimentos pelos quais deveria passar, antes de voltar ao lar. Por fim, prometeu que lhe daria água e comida para a travessia.

Em sua gruta profunda, Calipso ofereceu a Odisseu ambrosia e néctar, os alimentos dos deuses. Disse que se o herói escolhesse, por sua própria vontade, esquecer a esposa e ficar com ela, em Ogigia, teria como recompensa a eternidade. Entre ser imortal e recuperar a vida que tinha como mortal, Odisseu escolheu voltar para casa.

Quando a Aurora de dedos rosados se ergueu no céu, Odisseu

começou a trabalhar. Cortou os troncos de vinte árvores e as desbastou com um machado de bronze. Depois, uniu os troncos com pinos feitos de madeira mais dura e vedou as fendas. Em seguida, o herói costurou a vela, usando tecidos grossos de linho. Ao final de quatro dias de trabalho, Odisseu prendeu a vela ao mastro e instalou o leme.

Com a jangada carregada de água, vinho e alimentos, Odisseu soltou as velas ao vento, seguindo as estrelas Plêiades e mantendo a constelação da Ursa sempre à esquerda, como Calipso lhe recomendara. Vagou por dezessete dias e dezessete noites. No décimo oitavo dia, avistou os montes nevoentos da terra dos feáceos, que em meio à névoa marinha tinham a aparência de um escudo.

Nesse meio tempo, o poderoso Poseidon , que voltava da terra dos Etíopes, avistou a jangada navegando sobre o mar. Furioso, percebeu que os deuses haviam mudado os seus planos em relação ao destino de Odisseu. Vendo que o herói estava bem próximo da terra dos feáceos, onde era seu destino encontrar a salvação, enviou uma terrível tempestade.

Ondas imensas se ergueram no mar. Sem piedade, os ventos atiravam a jangada de um lado para outro. Uma grande onda cobriu a frágil embarcação, quebrou o mastro e atirou Odisseu ao mar. Mas o herói nadou em direção à jangada e conseguiu agarrar-se ao madeirame.

Ao ver o que acontecia, Leucoteia, a deusa branca, teve piedade de Odisseu e, como uma gaivota, se ergueu do mar. A deusa, que havia sido uma princesa mortal, filha do rei Cadmo, subiu à jangada, aproximou-se do herói e falou: "Por que Poseidon te odeia assim? Ele quer te ver sofrer, mas não pode tirar tua vida. Faz o que digo: despe todas as tuas roupas e deixa os ventos levarem a tua jangada. Deves

te cobrir com este manto divino e usar os braços para chegar à terra dos feáceos. Quando alcançares terra firme, devolve o manto ao mar e segue em frente, sem olhar para trás.”

Depois de lhe passar o manto, Leucoteia mergulhou no mar, como se fosse uma ave marinha. Odisseu se perguntava se deveria obedecer às ordens da deusa, quando uma onda negra, colossal, erguida por Poseidon, se abateu sobre a jangada, destroçando-a completamente e dispersando suas pranchas. Odisseu agarrou-se a um pedaço de madeira e seguiu saltando sobre as ondas, como se cavalgasse um cavalo bravo. Sem alternativa, ele despiu todas as suas roupas, vestiu o manto, uma proteção contra a morte, e se lançou às águas.

Quando o poderoso deus Poseidon, aquele que faz tremer a terra, viu Odisseu nadando em direção à terra dos feáceos, decidiu deixá-lo seguir seu destino, reconhecendo que o herói já havia sofrido demais. Então, o deus dos mares chicoteou os cavalos de belas crinas, que puxavam sua carruagem, e seguiu para o seu palácio. Sem perda de tempo, Atena, filha de Zeus, correu para acalmar os ventos.

Por duas noites e dois dias Odisseu nadou à deriva e mais de uma vez enfrentou a morte. Ao amanhecer do terceiro dia, o herói viu que a terra estava muito próxima, mas preocupou-se ao perceber os íngremes paredões de pedra, cercados de rochedos pontiagudos, onde as ondas batiam fazendo um enorme fragor. Vendo que não poderia se aproximar de terra firme, Odisseu se desesperou. Morreria despedaçado, se as ondas o lançassem contra as pedras afiadas.

Inesperadamente, uma enorme onda se abateu sobre o herói e o jogou contra as pontas cortantes dos recifes. Se não fosse o auxílio de Atena, seus ossos teriam se partido. Odisseu se agarrou à ponta de uma pedra, esperou que a onda recuasse, e só então continuou a

nadar ao longo da perigosa costa, até chegar à embocadura de um rio, um lugar sem altas rochas e sem ventos fortes. Ao se aproximar das águas doces, Odisseu orou para o deus do rio: "Senhor, não sei o teu nome, mas invoco tua piedade. Sou um fugitivo das ondas e da ira de Poseidon. Curvo-me diante de ti, suplicando a tua proteção."

Essas palavras fizeram o rio acalmar suas ondas, recebendo o herói em sua embocadura. Odisseu ajoelhou-se e suas mãos penderam sobre o solo. Seu coração batia como se fosse parar. Abatido por um terrível cansaço, perdeu os sentidos. Ao se recuperar, retirou o manto que a deusa Leucoteia havia lhe emprestado e o jogou nas águas do rio, para que chegasse às mãos da deusa branca.

Em seguida, Odisseu se afastou do rio e foi se refugiar entre os juncos que ali cresciam. Sabia que, se ficasse próximo à praia, gelaria com o frio da noite. Por isso resolveu alcançar um pequeno bosque que vicejava acima do barranco. Lá encontrou abrigo sob duas árvores, cujas copas, emaranhadas, o protegeriam dos ventos, das chuvas e da umidade das neblinas.

Odisseu se deitou sobre as folhas acumuladas debaixo das árvores e espalhou folhas secas sobre o seu corpo cansado. Atena verteu em seus olhos o precioso sono, para que suas pálpebras logo se fechassem e ele pudesse, bem depressa, livrar-se do extenuante cansaço.

CANTO 6

ODISSEU CHEGA À TERRA DOS FEÁCEOS

Enquanto Odisseu dormia, Atena seguiu para o palácio de Alcino, rei dos feáceos, e entrou no aposento da bela filha do rei, a jovem Nausica. A deusa se aproximou do leito onde a princesa repousava, tomou a forma de uma moça muito amiga de Nausíca e lhe apareceu em um sonho, dizendo: "Nausica, não acredito no tanto que és preguiçosa! Os teus vestidos estão jogados, em desordem. Logo te casarás e todas essas roupas deverão estar limpas e bem cuidadas. São muitos os rapazes de famílias nobres que desejam se casar contigo. Ouve, junta toda a roupa suja do palácio, coloca em uma carroça e vamos aos tanques. Quando amanhecer, chama algumas escravas. Iremos juntas lavar toda essa roupa. Pede a teu pai o carro e as mulas, pois como os lavadouros ficam longe da cidade, não podemos ir a pé."

Assim que amanheceu, Nausica, de níveos braços, foi procurar seus pais. A mãe, sentada perto do fogo, tecia fios cor de púrpura, acompanhada por duas escravas, e o pai estava próximo à porta, pois se preparava para sair. A princesa disse que ia lavar as roupas da família e pediu ao pai um carro coberto, de rodas altas. Enquanto Nausica colocava as roupas sujas no carro, sua mãe preparou um cesto com muita comida e encheu de vinho um odre de pele de cabra. A

jovem sentou-se no carro, acompanhada de suas escravas, e sua mãe lhe entregou um frasco com óleo perfumado, para passarem no corpo depois do banho.

Nausica chicoteou as mulas e logo chegaram à beira do rio, formado por muitas nascentes de águas cristalinas. As escravas desatrelaram as mulas, para que pastassem, e retiraram as roupas do carro, levando-as para os tanques. Ali as roupas foram esfregadas e batidas nas pedras para que as manchas se soltassem. Ao terminarem o trabalho, estenderam as roupas na praia, sobre os seixos lavados pelas ondas. Depois de se banharem e de amaciar sua pele com o óleo perfumado, fizeram um lanche à beira do rio. Enquanto esperavam a roupa secar, as moças se divertiam, cantando, dançando e jogando bola.

No meio da tarde, ao ver que as jovens começavam a dobrar as roupas secas, Atena resolveu agir. Em certo momento, a bola que a princesa atirou para uma escrava caiu no rio e as moças começaram a gritar, acordando Odisseu. O herói, que estava nu, cortou um ramo para esconder o sexo, ergueu-se de seu esconderijo e caminhou até elas. Todas fugiram, menos Nausica, que ficou imóvel, sem sair de seu lugar. Odisseu avaliou a situação, imaginando como deveria agir diante daquelas jovens. Por fim, escolheu palavras suaves, belas e astutas.

"Lanço-me aos teus pés, senhora. Tu és uma deusa ou uma mortal? Se fores uma divindade celeste, em beleza e porte te assemelhas a Ártemis, filha de Zeus. Mas se és mortal, três vezes venturosos são os teus pais e irmãos, pois muita alegria devem sentir ao te verem dançar. Certamente, ainda mais feliz será aquele cujo coração há de pulsar ao te levar para casa, rica em presentes de núpcias. Nenhuma mortal se iguala a ti. Quero abraçar os teus joelhos, mas recuo, pois ontem, depois

de vinte dias, fustigado pelas ondas, livrei-me do mar. Uma divindade aqui me lançou, mas não sei se meus sofrimentos chegaram ao fim. Como não conheço ninguém deste lugar, imploro ajuda, senhora, para este homem que muito sofreu. Que os deuses te concedam tudo o que teu coração mais deseja: marido, casa, conforto e concórdia no lar. A felicidade no casamento atiça a inveja dos inimigos e traz alegria aos amigos."

Nausica, de níveos braços, respondeu que lhe daria roupas e o conduziria à cidade. Disse que ele estava na terra dos feáceos e se apresentou como filha de Alcino, o rei daquele lugar. Em seguida, ordenou às escravas que lhe servissem pão e vinho. Depois de se alimentar, Odisseu banhou-se nas águas limpas do rio, untou seu corpo com óleo perfumado e vestiu-se com a túnica e o manto oferecidos pela princesa.

Atena fez Odisseu parecer mais belo e musculoso. Os cachos de seus cabelos lembravam as flores de jacinto. A deusa revestiu de sedução sua cabeça e ombros. Deslumbrante e encantador, ele caminhou até a praia e sentou-se na areia. Nausica o observava, fascinada, e comentou com suas escravas que aquele homem, antes de aparência tão comum, agora se assemelhava aos deuses. Era um homem como aquele que queria para esposo. Mandou as escravas servirem mais pão e vinho ao estrangeiro, pensando o que poderia fazer para que ele ficasse entre eles.

Com toda a roupa dobrada, Nausica, de níveos braços, atrelou as mulas, subiu ao carro e convidou Odisseu a segui-la: "Vem conosco, estrangeiro, mostrarei o caminho para o palácio de meu pai, onde conhecerás o mais nobre de todos os feáceos. Deves ir a pé junto com as escravas, seguindo o passo das mulas. Ao chegares à cidade,

cercada por muralhas e belas torres, verás o porto e seus ancoradouros, onde se abrigam as bojudas naus. Em frente ao porto está a ágora, revestida de blocos de pedra, diante do templo de Poseidon. É onde se prepara a equipagem das negras naus, as cordas, o velame e os polidos lemes. Os feáceos não apreciam arcos e flechas, pois preferem cuidar dos mastros e dos remos de seus barcos velozes, com os quais vencem alegremente as ondas do mar."

A princesa explicou que ele deveria seguir, um pouco mais atrás das escravas, para evitarem palavras maliciosas vindas do povo. Sabia que se os vissem juntos, não faltariam comentários maldosos: "Quem é esse homem que segue Nausica? Onde ela o encontrou? Será o seu escolhido? Será que veio em algum barco? Será que de tanto rezar, algum deus desceu dos céus para atender as suas preces? De onde será esse homem, já que ela rejeita os pretendentes daqui?"

Esses seriam os comentários, disse a princesa, e ela morreria de vergonha, pois ninguém apreciava as jovens que se metiam com os homens antes de seu casamento. Por fim, deu alguns conselhos sobre o que Odisseu deveria fazer quando chegasse ao palácio de seu pai: "Estrangeiro, presta atenção ao que digo. Se tu desejas a ajuda de meu pai para voltar a tua terra, quando nos aproximarmos da cidade, deves esperar em um bosque de álamos, consagrado a Atena. Ficarás por lá o tempo necessário para que eu e minhas escravas possamos chegar à casa de meu pai. Depois, deves te encaminhar para a cidade e pedir que te indiquem onde se ergue o palácio do grande rei Alcino, de quem sou filha. O palácio é a construção mais imponente deste lugar. Assim que chegares, atravessa o salão e segue em direção a minha mãe. Ela estará sentada ao lado de uma coluna, diante da lareira, fiando flocos de lã com a ajuda de algumas escravas. Junto à mesma coluna verás

o trono onde meu pai se senta para beber vinho. Deves passar por ele e te lançar, suplicante, aos joelhos de minha mãe. Se ela, em seu coração, te acolher com simpatia, poderás ter alguma esperança de voltar a tua pátria e rever teus entes queridos."

Depois de dar essas instruções a Odisseu, a princesa estalou o chicote sobre as mulas e se distanciou da margem do rio. Nausica conduzia o carro com muita atenção, para manter uma velocidade que não aumentasse muito a distância entre ela e os que a seguiam a pé: suas escravas e Odisseu. O sol começava a se pôr, quando chegaram ao bosque consagrado a Atena.

Ali Odisseu se deteve, como a princesa havia sugerido, e elevou uma prece à filha do grandioso Zeus: "Ouve-me, invencível deusa, nascida de Zeus, o portador do escudo. Tu, deusa, que não ouviu minhas preces quando eu sucumbia aos golpes inclementes daquele que faz tremer a terra, permite que eu tenha uma acolhida amistosa junto aos feáceos."

Assim Odisseu orou, e a deusa o ouviu. No entanto, Atena não se revelou ao herói, pois temia a reação de seu tio, o deus Poseidon, que o havia perseguido implacavelmente antes que alcançasse a costa.

CANTO 7

ODISSEU NO PALÁCIO DE ALCINO

Enquanto Odisseu, o homem que tanto havia sofrido, orava aos deuses, a princesa Nausíca, de níveos braços, chegou ao palácio. Seus irmãos desatrelaram as mulas e levaram as roupas para dentro, enquanto a princesa seguia para os seus aposentos, onde uma escrava acendeu o fogo e lhe preparou uma ceia. Nesse meio tempo, Odisseu se pôs a caminho e a deusa Atena, temendo que algum dos feáceos o abordasse com perguntas ou palavras ofensivas, lhe apareceu na forma de uma jovem com um jarro de água nos ombros. Odisseu perguntou se ela poderia levá-lo ao palácio de Alcino e a deusa disse que sim, pois a casa de seu pai era vizinha ao palácio. Em seguida, Atena recomendou que ele não falasse com ninguém, pois os feáceos não gostavam de estrangeiros.

Atena seguiu em direção à cidade, acompanhada por Odisseu. Ninguém os viu, pois a deusa envolveu o herói em densa neblina. Ao caminhar pelas ruas, Odisseu observou, com admiração, os ancoradouros, os velozes navios, as praças onde se reuniam os senhores e a grande muralha de firmes alicerces. Quando chegaram ao palácio, a deusa disse que ele veria muitos nobres, reunidos em torno de uma grande mesa, mas deveria seguir em frente, confiante, até o fundo da

sala, onde encontraria a rainha Arete, respeitada por sua sabedoria e generosidade. Se ele caísse nas boas graças da rainha, a sua volta para casa estaria garantida.

Depois de encaminhar Odisseu, Atena se afastou em direção à praia e ele atravessou a soleira de bronze do palácio. Ao entrar no salão, sentiu o coração bater fortemente, pois as paredes altas, revestidas de bronze e rematadas com um friso de esmalte azul, reluziam como o sol e a lua. As portas, guarnecidas em ouro, eram guardadas por estátuas de cães, de ouro e prata, esculpidas pelo deus Hefesto, o artista divino.

No salão, ao longo das paredes, enfileiravam-se poltronas recobertas por belas tapeçarias, onde os senhores daquelas terras se sentavam para comer e beber. Estátuas em ouro de belos rapazes, assentadas sobre sólidos pedestais, portavam os archotes que à noite iluminavam a sala durante os banquetes. No pátio do grande palácio, trabalhavam cinquenta escravas, moendo grãos, fiando, tecendo e produzindo óleo.

Fora do pátio, estendia-se um grande pomar, com muitas parreiras de uvas e árvores frutíferas, que produziam o ano inteiro. Nunca faltavam frutos, fosse inverno ou verão. As videiras produziam uvas para secar e para fazer o vinho. Ao lado do vinhedo, hortaliças e legumes cresciam em canteiros bem cuidados, viçosos em todas as estações. No pomar havia duas fontes que alimentavam dois córregos. Um era usado para regar o pomar, enquanto o outro seguia até o palácio e passava por baixo da soleira do pátio. E era nesse local que todos na cidade iam buscar água.

Ainda protegido pela névoa com a qual Atena o envolvera, Odisseu atravessou a sala, onde estavam sentados os senhores, os chefes e os conselheiros dos feáceos e se dirigiu à rainha Arete. No

momento em que se prostrou diante dela, a névoa se dissipou e ele abraçou os joelhos da rainha. Ao verem que havia um estranho na sala, todos se calaram e Odisseu fez sua súplica: "Oh, rainha Arete, depois de tantos sofrimentos, venho lançar-me aos teus pés, apresentando-me a teu esposo e a teus convidados. Que os deuses concedam a todos uma vida próspera. Peço que me ajudem a voltar para casa, o mais depressa possível, pois faz muito tempo que sofro, longe dos meus entes queridos."

Assim dizendo, Odisseu foi se sentar próximo à lareira, sobre as cinzas. Por muito tempo, todos ficaram calados. O silêncio foi quebrado pela voz de um velho herói, o mais idoso entre os feáceos. Ele disse que não convinha deixar um hóspede sentado no chão, sobre as cinzas da lareira. O que todos esperavam em silêncio era que o rei lhe oferecesse uma poltrona ornada de prata e ordenasse que lhe servissem comida e vinho, pois deviam fazer libações a Zeus, protetor daqueles que precisam de abrigo.

Alcino seguiu os conselhos do velho herói e se despediu dos convidados, combinando que no dia seguinte, pela manhã, se reuniriam para receber o estrangeiro com sacrifícios aos deuses e poderiam decidir sobre o seu regresso. Disse também que estava disposto a fazer o possível para atender o pedido daquele homem, pois sabia que os deuses, às vezes, costumavam visitar os homens e o estrangeiro que pedia pousada podia ser um deus, movido por algum desígnio. Odisseu replicou, dizendo que não se assemelhava aos deuses imortais, mas aos homens que sofriam pela vontade dos deuses. E afirmou: "Sou um homem".

Em seguida, Odisseu pediu ao rei que o deixasse comer, pois estava com muita fome, e que apressasse a decisão sobre o seu pedido.

Após as libações, os senhores feáceos se retiraram para suas casas e Odisseu ficou no palácio, com o rei e sua esposa. Enquanto as escravas retiravam a mesa, Arete, de braços alvos, que havia reconhecido a túnica e o manto vestidos por Odisseu, pois ela mesma os havia tecido, perguntou quem ele era, de onde vinha e quem lhe dera aquelas roupas.

Odisseu disse que seria difícil expor tudo o que lhe acontecera, pois os deuses celestes o haviam feito sofrer muito:

"Um raio de Zeus partiu o meu barco e todos os meus companheiros desapareceram. Abraçado à quilha da nau, vaguei por nove dias, perdido no mar revolto. Na décima noite, alcancei a ilha de Ogigia, morada de Calipso, a ninfa de belas tranças, que me recebeu com gentileza, alimentou-me e prometeu me tornar imortal. Mas o meu coração resistia. Por sete anos ali vivi, impedido de voltar ao lar. Afinal, não sei se por ordem de Zeus ou por uma mudança em seus sentimentos, ela me deixou partir. Vaguei sobre o mar em uma jangada, até que no décimo oitavo dia o meu coração se alegrou quando vi as montanhas desta terra. Mas Poseidon lançou os ventos contra mim e suas ondas destruíram minha jangada. Nadei sobre o abismo das águas e, chegando à embocadura de um rio, consegui alcançar a praia. Em terra, caminhei até um bosque, onde adormeci sobre um leito de folhas. No outro dia, acordei e vi tua filha com suas escravas. Pedi ajuda e ela me ofereceu alimentos, vinho, um banho no rio e estas roupas. Tudo o que te contei é verdadeiro."

Alcino respondeu que sua filha não havia agido corretamente, ao deixar para trás alguém que lhe pedira ajuda. Odisseu, porém, defendeu a jovem, dizendo que a princesa não merecia recriminações. Fora ele quem se recusara a acompanhar as escravas, sabendo que poderia provocar comentários maldosos e desagradar o coração de seu pai.

O rei Alcino, afetuosamente, respondeu que seus sentimentos não se alteravam facilmente, a não ser que tivesse bons motivos para isso, e completou: "A melhor escolha é sempre a da moderação. Por Zeus pai, por Atena e por Apolo, eu gostaria que alguém com tantas qualidades e sentimentos, assim tão semelhantes aos meus, escolhesse minha filha por esposa, para se tornar meu genro. Se ficasses nesta terra, eu te daria propriedades e riquezas. No entanto, se desejares partir, ninguém te deterá. Sei que Zeus não aprovaria nossa atitude. Tais preocupações não devem perturbar o teu sono. Meus remadores te conduzirão a tua pátria, ou até onde quiseres."

Odisseu se alegrou com as palavras de Alcino e elevando a voz em oração, suplicou: "Zeus pai, rogo que se cumpram as palavras de Alcino. Que seu nome seja lembrado sobre a terra fértil e que eu possa, finalmente, rever a minha pátria."

Essas foram as palavras trocadas entre eles. Enquanto isso, a rainha Arete ordenava às escravas que preparassem para o hóspede uma cama sob o pórtico do salão, com tapetes e cobertores de lã forrados com ricas mantas. Em seguida, foram avisar ao hóspede, com palavras amáveis, que estava pronto o leito para seu repouso.

Depois de tantos sofrimentos, Odisseu podia enfim descansar em uma cama confortável. Todos deixaram a sala, levando archotes para iluminar seu caminho. O herói, agradecido, adormeceu na grande sala de sonoras ressonâncias, acomodado em um leito macio. Alcino, por sua vez, recolheu-se ao interior do grande palácio, para descansar em sua cama, entre almofadas, ao lado de sua esposa e senhora.

CANTO 8

ODISSEU É DESAFIADO NOS JOGOS

Logo que Aurora de dedos rosados se ergueu no céu, Alcino deixou sua cama. Odisseu, o saqueador de cidades, também se levantou e seguiram juntos para a ágora, onde encontrariam os feáceos. Lá chegando, sentaram-se, um ao lado do outro, sobre bancos de pedras polidas. Enquanto isso, sob a forma do arauto do rei Alcino, Palas Atena percorria as ruas da cidade, agindo para que se cumprissem os seus planos sobre a volta de Odisseu. A deusa conversou com os nobres feáceos, dizendo que o rei os convocava para uma assembleia. Na ágora, veriam um estrangeiro semelhante aos deuses imortais, que chegara ao palácio de Alcino depois de ter vagado sobre o mar.

Com essas palavras a deusa despertou a curiosidade de todos e logo os bancos da ágora de Ésquira ficaram lotados. As pessoas olhavam Odisseu cheias de admiração, pois Atena havia revestido a cabeça e os ombros do herói com graciosidade e força, para que sua imagem inspirasse temor e respeito.

Com a assembleia reunida, Alcino tomou a palavra e pediu a atenção de todos. Disse que o estrangeiro pedira sua ajuda e que ele estava disposto a atender seu pedido. Os mais jovens deviam preparar um barco com cinquenta remadores e, em seguida, juntar-se aos

nobres no salão do palácio. Seria oferecido um banquete ao hóspede e o aedo Demódoco cantaria as canções escolhidas por seu coração.

As ordens de Alcino foram cumpridas. Doze carneiros, oito porcos e dois bois foram mortos e preparados para o banquete. O aedo chegou guiado pelo arauto de Alcino, pois os deuses lhe deram um bem e um mal: era dono de um belo canto, mas seus olhos não viam a luz. Ele foi instalado junto a uma coluna, ao lado de sua lira, e recebeu um cestinho de pão com uma jarra de vinho. Após se servir, o aedo começou a cantar uma passagem da guerra de Troia, quando Odisseu e Aquiles discutiram violentamente em um banquete oferecido aos deuses.

Ao ouvir o canto, Odisseu ergueu o seu manto para esconder o rosto, envergonhado por não conseguir conter as lágrimas que começaram a correr de seus olhos. Ninguém percebeu o que acontecia e apenas Alcino, sentado ao lado do herói, ouviu os seus profundos suspiros. O rei disse então aos convidados que era hora de se exercitarem nos jogos, pois todos já haviam comido e bebido à vontade. Alcino esperava que o hóspede, ao voltar para sua pátria, pudesse dizer que os feáceos se destacavam no boxe, na luta, no salto e na corrida.

Os homens seguiram para a ágora, onde os jogos foram iniciados com a disputa de uma corrida. Depois, seguiram-se as lutas e os arremessos de disco. Um dos filhos de Alcino desafiou Odisseu a participar das provas. De início o herói recusou, mas como o rapaz insistisse de forma arrogante, duvidando que ele pudesse competir, Odisseu respondeu que o jovem não devia julgar as pessoas por sua aparência. Contou que em sua juventude havia sido um dos primeiros nos jogos e, embora se sentisse abatido pelo sofrimento, aceitaria o desafio.

Odisseu se ergueu e, sem se despir, pegou o maior dos discos, o mais pesado, e o arremessou. O disco foi cair bem adiante dos que haviam sido lançados pelos outros atletas. Palas Atena, disfarçada como um feáceo, correu para marcar o lugar onde caíra o disco lançado por Odisseu e gritou que ele estava bem à frente dos outros. Então o herói desafiou os jovens a disputarem com ele qualquer outro jogo: boxe, luta ou corrida. Disse que, sem desprezo aos seus oponentes, enfrentaria qualquer um dos feáceos, menos aquele que lhe dera hospedagem, pois não se deve desafiar um amigo. Por fim, declarou que somente nas corridas temia ser derrotado, pois havia sofrido muito com a fome e seus membros estavam esgotados.

Alcino disse que compreendia a razão da resposta de seu hóspede, pois o haviam provocado, depreciado, e ele só desejava mostrar as qualidades que o distinguiam. Então, o rei se aproximou de Odisseu e fez uma pedido: que no futuro, quando estivesse em sua casa, não deixasse de contar aos homens de sua terra sobre as qualidades dos feáceos: "Nós não somos os melhores no pugilato e na luta, mas somos bons corredores e insuperáveis ao conduzir um barco. Apreciamos as festas, a música e a dança. Gostamos de belas roupas, de banhos quentes e de uma boa cama."

O rei dos feáceos chamou seus melhores dançarinos e começou uma bela dança na ágora. O aedo cantou os amores de Ares e Afrodite, contando como Hefesto, o marido da deusa, desconfiado de estar sendo traído pela esposa, fez uma rede e pegou os dois juntos na cama, expondo sua vergonha aos deuses do Olimpo. Depois do canto do aedo, houve outra apresentação de dança e Odisseu elogiou os dançarinos.

Por fim, Alcino pediu aos chefes que trouxessem presentes para

o hóspede. O jovem que havia sido arrogante com Odisseu reconciliou-se com o herói. Desejou-lhe um bom retorno à pátria e o presenteou com uma bela espada de lâmina em bronze e punho de prata. Outros presentes foram ofertados e o rei convidou a todos para o acompanharem ao seu palácio. Um banho morno foi preparado para o hóspede e os presentes valiosos que Odisseu recebera dos feáceos foram guardados em um baú, presenteado pela rainha Arete e bem fechado com firmes nós.

Depois do banho, Odisseu voltou ao salão. Junto à porta estava Nausica, bela como uma deusa. A princesa olhava fixamente o herói e, aproximando-se, lhe disse: "Quando voltares a tua terra, não esqueças de que deves a mim a tua salvação." Odisseu lhe respondeu: "Nausica, filha do grande Alcino, se eu chegar a minha terra, vou reverenciá-la, todos os dias, como a uma deusa, pois a ti devo a vida."

O arauto conduziu o aedo até o salão e Odisseu lhe ofereceu um grande pedaço de carne de porco, dizendo que os aedos mereciam ser respeitados, pois era a Musa quem lhe ensinava os cantos. Em seguida, pediu ao aedo que cantasse as aventuras dos aqueus. Ele cantou a construção do grande cavalo, onde os gregos se esconderam, em silêncio, até o momento de se revelarem e saquearem a cidade de Troia. Também cantou os feitos de cada guerreiro, lembrando em seu canto o heroísmo das ações de Odisseu.

Ao ouvir o aedo, o herói não conseguiu reter as lágrimas, que lhe desceram pelo rosto. Alcino percebeu as lágrimas de seu hóspede e pediu ao aedo para silenciar, pois seus cantos não estavam agradando a todos, e completou:

"Desde quando o aedo Demódoco começou a cantar, no início deste banquete, nosso hóspede não parou de gemer e chorar. Alguma

dor, certamente, lhe oprime o coração. Nós o recebemos como amigo, preparamos sua partida e lhe oferecemos presentes. Agora, como amigo eu te pergunto e peço que me respondas: qual é o teu nome? É certo que todo homem, seja pobre ou rico, não importa, quando nasce recebe um nome dado por seus pais. Como te chamam o teu pai, a tua mãe, teus amigos e vizinhos? Deves contar qual é a tua terra, o teu povo, a tua cidade, para que nossos barcos te levem até tua pátria. Diferentes de outras naus, as nossas não precisam de pilotos, pois se movimentam sozinhas sobre o abismo do mar, mesmo quando envoltas em densa névoa. Meu pai dizia que Poseidon nos invejava. Esse deus disse que um dia, quando um de nossos barcos voltasse ao porto, após ter transportado um estrangeiro, ele destruiria nossa cidade, isolando-a com uma grande montanha. Não sabemos se um dia essa predição se cumprirá, pois tudo está nas mãos divinas. Mas, vamos! Quero que nos conte, sem muitos rodeios, quais as terras por onde andaste. Que povos tu conheceste? O que tiveste de enfrentar? O que te faz chorar de forma tão sentida quando alguém se refere aos gregos e à destruição de Troia? Essas são histórias que, certamente, alimentarão os cantos de muitas gerações. Perdeste algum parente nessa guerra terrível? Ou talvez um amigo, que estimavas muito? Um bom amigo vale tanto como um irmão, nascido da mesma mãe.”

CANTO 9

ODISSEU REVELA O SEU NOME

O ardiloso Odisseu tomou a palavra. Louvou o poder do grande rei Alcino, a voz de seu aedo e os momentos agradáveis entre os nobres feáceos reunidos no palácio. Em seguida, disse que começaria a responder às perguntas feitas pelo rei, revelando o seu nome: "Sou Odisseu, filho de Laertes, conhecido dos homens por minhas astúcias. Minha fama, gloriosamente, se eleva até o alto céu. Moro em Ítaca, uma ilha rochosa que se vê de longe por causa do monte Nerito, batido pelos ventos."

"Apesar do solo áspero, Ítaca sustenta seus filhos e não conheci nenhuma terra tão doce como minha pátria. Fui retido pela deusa Calipso, que me queria como esposo. E também por Circe, divina feiticeira, que me manteve cativo em seu palácio, por me desejar para marido. Mas o meu coração resistiu aos seus apelos, pois nada nos traz mais alegria do que a pátria e os nossos pais. Agora vou lhes contar o meu sofrido retorno, ordenado por Zeus, desde o momento em que parti de Troia."

"Os ventos levaram nossos barcos a Ísmaro, terra dos cícones. Saqueamos a cidade, matamos os homens e levamos conosco suas mulheres. Muitas foram as riquezas que obtivemos e tudo foi bem dividido

entre nós. Após o saque, avisei que devíamos fugir rapidamente, mas os outros, insensatos, não me obedeceram. Beberam vinho, degolaram carneiros e abateram vacas. Enquanto se banqueteavam, os que haviam escapado à matança pediram ajuda aos seus vizinhos, que chegaram de madrugada, em grande número, guiando carros de guerra. Teve início uma luta feroz, na qual perdemos muitos companheiros."

"De volta ao mar, outra tempestade rasgou as velas de nossos barcos. Por nove dias e noites, o vento Bóreas, soprando como um furacão, nos arrastou sobre o mar. No décimo dia chegamos à terra dos lotófagos. Mandei dois homens buscarem informações sobre aquele povo, mas eles não voltaram. Haviam comido loto e quem provava esse fruto, se esquecia do desejo de regressar ao lar. Levei-os de volta aos barcos, à força, e os amarrei aos bancos dos remadores, enquanto se desmanchavam em lágrimas."

"Continuamos a viagem com o coração aflito e chegamos à terra dos Ciclopes, orgulhosos e sem leis, que vivem em grutas, nas encostas de altas montanhas. Ancoramos os barcos no porto natural de uma ilha coberta de bosques e povoada por cabras selvagens. Reabastecemos nossos barcos, descansamos em terra, e assim que Aurora dos dedos rosados surgiu no céu, reuni alguns companheiros e disse aos demais que deviam ficar ali, em segurança, enquanto explorávamos a costa."

"Ao chegarmos à praia, vimos uma caverna de entrada alta, sombreada por um bosque de loureiros. Enchemos com vinho um odre de couro e nos colocamos a caminho. Quando alcançamos a caverna, vimos que seu morador estava ausente e que o peso de muitos queijos vergava os estrados. Podíamos ter levado os queijos, algumas cabras e ovelhas para os barcos, mas eu queria ver o morador daquele lugar. Comemos um pouco do queijo e ali ficamos, esperando."

"Afinal chegou o Ciclope, um ser gigantesco, com um único olho no meio da testa. Vinha carregando um grande feixe de lenha e, ao entrar, o atirou ao chão com tanta força que, assustados, corremos para o fundo da caverna. Ele recolheu seus animais, ordenhou as cabras, separou o leite e preparou mais queijo. Em seguida, fechou a entrada da caverna com uma pedra de tamanho descomunal. Quando acendeu o fogo percebeu nossa presença e se dirigiu a nós, fazendo perguntas. Eu estava aterrorizado, mas respondi que vínhamos de Troia e estávamos perdidos no mar. Disse que Zeus era o protetor dos hóspedes e por isso esperávamos receber sua hospitalidade."

"Maldosamente, ele respondeu que os Ciclopes não se importavam com Zeus e quis saber em que porto estava o nosso barco. Percebendo sua intenção, respondi que Poseidon havia destroçado o meu barco e que havíamos escapado da morte. Então ele pegou dois de meus companheiros e, sem nada dizer, os atirou ao chão com tanta violência que seus crânios se romperam e os miolos se espalharam pelo piso. Em seguida, esquartejou seus corpos e, como um leão, os devorou sem deixar sobras, nem entranhas, nem carnes, nem ossos."

"Acompanhamos em lágrimas o terrível espetáculo. Pensei em enfrentá-lo, enfiando minha espada em seu fígado. Se ele morresse, porém, ficaríamos presos na caverna, pois não poderíamos afastar a imensa pedra que obstruía a entrada. Então, gemendo, aguardamos o romper do dia. Quando a Aurora ergueu seus dedos rosados, o gigante acendeu o fogo, ordenhou suas ovelhas, pegou mais dois de meus companheiros e os devorou. Em seguida, removeu a pedra, levou para fora o rebanho e voltou a fechar a entrada da caverna, nos deixando presos."

"Imerso em pensamentos de vingança, eu pedia vitória a Atena.

Encontrei na caverna um tronco de oliveira verde, grande como um mastro, e cortei um pedaço de bom tamanho. Em seguida, retiramos a casca, fizemos uma ponta afiada e a endurecemos no fogo. À tarde o gigante voltou com seu rebanho e comeu mais dois de meus companheiros. Então eu me aproximei e lhe ofereci um copo de vinho. Ele bebeu, pediu mais, disse que me recompensaria, pois aquele vinho parecia feito pelos deuses, e quis saber meu nome."

"Eu o servi três vezes e lhe disse com palavras suaves: 'Ciclope, perguntaste o meu nome e vou te dizer, mas em troca, tu me darás um presente de hospitalidade. O meu nome é Ninguém. Minha mãe, meu pai, todos me chamam de Ninguém'. Ele então respondeu que o seu presente de hospitalidade seria me comer por último, depois dos meus companheiros. Em seguida, arrotou vinho com carne humana e dormiu. Coloquei a estaca nas brasas e quando ficou incandescente nós a fincamos no único olho do Ciclope.

"Assim que o sangue correu da pálpebra e da pupila tostada, um grito tremendo fez tremer as rochas e fugimos para o fundo da caverna. O gigante arrancou a estaca do olho ensanguentado e começou a gritar, chamando os outros Ciclopes que moravam nas grutas da vizinhança. Eles vieram bem depressa e se reuniram do lado de fora da caverna: 'Por que gritas assim, Polifemo? O que te aconteceu? Querem roubar teu rebanho? Tentam te ferir ou te matar?'"

"De dentro da caverna Polifemo respondeu que Ninguém o tinha ferido e que Ninguém queria matá-lo. Quando ouviram Polifemo dizer que ninguém o havia agredido, os Ciclopes voltaram para suas cavernas. Satisfeito com o resultado de minha astúcia, comecei a imaginar como sair da caverna com meus companheiros. Percebi que os carneiros eram grandes e podiam carregar um homem. Assim, de manhã, quando

o Ciclope retirou a pedra da entrada, meus companheiros saíram da caverna agarrados aos carneiros. Escolhi para mim o maior de todos e, enfiando os dedos na lã macia, me colei ao seu ventre."

"Fora da caverna, conduzimos os carneiros até nossos barcos e voltamos ao mar. De uma distância segura, gritei: 'Ciclope, tu mereceste a cegueira, por devorar teus hóspedes. Foi Zeus quem te castigou." O gigante arrancou do chão uma enorme pedra e atirou-a contra nós, mas não nos atingiu. De uma distância mais segura, voltei a gritar: 'Ciclope, se algum mortal te perguntar a causa de tua cegueira, responde que foi Odisseu, o saqueador de cidades, filho de Laertes, morador de Ítaca, quem te cegou'. Um oráculo havia previsto que alguém de nome Odisseu cegaria o Ciclope, mas ele esperava um herói de grande força e não um homem pequeno, de aparência desprezível."

"Então Polifemo me chamou de volta, prometeu me tratar como hóspede, mas respondi que se pudesse o lançaria ao Hades. Ao ouvir minha resposta, o Ciclope ergueu as mãos e orou a Poseidon, implorando que não permitisse o retorno de Odisseu a sua casa. E o deus de cabeleira azulada o ouviu."

"Chegando ao porto da ilha, onde estavam os outros barcos, dividimos os carneiros. O maior de todos os animais, no qual eu havia escapado, ofereci em sacrifício a Zeus, mas ele não aceitou a oferta, pois, em sua mente, já premeditava naufrágios e mortes. Quando deixamos a ilha, nossos corações estavam tristes pela perda de nossos companheiros, apesar de termos escapado da morte."

CANTO 10

A ILHA DE CIRCE

"Chegamos à ilha flutuante de Éolo, o guardião dos ventos, que é cercada por indestrutível muralha de bronze, e fomos recebidos em seu palácio, onde vive com seus doze filhos, desfrutando contínuos banquetes. Por um mês Éolo me hospedou em seu magnífico palácio, pois desejava saber sobre as batalhas em Troia e o retorno dos heróis. Contei tudo com detalhes e quando lhe disse que desejava partir, pedindo sua ajuda para o retorno, ele preparou um odre de couro, dentro do qual prendeu os ventos rugidores, e enviou Zéfiro para empurrar as velas de nossos barcos. Contudo, por nossa própria imprudência perdemos o rumo."

"Depois de navegar nove dias e nove noites, n décimo dia, vimos nossa terra apontar no horizonte. Eu estava muito cansado, pois havia permanecido junto ao leme, e por isso adormeci. Os companheiros comentavam entre si o que haveria no odre que Éolo me entregara. Pensavam que era ouro e achavam que eu o vigiava para não dividir aquelas riquezas com eles. Enquanto eu dormia, abriram o odre e todos os ventos escaparam, formando uma terrível tempestade, que nos levou de volta à ilha de Éolo. Ele me perguntou por que eu havia retornado, pois havia me dado os recursos para alcançar o meu lar.

Ao contar o que acontecera, Éolo ordenou que eu deixasse a ilha, bem depressa, pois não podia ajudar um mortal odiado pelos deuses. Saí de lá entre gemidos e lágrimas, sem esperança de novo auxílio."

"Segui viagem com o coração cheio de angústia. Os homens remavam abatidos pelo desânimo. Viajamos por seis dias e seis noites, sem descanso, até chegarmos à terra dos Lestrigões, onde os barcos entraram em um porto cercado de altos rochedos. Somente o meu barco ficou ancorado fora do porto, de onde enviei alguns homens para buscar informações sobre a gente daquela terra. Próximo à cidade, eles encontraram uma jovem gigantesca, que pegava água em uma fonte. Ao perguntarem quem era o rei do lugar, ela apontou uma casa, de onde saiu uma mulher alta como uma montanha. Ela chamou o marido, que devorou um dos nossos companheiros, enquanto os outros corriam de volta para os barcos."

"O alarme foi dado e todos os Lestrigões subiram aos rochedos, de onde lançaram grandes pedras sobre os barcos, que se partiram em pedaços. Os homens foram fisgados como se fossem peixes e devorados. Ao ver o que acontecia, cortei as amarras de meu barco, fugindo para alto mar. Prosseguimos viagem, tristes pelos mortos, mas felizes por estarmos vivos."

"Chegamos à ilha de Eéia, onde morava Circe, de belas tranças. Ancoramos o barco em uma praia e ali ficamos dois dias, remoendo nossas dores. Na manhã do terceiro dia, me armei com uma lança, uma espada, e saí em busca de um lugar alto, de onde pudesse observar melhor os arredores. Vi então uma coluna de fumaça elevando-se do palácio de Circe, em meio a um bosque de carvalhos. Voltei ao barco, pois tinha dúvidas sobre se deveria ir até lá para buscar informações. No caminho, encontrei um cervo imenso e o atravessei com minha

lança.”

“Passamos o dia comendo a carne da caça, bebendo e descansando. Aquela noite dormimos na areia e, ao amanhecer, contei aos meus homens sobre a fumaça que eu avistara. Os que foram sorteados para explorar o lugar partiram chorando, os corações angustiados, pois se lembravam do que havia acontecido na caverna do Ciclope e na terra dos Lestrigões.”

“Encontraram o palácio de Circe, feito de pedras polidas, cercado de lobos e leões que ela havia enfeitiçado. Os animais eram mansos e nada fizeram contra meus companheiros. Tremendo de medo, eles avançaram em direção à entrada. Circe estava no tear, cantando enquanto tecia um belo manto. Ela os recebeu gentilmente e serviu uma bebida que os fez esquecer de sua pátria. Um dos homens havia se mantido afastado e não entrou no palácio. De longe, viu quando Circe os tocou com sua varinha, transformando a todos em porcos, e fugiu para nos contar o que havia presenciado.”

Ao saber do acontecido, peguei minha espada e fui ao encontro de Circe. Estava próximo ao palácio quando o deus Hermes me surgiu na forma de um belo jovem e alertou-me dos perigos que eu corria: “Ela te dará uma mistura de drogas, mas não farão efeito, pois estarás protegido pela erva que te darei para comer. Quando Circe te tocar com sua varinha, deves ameaçá-la com a tua espada. Ela vai te chamar para a cama e tu aceitarás, mas antes, faça-a jurar que não se aproveitará de tua nudez para tirar tua força e virilidade”.

“Hermes arrancou uma erva, que os deuses chamavam moli, e me deu para comer. Em seguida, retirou-se para o Olimpo, enquanto eu seguia para o palácio. Circe me recebeu e preparou a bebida mágica em uma taça de ouro. Quando acabei de beber, ela me tocou com sua

varinha, mas nada aconteceu. Agi de acordo com as orientações de Hermes e exigi o juramento. Só depois disso subi ao seu leito."

"As escravas de Circe, que cuidavam das tarefas domésticas, aqueceram água e prepararam um banho. Elas massagearam o meu corpo com óleo e me convidaram para comer, mas eu me mantive imóvel. Quando Circe perguntou por que eu não me alimentava. Respondi que não provaria a comida, nem a bebida, antes que meus companheiros fossem libertos e eu pudesse contemplá-los com os meus olhos."

"Circe atravessou a sala com sua varinha na mão, soltou os porcos, fez com que voltassem a sua forma humana e todos choraram agradecidos. Então ela se aproximou de mim e falou: 'Filho de Laertes, da linhagem de Zeus, Odisseu de muitos ardis, deixa o teu barco em terra, guarda tuas armas em uma caverna e traz os teus companheiros para o palácio'. Assim fizemos, lamentando-nos e derramando muitas lágrimas."

"Ao voltarmos, vimos que Circe havia lavado todo o palácio. Meus companheiros foram banhados e massageados com azeite. Por fim, um rico banquete nos foi servido. Ela então se aproximou e disse: 'Odisseu, filho de Laertes, descendente de Zeus, chega de lamentos e lágrimas. Sei tudo o que suportastes no mar e em terra firme. Mas agora, devem comer e beber fartamente, até recobrarem os sentimentos que os animava ao deixarem a pátria.' As palavras de Circe me reconfortaram. Fiquei ali, dia após dia, entre banquetes, vendo sucederem-se as estações."

"Depois de passarmos um ano na ilha, meus companheiros começaram a me perguntar se eu não pensava mais em retornar à pátria. Naquela noite, subi ao esplêndido leito de Circe e abracei os seus joelhos, pedindo que cumprisse a promessa de me enviar para

casa. A deusa respondeu que, antes de voltar a Ítaca, eu precisava fazer uma viagem à morada de Hades, para consultar a sombra de Tirésias, o vidente cego, o único adivinho que conservara o seu dom após a morte."

"Sentei-me no leito e chorei. Senti que não queria mais viver e nem ver a luz do sol. Perguntei quem nos guiaria naquela viagem. Quem poderia nos guiar a um lugar onde nenhum homem havia chegado? Ela me respondeu: 'Odisseu, filho de Laertes, não deves te preocupar. Ergue o mastro, abre as velas e senta-te na proa. O sopro do vento Bóreas conduzirá o teu barco. Depois de atravessares o oceano, encontrarás uma praia plana e os bosques sagrados de Perséfone, com álamos e salgueiros cujos frutos não vingam jamais. Deves ancorar o teu barco e seguir para a negra morada de Hades, onde os córregos que nascem nas águas da lagoa Estige confluem para o rio Aqueronte. No encontro desses rios há uma grande rocha. Nesse local, deves cavar um fosso para o sacrifício de um carneiro e de uma ovelha negra. Atraídas pelo sangue, as sombras de muitos mortos se aproximarão. Com tua espada, deves mantê-las afastadas do sangue, até que tenhas interrogado Tirésias. Ele te dirá o caminho a seguir e por quanto tempo ficarás longe da pátria.'"

"Reuni meus homens e lhes contei o que precisávamos fazer antes de voltar à pátria. Todos choravam enquanto caminhavam para o barco. Circe havia levado para a embarcação um cordeiro e uma ovelha negra, mas não a vimos passar por nós. Quem poderia ver uma divindade se ela não desejasse ser vista?

CANTO 11

ODISSEU VIAJA AO HADES

"Levamos nosso barco ao mar e subimos a bordo, chorando em grande aflição. O vento enviado por Circe, de belas tranças, enfunou as velas e durante todo o dia conduziu nossa nau. Era noite quando o barco chegou aos confins da terra, onde os raios do sol não iluminam e uma noite sombria perdura sobre os mortais que ali vivem. Desembarcamos em uma terra nevoenta e seguimos até o lugar indicado por Circe."

"Segui todas as instruções da deusa, pedindo em minhas preces o desejado retorno para Ítaca. Assim que degolei os animais sobre a cavidade da fossa, as sombras dos mortos, que chegavam de todos os lados, começaram a se agitar. Seu alarido era tamanho que nos assustou. Ordenei aos meus homens que queimassem a carne dos animais em honra de Hades e Perséfone. Enquanto isso, com minha espada, eu afastava as sombras que se aproximavam, em busca do sangue derramado sobre a fossa, pois elas não podiam provar o sangue antes de Tirésias."

"A primeira sombra que vimos foi a de nosso companheiro Elpenor, morto no palácio de Circe, a quem não havíamos dado sepultura. Perguntei como ele, usando apenas os pés, havia chegado ali tão depressa, antes de nós, que viajávamos em um barco veloz. Elpenor

me respondeu que, após beber muito vinho, havia caído do teto do palácio e quebrando o pescoço. Suplicou, em nome de todos os que me eram mais caros, meu pai, minha mãe, minha esposa e meu filho, que ao voltar a ilha de Circe, não deixasse seu corpo sem sepultura. Pediu para queimá-lo com suas armas, erguer com pedras um túmulo à beira do mar, e enfiar um remo entre as pedras. Respondi que faria tudo o que me pedia."

"Surgiu então a sombra de minha mãe, Anticlea, a quem havia deixado viva ao partir para Troia. Chorei ao vê-la, mas embora meu coração estivesse aflito, não permiti que ela se aproximasse do sangue, antes da chegada de Tirésias. Afinal a sombra do adivinho se aproximou, empunhando um cetro de ouro. Ele me reconheceu, pediu que desviasse a ponta da minha espada e, após beber o sangue, disse: 'Desejas voltar, Odisseu, mas não será fácil. O deus que faz tremer a terra está cheio de cólera, pois cegaste o seu filho. Mas ainda poderás chegar à pátria, depois de muito sofrimento. Deves agir com cautela, assim como teus companheiros, quando aportarem à Ilha do Tridente, onde pastam os rebanhos de Hélio, o sol, que tudo ouve e tudo vê. Se não tocares nesse gado, voltarás para Ítaca, mas se algum animal for morto, perderás o barco e os amigos. Se escapares, vais encontrar tua casa invadida por homens arrogantes, que assediam tua esposa e devoram os teus bens, mas com astúcia e força matarás a todos. Livre dos pretendentes, pega um remo e caminha até encontrares homens que nunca viram o mar e comem alimentos sem sal. Quando alguém disser que o teu remo é uma pá, finca no solo a lâmina do remo e oferece sacrifícios ao deus dos mares. Volta em seguida a tua casa e sacrifica a todos os deuses imortais. Quando a velhice te enfraquecer, tua morte será suave, entre os que te amam. Essa é a minha previsão.'"

"Após suas palavras, perguntei sobre minha mãe, que continuava imóvel e em silêncio, desejosa do sangue. O que deveria fazer para que ela me reconhecesse? Antes de voltar à mansão de Hades, Tirésias revelou que, se eu deixasse uma sombra se aproximar do sangue, poderia conversar com ela. Quando minha mãe se aproximou e bebeu o sangue negro, ela me reconheceu. Entre soluços, perguntou como eu havia chegado ali e se estivera antes em meu palácio. Eu lhe disse que ainda não chegara a Ítaca e estava no Hades para consultar Tirésias. Pedi que me falasse sobre sua morte, e me desse notícias de meu pai, meu filho, meus bens e minha esposa. Quis saber se Penélope cuidava de meu filho e dos meus bens, ou se havia se casado outra vez."

"Minha mãe respondeu que minha esposa ainda me esperava e Telêmaco administrava meus bens. Meu pai vivia no campo, consumido pela tristeza, esperando o meu regresso. Quanto a ela mesma, disse que suas preocupações e a saudade que sentia de mim, seu filho, haviam causado sua morte. Por três vezes tentei abraçar minha mãe, mas ela se afastou de mim, como uma imagem de sonho. Com o coração dolorido, perguntei por que fugia de meus abraços. Seria somente uma imagem enviada por Perséfone, para aumentar minha dor? Minha mãe respondeu que aquela era a condição de um mortal, quando a vida o abandonava. Os nervos não mais sustentavam as carnes e os ossos. Quanto à alma, ela se desprendia e voava como em um sonho. Em seguida, disse que eu deveria apressar o meu retorno."

"Então, mulheres enviadas por Perséfone se aproximaram para beber o negro sangue. Vi Tiro, de nobre nascimento, amada por Poseidon , de quem teve dois filhos, grandes reis, e Antíope, amada por Zeus, que gerou dois filhos, Anfíon e Zeto, fundadores de Tebas de sete portas. Depois eu vi Alcmena, mulher de Anfitrião, que foi amada por

Zeus e concebeu o corajoso Héracles, de coração de leão. Vi também a bela Jocasta, mãe de Édipo, o infeliz que matou o pai e casou-se com a mãe, ignorando os crimes que cometia. Também vi Clóris, escolhida por Neleu por sua formosura. Ela reinou em Pilo e teve filhos ilustres, como Nestor. Vi Leda, esposa de Tíndaro, Fedra, Ariadne, e a odiosa Erifila, que trocou seu marido por ouro. Mas agora é hora de dormir. Meu retorno deve ser preparado por vós e pelos deuses."

"Odisseu interrompeu seu relato. No palácio sombrio, os ouvintes permaneceram calados, arrebatados pela maravilhosa narrativa. Arete, de níveos braços, quebrou o silêncio. Dirigindo-se aos feáceos, lembrou que, embora Odisseu fosse seu hóspede, todos deveriam participar daquela honra e presenteá-lo com generosidade. O rei Alcino confirmou as palavras da rainha e seu convite para o herói ficar por mais um dia foi aceito."

"Depois de elogiar a eloquência do estrangeiro, o rei Alcino disse que a noite era longa e não tinham hora para dormir. Pediu ao hóspede para continuar suas narrativas divinas, falando dos heróis encontrados no Hades. Em resposta ao rei, Odisseu continuou sua narrativa. Contou que depois de Perséfone dispersar as sombras das mulheres, aproximou-se Agamenon."

"Assim que bebeu o sangue negro, ele me reconheceu e, em lágrimas, contou que sua mulher o havia assassinado no palácio, com a ajuda do amante, assim que retornara de Troia. Depois de me alertar contra as mulheres, perguntou-me se sabia algo sobre seu filho, Orestes, mas não pude lhe dar nenhuma notícia. Conversávamos, entre lágrimas, quando se aproximaram as sombras de Aquiles e de outros heróis. Aquiles me reconheceu e perguntou o que me levara a descer ao Hades. Contei minhas desventuras e disse que ninguém havia sido

mais feliz do que ele, pois quando estava vivo, era honrado por todos como a um deus, e depois de sua morte, reinava sobre os mortos."

"Ele então me respondeu que preferia trabalhar na lavoura, como escravo, ou ser um miserável, sem nada de seu, mas estar vivo sobre a terra, do que ser um rei entre os mortos. Pediu notícias de antigos companheiros e eu lhe disse o que sabia sobre eles. Vi ainda outros heróis e grandes reis do passado. Vi Minos, o juiz das sombras dos mortos; Tântalo, condenado ao suplício da sede eterna e da fome sem fim. Vi Sísifo, em seu infindável trabalho de erguer uma enorme pedra pela encosta de uma colina. Em seguida vi Héracles, ou melhor, sua sombra, entre os deuses imortais, participando de um belo banquete. Ao seu redor, as sombras esvoaçavam como aves. Héracles me reconheceu. Dirigiu-se a mim e disse que ele também, em vida, descera ao Hades."

"Eu queria ter ficado ali por mais tempo, para ver os heróis do passado, como Teseu e outros filhos dos deuses, mas as sombras dos mortos começaram a soltar gritos aterradores. Pensando que Perséfone poderia enviar a cabeça da terrível Górgona, voltei correndo ao barco e ordenei que meus companheiros soltassem as amarras. A corrente nos levou pelo rio Oceano e nos afastamos, ao sabor de uma brisa amiga."

CANTO 12

OS PERIGOS DO MAR

"Quando nosso barco deixou a corrente do rio Oceano e chegou à ilha de Eéia, mandei meus companheiros buscarem o corpo de Elpenor, para cumprirmos os ritos fúnebres assim que a divinal Aurora surgisse no céu. Circe nos levou pão, carne e vinho, avisando que devíamos nos alimentar, pois partiríamos no dia seguinte, de madrugada. Ao anoitecer, Circe se deitou ao meu lado e pediu que lhe contasse tudo o que havia acontecido na viagem. Então ela me indicou a rota que devíamos seguir e deu as informações necessárias que precisávamos para voltar em segurança."

"Circe contou que as Sereias seriam nossa primeira prova. Com o corpo de ave e cabeça de mulher, elas atraíam com seu canto os que navegavam próximo ao prado onde viviam, cercadas pelos ossos daqueles que devoravam. Quem se entregasse ao canto das Sereias, jamais retornaria ao lar para ser abraçado pela mulher e rever seus filhos. Ela disse que devíamos tampar os ouvidos com cera amolecida, para não ouvirmos seu canto. Mas se eu quisesse ouvi-las, devia pedir aos homens que me amarrassem fortemente ao mastro do navio. Quando as Sereias ficassem para trás, eu teria que escolher entre dois caminhos: de um lado se erguiam dois rochedos enormes, que ao se

moverem, esmagam aves, barcos, e tudo o que tenta passar entre eles."

"Disse a deusa: 'Um desses rochedos, que de tão alto toca o céu, tem uma caverna. É para onde deves dirigir a tua nave. Lá vive a terrível Cila, um monstro de seis cabeças, com dentes mortais. Sobre a outra pedra, de tamanho bem menor, há uma figueira grande e frondosa. Ao pé dessa rocha está Caríbdes, que três vezes por dia expele e absorve água do mar com um ruído espantoso. Não deves estar próximo a Caríbdes quando ela absorver a água. Por isso é melhor passares por Cila, onde perderás seis homens, mas poderás seguir em frente com os teus outros companheiros.'"

"Depois disso, a deusa de belas tranças disse que chegaríamos a uma ilha, onde pastam os grandes rebanhos de vacas e de ovelhas do deus Hélio. Ela então nos avisou: 'Se não fizerem mal aos animais, chegarão a sua pátria. Mas se as reses forem maltratadas, só tu voltarás a tua casa, depois de perder o teu barco e os teus companheiros.'"

"A deusa assim falou e logo surgiu a Aurora em seu trono de ouro. Circe se retirou para o palácio, no interior da ilha, e eu voltei ao barco para preparar nossa partida. Os homens içaram a vela, soltaram as amarras da popa e levantaram espuma do mar com seus remos. Partimos afinal, com um vento propício, enviado por Circe. Contei aos homens o que a deusa havia me revelado e, algum tempo depois, nos aproximamos dos rochedos das Sereias. Amoleci ao sol um pouco de cera de abelhas e coloquei nos ouvidos de meus companheiros. Em seguida, mandei que me amarrassem ao mastro do barco, pois queria ouvir o canto das Sereias sem o perigo de ser atraído por elas."

"Quando nosso barco passava, movido pela força dos remos, as Sereias nos perceberam e nos chamaram com sua voz harmoniosa,

dizendo que seu canto nos traria revelações. Com movimentos de cabeça, pedi aos homens para me soltarem, mas eles me prenderam ainda mais fortemente. Só quando nos afastamos das Sereias os meus companheiros retiraram a cera dos ouvidos e me libertaram das cordas."

"Pouco depois, em meio à cerração, vi erguer-se uma assombrosa onda e ouvimos grande estrondo. Os remos voaram das mãos dos remadores e caíram na água, nos deixando à deriva. Correndo de um lado para o outro, eu tentava animar cada um de meus companheiros, dizendo que Zeus haveria de permitir nossa sobrevivência. Nada lhes contei sobre Cila e enquanto passávamos diante do penhasco, por mais que procurasse, não conseguia vê-la entre as pedras. Navegamos adiante, angustiados, atravessando o estreito. De um lado Cila, de outro, a terrível Caríbdes."

"Os homens estavam pálidos de terror, pois temiam ser tragados por Caríbdes. Nesse momento, as cabeças de Cila se lançaram dos rochedos, arrebatando seis dos meus homens. Eu os vi sendo içados em direção às pedras, enquanto gritavam o meu nome. De tudo o que vi, nos caminhos do mar, nada foi mais terrível. Depois de escapar das rochas, de Caríbdes e Cila, chegamos a uma ilha, onde pastavam vacas esplêndidas, de largas testas, e as numerosas ovelhas do deus Hélio. Lembrei-me dos conselhos de Tirésias e de Circe, e contei aos meus companheiros sobre o que ambos haviam dito: a ilha de Hélio devia ser evitada, pois ali nos aguardava terrível desgraça."

"Meus companheiros, no entanto, insistiram em aportar, para passarmos a noite em terra. Como estava só contra todos, concordei, mas exigi que jurassem: se encontrassem vacas ou ovelhas, teriam de deixá-las de lado e se alimentar com aquilo que Circe nos dera para a viagem. Eles juraram, cozinharam a refeição, choraram pelos

companheiros mortos por Cila e adormeceram na praia.”

“Próximo do amanhecer, Zeus, o que amontoa as nuvens, ergueu uma tempestade assustadora. Levamos o barco para uma gruta, morada de ninfas, e eu voltei a lembrar aos meus companheiros, para reforçar a ordem anterior, que deviam se servir do que tínhamos no barco, pois os animais da ilha eram de Hélio, o deus sol, aquele que tudo vê e tudo ouve.”

“Durante todo o mês sopraram ventos desfavoráveis. Enquanto meus companheiros tiveram pão e vinho, pouparam as vacas, e quando acabaram todos os outros alimentos, começaram a buscar na caça e na pesca o que comer. Caminhei até uma fonte, onde orei, pedindo aos deuses para me mostrarem o caminho de volta, e eles derramaram sono sobre meus olhos. Enquanto isso, movidos pela fome, os homens haviam decidido sacrificar as vacas do deus. Ao voltar para o barco, senti o cheiro da carne assando e me apressei.”

“Meus companheiros haviam matado as vacas mais gordas de Hélio. Então eu os repreendi, mas sabia que tudo estava perdido e que não havia mais o que fazer. Durante seis dias eles se banquetearam e no sétimo dia Zeus enviou um vento mais brando e pudemos embarcar. Soube depois, por Calipso, que Hélio havia ameaçado deixar de brilhar sobre o mundo se os meus companheiros não fossem castigados. Foi então que Zeus decidiu fulminar o meu barco.”

“Abandonamos a ilha e começamos a navegar. Quando em volta de nós só havia a imensidão do mar, Zeus enviou uma nuvem negra que obscureceu as águas e uma grande tempestade se formou. A violência do vento quebrou o mastro, que caiu sobre o crânio do piloto e o matou. Seu corpo afundou no mar e sua alma se desprendeu das carnes e dos ossos. Outro raio, lançado sobre a quilha, fez com que o

barco girasse sobre si mesmo, arremessando os meus companheiros às ondas. E assim, os deuses lhes negaram o regresso à pátria."

"Continuei no convés, andando de um lado para o outro, enquanto a violência das ondas desmanchava o barco. Juntei partes do mastro e da quilha, improvisando uma jangada, e me deixei levar pelas ondas. Por toda a noite vaguei sobre os abismos do mar. Quando o sol se ergueu, cheguei aos penhascos de Cila e da terrível Caríbdes, quando o monstro começava a sugar a água do mar."

"Dei um salto e me atirei à alta figueira, agarrando-me nela como um morcego. Fiquei ali, colado à árvore, até que o monstro devolveu o mastro e a quilha de meu barco. Então me soltei, caí na água com um grande fragor, e nadei até as madeiras do barco. Sentado sobre elas, remei com minhas próprias mãos. Zeus, pai dos homens e dos deuses, não permitiu que Cila me avistasse e, assim, escapei da morte."

"Por nove dias fui arrastado pelas ondas. No décimo dia, os deuses me fizeram chegar à ilha Ogigia, onde vive Calipso de belas tranças, a deusa terrível, de linguagem humana, que me recebeu em seu leito e cuidou de mim. Mas devo repetir essa narrativa? Ontem a contei em teu palácio e não gostaria de voltar ao mesmo assunto."

CANTO 13

RETORNO DE ODISSEU A ÍTACA

Odisseu terminou sua narrativa. Os ouvintes, encantados, permaneceram imóveis na sala cheia de sombras. Enfim o rei Alcino ergueu a voz, pedindo a ajuda de seus convidados para que Odisseu voltasse à pátria, e prometeu mais presentes, pagos por todo o povo feáceo. O rei foi aplaudido e, depois disso, cada um seguiu para sua casa.

Assim que a Aurora estendeu os seus dedos rosados no céu, os feáceos levaram os presentes de Odisseu até o barco. O rei Alcino percorria o convés, orientando o trabalho, para que os volumes ficassem bem guardados debaixo dos bancos e não perturbassem os movimentos dos remadores durante a viagem. Em seguida, se dirigiram ao palácio, onde Alcino sacrificou um touro em honra de Zeus, o deus das nuvens escuras. Seguiu-se um grande banquete, alegrado pelo canto do aedo Demódoco. A cada momento, Odisseu observava o sol, desejando que logo baixasse no horizonte.

Quando o sol se pôs, Odisseu dirigiu-se aos feáceos, agradecendo pelo transporte no barco e pelos presentes recebidos. Em seguida, dirigindo-se a Alcino, voltou a agradecer os presentes e a viagem de recondução a sua pátria, despedindo-se com palavras de gratidão:

“Peço aos deuses celestes que me permitam um feliz retorno e que minha esposa e meus parentes estejam bem. Aos que ficam, peço as bênçãos dos deuses, para que possam trazer alegria a vossas esposas e a vossos filhos. Que os deuses lhes concedam muita prosperidade e proteção contra todo o mal.”

O vinho foi servido e todas as mãos se ergueram para agradecer aos deuses. Odisseu, levantando-se, disse a rainha Arete: “Viva sempre feliz, rainha, até o momento em que venham a velhice e a morte, destino final de todos os humanos. Vou partir. Faço votos de que vivas feliz neste palácio, para sempre, ao lado dos teus filhos, de teu povo e do rei Alcino.”

Odisseu atravessou a soleira da porta, acompanhado por um arauto, que o guiou até o barco. Atrás deles iam escravas levando pão, vinho, uma túnica, um manto e uma arca. Os marinheiros estenderam mantas no convés do barco, para que o herói pudesse descansar e ali Odisseu se acomodou. Assim que começou a viagem, o herói dormiu profundamente. Os remadores conduziam o barco com rapidez, deixando um rastro de espuma ao cortar as ondas. Quando se ergueu a estrela mais brilhante, que anuncia a luz da Aurora, o barco chegou à ilha.

Em Ítaca há um porto de Fórcis, o Velho do Mar. O porto é formado por duas pontas de rochas altas e escarpadas que avançam para o mar, protegendo a enseada das grandes ondas levantadas pela força dos ventos. Ali os barcos podem aportar sem amarras, em águas tranquilas. Na entrada do porto se vê uma oliveira de grandes ramos e, ao fundo, uma gruta sombria, consagrada às ninfas chamadas Náiades. Na gruta há vasos de pedra, onde as abelhas fabricam mel, e grandes teares, também de pedra, para que as ninfas possam tecer belíssimos tecidos,

tingidos de púrpura marinha. Um encanto para os olhos dos mortais. A água jorra de uma fonte que jamais deixa de correr. Duas entradas tem a gruta: uma para os homens mortais, outra para os deuses imortais.

Os feáceos entraram nesse porto, desembarcaram Odisseu, ainda adormecido, e todos os preciosos presentes recebidos pelo herói, colocando-os junto à oliveira. Depois disso, voltaram para sua terra. No entanto, Poseidon, o que faz tremer a terra, não havia se esquecido das ofensas de Odisseu. Foi procurar Zeus, queixando-se dos deuses e, também, dos feáceos, que além de levar Odisseu de volta a Ítaca, ainda o haviam presenteado com grandes riquezas. Disse que desejava punir esse povo que o desagradara, afundando o barco com seus remadores, para que parassem de transportar pessoas. Também ocultaria a cidade atrás de um grande monte.

Zeus teve outra ideia e disse que Poseidon devia transformar o barco em um rochedo, para que os feáceos, da praia, vissem o prodígio e se enchessem de temor. Assim fez Poseidon, e transformou o barco em pedra. Diante da terrível cena, o rei Alcino revelou que uma antiga profecia acabara de se realizar: por transportarem todo tipo de homem, os feáceos veriam um de seus barcos naufragar próximo ao porto e sua cidade seria oculta por uma grande montanha. Então o rei ordenou que sacrificassem doze bois escolhidos, para que o deus se acalmasse e não ocultasse a cidade.

Enquanto os feáceos preparavam os touros e faziam preces a Poseidon, Odisseu despertou de seu profundo sono, mas não reconheceu o lugar, pois a deusa Atena espalhara uma névoa ao seu redor para protegê-lo. Diante de uma paisagem que lhe parecia estranha, Odisseu pensou que havia sido enganado pelos feáceos. Lamentando-se, resolveu contar os presentes, pois temia ter sido roubado. Após a

conferência, vendo que tudo estava certo, começou a se afligir, ao ver que precisava encontrar um lugar para esconder o seu tesouro. Ainda chorava, caminhando pela praia, quando Atena se aproximou, sob a forma de um jovem pastor.

Odisseu foi ao seu encontro e perguntou que terra era aquela. Atena, a deusa de olhos brilhantes, respondeu que era a ilha de Ítaca, fazendo o herói se alegrar. Astucioso, Odisseu disse que ouvira falar de Ítaca em muitos lugares, até mesmo em Creta, sua terra. Contou que chegara ali sozinho, com suas riquezas, depois de deixar o resto de seus bens a seus filhos. Disse também que havia matado um homem, pois ele tentara roubar o tesouro que trouxera de Troia. Depois do crime, embarcara em um barco fenício com destino a Pilo, mas o vento os desviara de sua rota e acabaram aportando naquele lugar, onde a tripulação o havia deixado, adormecido, com suas riquezas.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, o afagou com a mão. Transformando-se em uma linda jovem, disse sorrindo: "Quem poderia te superar em inventar artimanhas e truques? Nenhum deus seria tão bom em armar trapaças. Nem em tua terra deixas de lado essas histórias mentirosas? O certo é que ambos sabemos tirar vantagem da astúcia. Não reconheces Palas Atena, a filha de Zeus?"

Então a deusa falou sobre as dificuldades que ele encontraria e o alertou sobre a necessidade de se manter em silêncio. Odisseu agradeceu sua proteção constante e disse que era muito difícil para um mortal reconhecê-la, pois a deusa tomava diferentes formas. Atena, de olhos de coruja, respondeu que ele era um homem astucioso e por isso o amava. Então a deusa afastou a névoa e Odisseu pode ver o porto de Fórcis e a caverna das ninfas. Muito feliz, ele beijou o solo de Ítaca, orou às ninfas Náiades e prometeu trazer oferendas.

Atena ajudou Odisseu a esconder seu tesouro na caverna e, em seguida, sentaram-se ao pé da oliveira, para planejarem juntos a morte dos orgulhosos pretendentes. Atena contou a Odisseu que homens arrogantes haviam invadido o seu palácio e cortejavam sua esposa, lhe oferecendo presentes. Penélope aguardava a volta do marido, chorando sem cessar, mas continuava alimentando a esperança de todos eles. Odisseu se angustiou, achando que teria o mesmo fim de Agamenon, assassinado ao chegar em sua casa, e pediu ajuda: "Contigo deusa, com tua força divina, poderei enfrentar até trezentos guerreiros."

Atena garantiu que ficaria ao lado de Odisseu para ajudá-lo a vencer os pretendentes. Disse que o tornaria irreconhecível para todos os mortais, enrugando a sua pele e tornando branco o seu cabelo. Depois o cobriria de farrapos, para que parecesse desprezível a todos os pretendentes. Recomendou que procurasse o guardador de porcos, um escravo de confiança, e se informasse sobre o que acontecia no palácio.

Em seguida, a deusa disse que iria se encontrar com Telêmaco e conduzi-lo de volta para casa. Odisseu perguntou a Atena qual a razão de enviar o rapaz em uma viagem. Ela era uma deusa que tudo sabia. Se tinha conhecimento de seu retorno, por que não contara a Telêmaco?

Atena disse que o rapaz precisava viajar para se tornar conhecido. Também contou que os pretendentes haviam armado uma emboscada para Telêmaco, mas que nada lhe aconteceria. A deusa tocou Odisseu com sua varinha e o transformou em um homem velho, vestido com uma túnica esfarrapada e coberto com uma pele de cervo. Por fim, Atena partiu ao encontro do filho de Odisseu.

CANTO 14

ODISSEU E O FIEL PORQUEIRO EUMEU

Odisseu deixou o porto e seguiu pelos caminhos pedregosos que atravessavam o bosque. Procurava Eumeu, o porqueiro, e o encontrou sentado à porta da cabana, ao lado do pátio onde eram guardados os porcos, cercado por um muro alto de pedras. Com a aproximação de Odisseu, os cães correram em sua direção, latindo ameaçadoramente. O porqueiro acudiu o visitante, afastando os cães aos gritos e pedradas: "Meu velho, por pouco os cães não te estraçalham. E a culpa seria minha, que já tenho tantas preocupações. Todos os dias choro a ausência de meu amo. Cuido de seus porcos para o banquete de outros, enquanto ele, se estiver vivo, vaga por terras estranhas. Mas vem comigo até a cabana para que eu te alimente enquanto me contas de onde vens."

O herói agradeceu a acolhida e o porqueiro lhe disse que jamais receberia mal a um hóspede enviado por Zeus. Em seguida, louvou a bondade de seu senhor: "Se ele aqui estivesse, teria me dado uma casa, uma gleba de terra e uma mulher bonita, presentes que um amo generoso dá aos que bem trabalham, mas ele está morto. Melhor teria sido se Helena e sua raça tivessem morrido em seu lugar. Foi por causa dela, pela honra de Agamenon, que meu amo partiu para lutar contra os troianos."

Assim dizendo, Eumeu foi até as pocilgas, matou dois leitões, cortou a carne em postas e colocou em espetos, para assar. Em seguida, sentou-se, misturou o vinho com água e convidou seu hóspede para juntar-se a ele. Enquanto comiam, reclamou dos pretendentes, contou o que acontecia na casa de seu amo e enumerou os bens de Odisseu: "São doze manadas de bois no continente, doze de carneiros e doze varas de porcos. Aqui nesta ponta da ilha, pastam onze grandes rebanhos de cabras. Todos os dias nós enviamos a melhor cabra e o melhor porco aos pretendentes."

Odisseu comia e bebia em silêncio, ouvindo as palavras de Eumeu e maquinando como haveria de destruir os invasores de sua casa. Depois de se alimentar, perguntou ao porqueiro: "Amigo, a quem pertences? Quem é esse homem que te comprou? Disseste que ele pereceu por defender a honra de Agamenon. Como viajei muito, talvez o conheça."

O porqueiro respondeu que a esposa e o filho de seu senhor não acreditavam nas palavras de nenhum viajante, pois muitos haviam mentido, somente para serem bem tratados. "Ela os ouve, chora, e lhes dá alguma coisa. Eu, porém, acho que ele está morto, para meu infortúnio, pois onde encontraria um amo tão bom? Choro mais por meu amo do que pelos de minha família, porque sei que ele me amava mais do que aos outros."

Odisseu disse a Eumeu que ele não devia perder a esperança. Tinha a certeza de que seu amo voltaria, pronto para se vingar de todas as humilhações. Então o porqueiro disse que não queria se lembrar do passado, pois seu coração se apertava quando falava de seu amo, e completou: "Tomara que Odisseu regresse como tanto desejamos. Mas é com Telêmaco que agora me preocupo. Partiu para Pilo, em busca

de notícias do pai, e os pretendentes lhe armaram uma emboscada. Espero que consiga escapar. Agora, ancião, diga-me de onde vens e para onde vais. Onde vivem os teus pais? Como chegastes a Ítaca?”

Odisseu lhe respondeu que havia nascido em Creta, filho de um homem muito rico e poderoso. Quando o pai morreu, os herdeiros dividiram seus bem em um sorteio. A ele coubera uma casa e um pouco de dinheiro. Como não se interessasse pela administração desses bens, passou a conduzir guerreiros em naus ligeiras, rumo a terras estranhas, para saquear as cidades do litoral. E não demorou muito para enriquecer, mas depois de algum tempo começaram as suas desgraças.

“Fui encarregado de conduzir as naus cretenses a Troia e durante nove anos ali combatemos. No décimo ano, depois de saquearmos a cidade de Príamo, voltamos à pátria. Fiquei um mês em casa, com minha mulher e meus filhos, mas logo decidi reunir nove barcos, tripulação e partir rumo ao Egito. Apesar de minhas recomendações, assim que chegamos nessa terra os meus homens começaram a devastar os campos, a massacrar os homens e a roubar mulheres e crianças. Afinal, os que viviam nas cidades próximas se reuniram para nos enfrentar, liderados pelo seu rei.

Meus companheiros fugiram em pânico, sem ânimo para a luta, e os que não foram mortos, acabaram escravizados. Pronto para morrer, atirei fora minhas armas, corri até o rei e, chorando, abracei seus joelhos. Ele me conduziu ao palácio, onde permaneci por sete anos e acumulei muita riqueza. No oitavo ano, apareceu um fenício, que me levou a sua pátria, onde permaneci como hóspede. Ao final de um ano, levou-me à Líbia, pois pensava me vender como escravo. Estávamos acima de Creta quando Zeus enviou nuvens sombrias e fez escurecer o

mar. Estrondos e raios caíram sobre o barco, fazendo-o virar. Enquanto os homens rodopiavam entre as ondas, agarrei-me ao mastro, que flutuava próximo a mim, e nele vaguei por nove dias sobre o mar."

"Na décima noite cheguei à terra do rei Fídon, que me acolheu. Seu filho foi quem me encontrou e me levou ao palácio. Lá me falaram de Odisseu. O rei me mostrou as riquezas reunidas pelo herói e disse que ele já havia embarcado para voltar ao lar. Antes, porém, consultaria um oráculo para saber se deveria voltar às claras, ou se seria melhor ocultar-se, após tão longa ausência. Quanto a mim, ganhei do rei uma túnica, um manto, e embarquei de volta a minha pátria. No entanto, assim que nos afastamos do litoral, os marinheiros decidiram me vender como escravo. Tiraram minhas roupas e me cobriram com esses trapos. Ao avistarem Ítaca, resolveram comer e dormir na praia, deixando-me amarrado no barco. Com a ajuda dos deuses, consegui me soltar, fugi e me escondi entre a vegetação. O destino quer que eu viva mais."

O porqueiro Eumeu se comoveu com o relato, mas afirmou que não acreditava no que seu hóspede dissera sobre Odisseu. Ele havia deixado de acreditar nesses relatos desde que um homem chegou contando que encontrara Odisseu em Creta, ocupado em reparar os barcos, avariados por tempestades. Esse mesmo homem dissera que o rei voltaria no verão, ou no outono, carregado de riquezas. Mas isso jamais acontecera.

Odisseu respondeu que o porqueiro era muito desconfiado e fez uma aposta: "No dia em que Odisseu chegar ao palácio, me darás uma túnica, uma capa e a ida para minha terra. Se isso não acontecer, poderás ordenar que me joguem de um rochedo." O porqueiro respondeu que jamais maltrataria um hóspede e o convidou para jantar com os outros pastores, que logo estariam de volta. À noite, sacrificaram um grande

porco, oraram pelo retorno de Odisseu e ofertaram aos deuses parte da carne. Em seguida, assaram as coxas e o lombo, que dividiram entre si, deixando para o hóspede a melhor parte. Odisseu agradeceu as gentilezas do porqueiro e, após a refeição, foram se deitar.

Chovia sem parar. A noite terrível, sem lua, ficou gelada. Para testar o porqueiro, Odisseu falou, diante de todos: "Ah, se ainda fosse jovem! Se tivesse a força que tinha no dia em que estive de emboscada, com Odisseu e Menelau, junto às muralhas de Troia! O vento soprava gelado e a neve caía sobre nós. Eu havia me esquecido de levar o manto e estava congelando. Disse a Odisseu que morreria de frio e ele, depois de ordenar que eu ficasse em silêncio, disse para que todos os outros ouvissem: 'Tive um sonho. Como estamos longe das naus, alguém deverá ir até Agamenon e dizer que precisamos de reforços.' Um dos guerreiros retirou seu manto e se lançou a correr em direção às naus. Passei o resto da madrugada, até amanhecer, aquecido debaixo daquele manto. Se eu fosse jovem e forte, algum de vocês me daria o seu manto?"

O porqueiro Eumeu ofereceu ao hóspede um leito junto à lareira e o cobriu com seu manto. Depois, agasalhou-se com uma pele de cabra, armou-se com a espada, uma lança, e foi se deitar próximo aos porcos, na concavidade de uma grande pedra, ao abrigo do vento gelado.

CANTO 15

TELÊMACO CHEGA A ÍTACA

Palas Atena partiu para o palácio de Menelau. O filho de Odisseu precisava voltar para casa. Encontrou Telêmaco deitado no vestíbulo do palácio, angustiado, sem conseguir dormir. A deusa dos olhos brilhantes aproximou-se dele e disse que sua viagem estava demorando demais. Já era hora de se despedir de Menelau, pois o pai e os irmãos de Penélope queriam que ela se casasse com Eurímaco, o pretendente que lhe dera mais presentes. Além disso, eles continuavam a devorar seus bens.

Em seguida, Atena alertou Telêmaco sobre a emboscada que alguns dos pretendentes haviam preparado em um braço de mar e recomendou que viajasse somente à noite. Ao chegar a Ítaca, deveria se dirigir à cabana de Eumeu, o porqueiro, onde passaria a noite. De manhã Telêmaco poderia enviá-lo a Penélope, para anunciar que chegara de sua viagem a Pilo.

A deusa retornou ao Olimpo e Telêmaco acordou seu companheiro, o filho de Nestor, para que se pusessem a caminho. Menelau mandou preparar uma farta refeição para os hóspedes e escolheu em seu tesouro ricos presentes para Telêmaco: uma bela taça, um vaso de prata e um belíssimo véu, tecido por Helena, destinado à futura esposa do rapaz.

Após receberem as provisões e os presentes dados pelo rei, atrelaram os cavalos e subiram ao carro. Estavam se despedindo quando, a sua direita, passou voando uma águia, com um enorme ganso entre as garras.

Helena se aproximou e disse: "Ouçam, vou fazer uma predição. Os deuses me inspiram. Essa águia da montanha, que arrebatou um ganso doméstico significa que Odisseu voltará, depois de muito vagar e padecer, para punir os pretendentes. Talvez até já esteja em seu reino, tecendo planos de vingança". Telêmaco lhe respondeu: "Assim queira Zeus, o trovejante esposo de Hera. A ti, deusa, dirigirei minhas preces". Os cavalos foram chicoteados e o carro veloz avançou pela planície.

Telêmaco pediu ao filho de Nestor para levá-lo direto ao porto, pois tinha pressa em partir. Lá chegando, ordenou que o barco fosse rapidamente preparado para navegar. Pouco antes da partida, um homem se dirigiu a Telêmaco, perguntando quem ele era, de onde vinha e para onde ia. O jovem príncipe respondeu que sua família era de Ítaca e que viajara para buscar notícias de seu pai, Odisseu, desaparecido havia muitos anos.

O viajante, que se chamava Teoclímeno, disse ter matado um homem em sua cidade e que estava fugindo da família do morto. Pediu que o acolhessem no barco, dizendo: "Creio que me perseguem e meu destino agora é fugir." Telêmaco o recebeu e sentou-se com ele na popa. Os homens içaram a branca vela e Atena enviou um vento favorável para apressar a viagem. Afinal anoiteceu. Navegando rumo às ilhas rochosas, Telêmaco se preocupava: conseguiria escapar da morte? Seria aprisionado?

Enquanto isso, na cabana de Eumeu, depois de comer e beber,

Odisseu quis testar o porqueiro, para saber se ele o abrigaria ou se o enviaria para a cidade. "Eumeu, assim que amanhecer, irei à cidade pedir esmolas, de porta em porta, pois não quero ser pesado a ninguém. Peço o teu conselho e um guia para me conduzir ao palácio de Odisseu, onde poderei dar notícias à rainha Penélope e pedir comida aos pretendentes em troca de trabalho."

O porqueiro respondeu que seria muito perigoso ir ao encontro dos pretendentes, pois eram homens prepotentes e violentos. O hóspede deveria permanecer ali, pois sua presença não incomodava a ninguém. Disse por fim o porqueiro: "Quando o filho de Odisseu voltar, te dará de presente um manto, novas roupas, e te levará para onde quiseres ir." Então Odisseu afirmou sua gratidão ao porqueiro por colocar um fim em sua vida errante. Disse que não havia nada pior que andar pelo mundo sem ter um lugar certo para dormir e se alimentar.

Em seguida, Odisseu pediu ao porqueiro para lhe falar sobre a mãe e o pai de seu senhor. Ainda viviam ou já haviam morrido? O porqueiro respondeu que o pai, Laertes, ainda vivia, mas todos os dias chamava pela morte, lamentando a ausência do filho e a perda de sua esposa, que havia definhado de tristeza. Eumeu contou sobre sua grande afeição por Anticleia, a mãe de Odisseu, que o criara como a um filho. Com prudência, Odisseu lhe perguntou como havia se tornado escravo: "Conta-me o que te aconteceu. Saquearam a cidade de teus pais e te sequestraram? Piratas te levaram enquanto estavas sozinho no campo e te venderam como escravo?

Eumeu, o guardador de porcos, respondeu que se era desejo do hóspede, ele contaria a sua história: "Há uma ilha chamada Siros, não muito povoada, mas de boas terras, onde se erguem duas cidades, sobre as quais o meu pai reinava. Um dia apareceu um barco fenício,

cheio de mercadorias, e ancorou no porto para fazer o seu comércio. Na casa de meu pai havia uma escrava fenícia, estimada por seu trabalho. Um dos comerciantes abordou-a, e lhe perguntou de onde era. Ela contou que era de Sídon, nascida em uma família rica, mas havia sido raptada quando voltava do campo e vendida por bom preço ao rei daquela cidade. O homem a seduziu e perguntou se ela não desejava voltar para a casa de seu pai. A escrava fez os marinheiros jurarem que a levariam de volta a sua pátria e, para pagar sua passagem, prometeu levar consigo o filho de seu amo, por quem poderiam receber uma boa quantia em qualquer país estranho. Embarcamos na negra nau dos fenícios e seguimos pelos caminhos do mar. No sétimo dia de viagem a mulher morreu e lançaram o seu corpo às águas. O vento trouxe o barco até Ítaca, onde o rei Laertes me comprou com outros bens."

Odisseu disse que estava comovido pela narrativa de Eumeu e pelo seu sofrimento. Falou sobre a sorte do porqueiro por ter encontrado um bom amo e ser bem tratado. Um destino melhor do que o seu, que não passava de um pobre peregrino, sem nenhum amparo ou proteção. Conversando, foram dormir bem tarde, e logo se levantaram, pois surgiu no céu a Aurora de dedos rosados.

Enquanto isso acontecia, Telêmaco e seus companheiros chegavam à costa, recolhiam as velas e lançavam âncora, desembarcando para preparar sua refeição na praia. Depois de comerem e beberem à vontade, Telêmaco mandou que fossem para a cidade. Ele iria se encontrar com pastores e visitar suas terras. Só depois disso seguiria para o palácio.

Teoclímeno, o estrangeiro, perguntou se deveria procurar a mãe de Telêmaco, no palácio. O jovem respondeu que em sua casa ele não seria recebido como merecia: "Não deves procurar minha mãe, pois ela

quase não sai de seu quarto e poucas vezes se mostra aos pretendentes. Poderás te dirigir a Eurímaco, muito admirado pelos homens de Ítaca, que o tratam como se fosse um deus. Ele é o que mais se empenha em desposar minha mãe, para tomar o lugar de Odisseu."

Enquanto falava, um falcão passou voando a sua direita, levando entre as garras uma pomba, da qual arrancava as penas. Teoclímeno disse que o acontecimento era um presságio. Nenhuma família era mais nobre e digna de reinar em Ítaca do que a de Odisseu, e estariam para sempre no poder. Telêmaco respondeu: "Tomara que tuas previsões se cumpram, para que possas conhecer a minha generosidade." Em seguida, pediu a Pireu, o mais fiel de seus companheiros, para levar o hóspede consigo e recebê-lo em sua casa até que voltasse ao palácio. Pireu disse que cuidaria bem do hóspede e que Telêmaco poderia se demorar no campo o tempo que fosse necessário.

Afinal, os homens saltaram para o barco e ocuparam os seus lugares nos remos. Telêmaco calçou as sandálias e pegou sua lança de bronze, guardada na cobertura do barco. As cordas da popa foram soltas e o barco se afastou da praia, com a força dos remos, rumando para a cidade. Telêmaco, o amado filho de Odisseu, seguiu a passos largos em direção ao lugar onde eram guardados seus incontáveis porcos. Queria ver o porqueiro, um devotado servidor, que ali dormia.

CANTO 16

ENCONTRO DE TELÊMACO COM ODISSEU

Ao raiar a Aurora, Odisseu e o porqueiro acenderam o fogo para preparar a refeição da manhã, pois era hora de levar os porcos ao pasto. Quando Telêmaco se aproximou os cães o cercaram, saltando e abanando a cauda. Odisseu percebeu a atitude dos cães e disse ao porqueiro: "Está chegando um amigo, alguém conhecido, pois os cães não ladram, apenas saltam." Mal terminara de falar, Telêmaco apareceu à porta e o porqueiro correu para abraçá-lo, recebendo-o entre lágrimas, com o amor de um pai que recebe seu único filho.

"Telêmaco, minha doce luz, enfim estás de volta! Não esperava mais te ver! Pensei que havias morrido em Pilo. Entra, filho querido, para que meus olhos se alegrem de te ver aqui, aonde quase não vens mais, por causa do assédio dos pretendentes." Telêmaco, prudentemente, respondeu: "Pois aqui estou, paizinho. Quis te ver com meus próprios olhos e saber se minha mãe continua resistindo no palácio ou se aceitou se casar".

Eumeu, o porqueiro, respondeu que Penélope continuava no palácio, onde noite e dia, entre lágrimas, resistia com ânimo de ferro. Telêmaco entregou sua lança ao porqueiro e atravessou o portal de pedra. Odisseu, ao vê-lo, se ergueu, oferecendo o lugar para o rapaz

se sentar, mas Telêmaco ordenou que continuasse onde estava e foi se sentar em outro canto. Em seguida, perguntou a Eumeu de onde vinha o estrangeiro e que barco o havia trazido a Ítaca.

O porqueiro respondeu que seu hóspede era de Creta e que havia percorrido muitas cidades. Após fugir de um barco, buscara acolhida em sua cabana. Com o retorno de Telêmaco, porém, era ele, o seu amo, que deveria recebê-lo como hóspede. O filho de Odisseu respondeu que, naquele momento, por causa da situação em sua casa, não podia receber ninguém. Seria mais seguro que o hóspede permanecesse ali. No palácio, ele poderia ser insultado pelos pretendentes, que eram numerosos, fortes e insolentes.

Odisseu perguntou a Telêmaco por que os pretendentes haviam invadido o palácio e por que ele aceitava suas atitudes insolentes. "Ofendeste aos deuses? És odiado pelo povo? Não tens irmãos para te defender? Se eu tivesse a tua juventude e fosse filho de Odisseu, lutaria contra aquela corja, pois seria melhor morrer assassinado em minha própria casa do que ser humilhado, tendo que presenciar, dia após dia, as escravas sendo violentadas nos aposentos do palácio, o vinho se esgotando e, num esbanjamento insensato, os mantimentos sendo devorados".

Com prudência, Telêmaco respondeu que não era odiado pelo povo. Também não tinha irmãos. Era filho único e seu pai o deixara. O palácio havia sido invadido por homens de Ítaca e das ilhas vizinhas, que pretendiam casar-se com Penélope, sua mãe. Como ela não se decidia, os pretendentes devoravam os seus bens. Por fim, pediu ao porqueiro para ir ao encontro de Penélope e avisá-la sobre o seu retorno.

Assim que Eumeu partiu em direção ao palácio, a deusa Atena, que observava tudo o que ali acontecia, se aproximou da cabana,

tomando a forma de uma bela mulher. Foi vista somente pelos cães, que fugiram ganindo, e por Odisseu, que se afastou em direção ao muro do pátio, assim que a deusa o chamou. Ela então lhe dirigiu estas palavras: "Odisseu, homem de muitas habilidades, revela-te a teu filho, sem nada lhe ocultar, para que possam planejar a destruição dos pretendentes. Devem seguir juntos para a cidade, pois terão a minha ajuda."

Atena tocou Odisseu com sua varinha e fez voltar a sua antiga aparência. Então a deusa se afastou e Odisseu entrou na cabana. Telêmaco, em assombro, ao vê-lo transformado, desviou os olhos e perguntou se estava diante de um deus. Odisseu respondeu: "Não sou um deus. Não deves me confundir com os imortais. Sou teu pai, aquele por quem lamentas e choras, exposto a tantas humilhações."

Odisseu abraçou o filho, entre lágrimas, mas Telêmaco, sem acreditar em suas palavras, respondeu: "Tu não és o meu pai, mas uma divindade que me engana para aumentar a minha dor. Nenhum mortal pode fazer tais prodígios. Agora mesmo tu eras um velho, coberto de trapos, e agora te assemelhas aos deuses celestes." Odisseu disse a Telêmaco que não deveria ficar tão surpreso. Ele era Odisseu, que depois de anos de sofrimento voltava à terra de seus pais, graças a Atena, senhora da vitória. A deusa, com seu poder, o havia transfigurado. Então Telêmaco, aos prantos, abraçou o seu pai.

Por muito tempo os dois choraram, abraçados um ao outro, entre longos gemidos e soluços profundos. Telêmaco perguntou ao pai como havia chegado a Ítaca e Odisseu lhe contou sobre a viagem com os feáceos. Também falou sobre os presentes preciosos que recebera desse povo, bem guardados na gruta das ninfas. Por fim, Odisseu contou sobre o conselho que recebera de Atena, para que planejassem juntos

a morte dos seus inimigos, e perguntou: "Quantos pretendentes estão no palácio? Quais os nomes deles? Preciso saber se podemos atacá-los sozinhos, ou se vamos precisar da ajuda de outros para vencê-los."

Telêmaco disse não saber como dois homens sozinhos poderiam vencer tantos opositores, E fez as contas: somando os homens de Dulíquio e de Same, eram oitenta e dois. De Zacinto, vinte homens, de Ítaca eram mais doze. Havia ainda o arauto, o aedo e os dois escravos que trinchavam a carne. Se os pretendentes fossem atacados, certamente reagiriam com violência.

Odisseu disse que confiava no auxílio de Zeus e de Atena. Recomendou ao filho que fosse logo cedo ao palácio e se misturasse aos pretendentes. Mais tarde, com a aparência de um mendigo, ele iria até lá, conduzido pelo porqueiro, e avisou a Telêmaco que não deveria reagir se os pretendentes o tratassem mal. Ao se dirigir aos pretendentes, deveria usar palavras brandas. Todas as armas que se encontravam na sala deveriam ser guardadas e se os pretendentes perguntassem por elas, diria que estavam imundas, enegrecidas pela fuligem, e precisavam ser polidas. Deixaria na sala somente dois escudos de pele de boi, duas espadas e duas lanças, para empunharem quando enfrentassem seus adversários. Por fim, Odisseu exigiu de Telêmaco completo silêncio sobre o seu retorno. Ninguém, nem Laertes, seu velho pai, nem Penélope, nem qualquer criado, ninguém deveria saber que estava de volta.

Nesse meio tempo, chegou ao porto de Ítaca o barco que levara Telêmaco a Pilos e Penélope foi avisada do retorno de seu filho. Os pretendentes, contrariados, se reuniram para discutir o que fariam, pois Telêmaco havia escapado da emboscada. Antino tomou a palavra, lembrando a todos que seus objetivos não seriam alcançados enquanto

Telêmaco estivesse vivo. Propôs então que matassem o rapaz em uma emboscada no campo e dividissem entre eles os seus bens. O palácio de Odisseu ficaria para Penélope e o homem que se casasse com ela. Anfínomo, o primeiro dos pretendentes e o mais estimado de Penélope por sua sensatez, discordou da proposta, dizendo que não podia concordar, pois era um grande crime destruir a linhagem de um rei. Deviam consultar os deuses e agir de acordo com a sua vontade. Os outros aceitaram o que ele dizia e todos voltaram para o salão.

Penélope soube que tramavam matar seu filho e foi até a sala com suas escravas, perguntar por que Antino tramava contra Telêmaco. A rainha lembrou como Odisseu dera amparo aos parentes de Antino quando sua família chegara a Ítaca e pediu aos pretendentes que parassem com aquelas ameaças. Eurímaco, um dos que desejavam a morte de Telêmaco, jurou a Penélope que, enquanto estivesse vivo, nenhum dos pretendentes encostaria as mãos em seu filho. Angustiada, a rainha subiu aos seus aposentos e chorou por seu marido, até que Atena fez o sono fechar suas pálpebras.

Ao fim da tarde, quando o porqueiro chegava à cabana, Atena voltou a transformar Odisseu em velho, cobrindo-o de farrapos. Telêmaco perguntou a Eumeu se os pretendentes haviam voltado para suas casas ou se ainda desejavam emboscá-lo e o porqueiro respondeu que não sabia. Havia transmitido a mensagem a Penélope e voltado o quanto antes. Da colina avistara um barco entrando no porto, com muitos homens armados de escudos e lanças de duas pontas. Telêmaco trocou um olhar com seu pai. Deviam ser os homens enviados para tentarem emboscá-lo. Afinal, os três cearam juntos. Depois de beberem à vontade e de comerem bem, foram para a cama e dormiram um sono tranquilo.

CANTO 17

ODISSEU ENTRE OS PRETENDENTES

Quando a Aurora de dedos rosados despontou no céu, Telêmaco calçou as sandálias, pegou sua lança e disse ao porqueiro: "Paizinho, vou à cidade, para que minha mãe me veja. Sei que ela só ficará tranquila depois que me abraçar". Em seguida, antes de se por a caminho, ordenou a Eumeu que conduzisse o hóspede até a cidade.

Telêmaco chegou ao palácio, encostou a lança em uma coluna, atravessou o portal e entrou. A primeira a avistá-lo foi Euricleia. A velha escrava deixou o que fazia e correu ao seu encontro, sem conter as lágrimas. Penélope, a mais discreta das mulheres, saiu de seus aposentos e abraçou o filho de seu coração. Chorando, beijou seus olhos e sua testa, dizendo, entre soluços: "Telêmaco, minha doce luz, afinal estás de volta! Não esperava te ver de novo. Vem! Conta tudo o que te aconteceu!"

O prudente Telêmaco respondeu: "Minha mãe, escapei de perder a vida e não quero falar sobre isso. Sobe aos teus aposentos com tuas escravas, para te banhar e vestir roupas limpas. Deves prometer sacrifícios aos deuses e orar a Zeus, para que os crimes de nossos inimigos sejam punidos". Em seguida, Telêmaco avisou que iria à ágora. E saiu de casa com sua lança, seguido por dois cães, para se encontrar

com o estrangeiro que o acompanhara na viagem.

No caminho para a ágora, todos se maravilharam ao vê-lo caminhar, pois ele estava revestido pela graça divina. Os pretendentes, traiçoeiros, o saudavam com palavras amistosas, mas em seu íntimo desejavam destruí-lo. Enfim Telêmaco encontrou Teoclímeno, o estrangeiro, e o levou ao palácio para que se banhasse e se alimentasse. Penélope foi se sentar ao lado deles e pediu ao filho para contar o que havia descoberto sobre Odisseu, sem nada lhe ocultar.

Telêmaco respondeu que não pretendia esconder nada de sua mãe e contou que viajara para Pilo, onde o rei Nestor o havia recebido. Como nada sabia sobre Odisseu, Nestor lhe dera um carro, guiado por um de seus filhos, para seguirem viagem até o palácio de Menelau. Ao chegarem, o rei lhe perguntou a razão da viagem. Quando soube o que acontecia, ficou indignado e desejou que Odisseu, em seu retorno, matasse todos os pretendentes. Telêmaco disse que também havia encontrado Helena, causa da guerra entre gregos e troianos. Por fim, contou o que Menelau lhe revelara: "O Velho do Mar viu Odisseu, aos prantos, na ilha da ninfa Calipso, que o retém à força. Não tem barco e nem companheiros que naveguem com ele sobre o vasto mar".

As palavras de Telêmaco tocaram o coração de Penélope. Em seguida, o estrangeiro tomou a palavra para dizer que faria uma predição: "Odisseu já retornou a sua pátria e vagueia por aí, em busca de informações sobre o que acontece em sua casa, preparando-se para enfrentar seus inimigos." Penélope, emocionada, desejou que a profecia do hóspede se cumprisse.

Enquanto os pretendentes se divertiam jogando dardos, à espera da hora do jantar, Eumeu se preparava para ir à cidade, levando com ele o seu hóspede. Odisseu pediu ao porqueiro um bastão, para que

pudesse se apoiar na caminhada, e seguiram por um caminho pedregoso. Próximo à cidade, pararam em uma fonte de água cristalina, que alimentava as raízes de um bosque de álamos. A água fresca brotava de um rochedo, onde se erguia um altar para as Ninfas. Ali encontraram o cabreiro Melântio, que lhes dirigiu palavras grosseiras: "Vejam bem esse par: uma ruindade junto com outra ruindade. Zeus aproxima os que se parecem. Porqueiro fedido, onde levas esse mendigo nojento? Se for ao palácio de Odisseu, vão lhe atirar coisas às costas e quebrarão suas costelas."

Após essas palavras, o cabreiro deu um pontapé no traseiro de Odisseu, deixando-o tomado pelo ódio. Em dúvida se deveria matar o homem com uma paulada, ou esmagar o seu crânio contra o solo, Odisseu, não se moveu. Por fim, conseguiu controlar o ímpeto e nada fez. O porqueiro, porém, ergueu as mãos e orou às Ninfas, suplicando a volta de seu amo, que daria fim a tantos desmandos. O cabreiro continuou com suas grosserias, ameaçando o porqueiro e afirmando o seu desejo de ver Telêmaco morto pelas mãos dos pretendentes.

Em seguida, o cabreiro Melântio seguiu a passos rápidos para a cidade, deixando Odisseu e o porqueiro para trás. Caminhando devagar, Odisseu seguiu o porqueiro até os muros do palácio. Os dois se detiveram próximo à entrada, onde viram um cão, coberto de feridas, deitado sobre um monte de esterco. Era Argos, criado por Odisseu desde filhote. Quando o cão viu seu dono, ergueu a cabeça e as orelhas, abanou a cauda, mas permaneceu onde estava, sem forças para chegar até ele. Odisseu virou a cabeça, para enxugar uma lágrima, e disse a Eumeu que achava estranho ver um cão de boa raça abandonado sobre o estrume. O porqueiro respondeu que o dono do pobre animal havia morrido em terras distantes e as escravas não

cuidavam dele. Depois de rever seu dono, Argos morreu.

Assim que o porqueiro entrou na sala, Telêmaco o chamou. Eumeu se acomodou próximo ao rapaz e, em seguida, Odisseu, maltrapilho, apoiado em um bastão, se sentou no chão, junto à entrada. Telêmaco mandou o porqueiro levar comida ao estrangeiro, e dizer que ele podia mendigar entre os pretendentes. Ao terminar a refeição, Odisseu se ergueu e Atena se aproximou, pois queria que o herói descobrisse, entre os homens que ali estavam, quem era cordial e quem era perverso.

Alguns dos pretendentes deram pedaços de pão ao mendigo, enquanto perguntavam, uns aos outros, se sabiam quem era ele. O cabreiro Melântio, sentado diante da mesa, onde era sempre bem servido, disse que havia encontrado o estrangeiro na companhia do porqueiro Eumeu. Então Antino perguntou por que o porqueiro havia levado o mendigo para importuná-los e disse que o homem deveria ser expulso.

O porqueiro respondeu a Antino, acusando-o de ser o que mais maltratava os escravos de Odisseu. Telêmaco mandou o porqueiro se calar e afirmou que não expulsaria o mendigo. Em seguida, sugeriu que Antino desse um pouco de comida ao pedinte. Odisseu se aproximou de Antino e pediu uma esmola, contando que havia sido rico, dono de muitos escravos, mas perdera tudo no Egito. Seus homens saquearam aldeias, roubaram mulheres e crianças, até que os moradores do lugar se reuniram para enfrentá-los. Os que não morreram foram escravizados. Disse que havia sido vendido como escravo a um rei de Chipre, mas no caminho havia conseguido fugir.

Antino, irritado, mandou o mendigo se afastar dali. Odisseu respondeu que a comida não era dele, mas de outro, e por isso não devia lhe negar aquela esmola. Ainda mais irado com essa resposta,

Antino atirou uma banqueta de madeira no ombro de Odisseu, que resistiu ao golpe, firme como uma rocha, enquanto forjava planos sombrios e voltava a se sentar no chão. Em voz alta, disse que era uma vergonha alguém ferir um vagabundo faminto: "Tu me feriste por causa da fome desse odioso ventre, que tantos males traz aos homens. Mas se os deuses e as Erínias existem também para os mendigos, antes de teu casamento encontrarás a morte". Os outros pretendentes também criticaram a atitude de Antino e Telêmaco permaneceu em silêncio. Ao saber que um mendigo havia sido ferido em sua casa, Penélope mandou o porqueiro chamá-lo. Queria saber se o homem tinha alguma notícia de Odisseu.

O porqueiro disse à rainha que ela se encantaria com o estrangeiro, pois ele contava histórias tão bem como um aedo, ou como Odisseu, que sempre o encantara com as histórias que costumava contar. Penélope lastimou os atos dos pretendentes, e disse que se Odisseu voltasse, logo se vingaria, ajudado por seu filho. Assim que a rainha disse tais palavras, Telêmaco deu um espirro bem forte, que ressoou em toda a casa e Penélope riu, pois o espirro era um bom presságio.

Quando o porqueiro disse a Odisseu que a rainha o chamava, ele respondeu que temia a reação dos pretendentes. Sugeriu que ela esperasse até o pôr do sol, quando poderiam conversar junto à lareira. O porqueiro deu o recado e foi se despedir de Telêmaco, antes de voltar para sua cabana. Enquanto isso, os que enchiam a sala continuaram a dançar e a cantar, pois o dia chegava ao fim.

CANTO 18

ODISSEU LUTA COM O MENDIGO IROS

Chegou ao palácio um mendigo conhecido por ser comilão e chamado por todos de Iros, pois costumava levar recados. O mendigo Iros entrou no pátio e quis expulsar Odisseu, insultando-o com palavras grosseiras: “Sai daqui velho! Vai embora se não queres que eu te arraste por um pé”. Odisseu disse que ele não deveria provocá-lo, mas o homem continuou com suas ofensas. Antino se divertia com a cena e incitou a briga, oferecendo como prêmio ao vencedor um bucho de cabra assado, recheado de gordura e sangue.

Odisseu disse que um velho não poderia vencer um moço na luta, mas como estava com fome, aceitaria o desafio. Queria, porém, um juramento: ninguém tentaria golpeá-lo para favorecer Iros. Quando Odisseu retirou os farrapos para lutar, todos viram os músculos de seu corpo e temeram pela sorte de Iros, que começou a tremer. Odisseu perguntava a si mesmo se devia matá-lo logo com um soco ou apenas deixá-lo sem sentidos. Por fim, resolveu ser mais brando, para que não desconfiassem dele.

Iros feriu o ombro direito de Odisseu e o herói revidou com um golpe na nuca, abaixo da orelha, que fez o sangue espirrar. Enquanto o homem gritava e rolava de dor, os pretendentes morriam de rir.

Odisseu o agarrou pelo pé e só o largou na entrada do pátio, dizendo: "Fica aí agora, cuidando para que os cães e os porcos não entrem na sala. Se não quiseres que te aconteça o pior, permanece aqui fora. Não passas de um pobre coitado."

Os pretendentes, ainda rindo, desejaram que Zeus concedesse ao vencedor tudo o que ele mais desejasse em seu coração e Odisseu se alegrou com o presságio contido naquelas palavras. Antino lhe serviu a carne e Anfínomo lhe deu dois pães, desejando-lhe sorte e riqueza. Odisseu agradeceu a Anfínomo, dizendo que ele parecia ser um homem sensato, assim como era sensato o seu pai. Por isso, disse Odisseu, ele devia observar a vida desregrada dos pretendentes, consumindo os bens e desrespeitando a esposa de um homem que logo poderia retornar, pois uma divindade, certamente, o conduziria de volta a sua casa.

Em seguida, recomendou que Anfínomo se afastasse: "Acredito que Odisseu está bem próximo daqui e espero que os deuses te levem à tua casa, para que não te encontres com ele no momento em que voltar à terra de seus pais. Quando Odisseu regressar, sua luta contra os pretendentes será sangrenta e cruel." Ao ouvir essas palavras, Anfínomo começou a andar de um lado para o outro, angustiado, prevendo a desgraça, mas não pôde fugir ao seu destino. Acabou voltando à mesma poltrona em que estivera sentado, pois a deusa Atena o reteve no palácio, para que fosse morto pela lança de Telêmaco.

Então a deusa Atena inspirou em Penélope a ideia de se apresentar aos olhos dos pretendentes. A rainha chamou duas escravas, para desceram com ela até o salão, pois desejava fazer uma recomendação a seu filho. Ao ver o rosto de Penélope, desfigurado pelas lágrimas, Atena mudou seus planos e fez o sono cobrir os olhos da rainha. Enquanto

ela dormia, a deusa cobriu-a de dons, para que os pretendentes a admirassem ainda mais. Quando Penélope acordou, desejou que a morte a tivesse levado, para que não continuasse a sofrer pela falta que sentia de seu marido.

Afinal, acompanhada das escravas, Penélope deixou seus aposentos e desceu as escadas. Finos véus lhe ocultavam a face. Os pretendentes, fascinados, sentiram seus joelhos fraquejarem. Todos desejavam dormir com ela. Penélope se dirigiu ao filho e o repreendeu por permitir que ofendessem um hóspede. O prudente Telêmaco disse que compreendia a indignação da mãe e contou o que havia acontecido. Explicou que aquela briga não havia sido imposta pelos pretendentes e que o seu hóspede saíra vencedor.

Eurímaco, um dos pretendentes, elogiou a beleza de Penélope, mas ela respondeu que os deuses haviam acabado com seus encantos e com a sua formosura no dia em que seu marido embarcara para Troia. Em seguida, revelou o que Odisseu lhe dissera pouco antes de embarcar, depois de enaltecer a força de seus inimigos, os troianos: "Não sei se voltarei à pátria. Toma conta de tudo. Quando nosso filho tiver barba, deves te casar e deixar o palácio."

Penélope continuou: "Vai se aproximando a noite em que terei de suportar um casamento odioso. Os pretendentes, porém, já não respeitam os costumes antigos. Os que pretendem uma mulher nobre, levam ricos presentes à noiva, bois e ovelhas, em vez de devorar impunemente os seus bens."

Odisseu se alegrou ao ver que ela pedia mais presentes e que os pretendentes aceitavam suas exigências. Em resposta, Antino disse que ela seria presenteada, mas eles não voltariam para suas casas até que a rainha desposasse um deles. Em seguida, os pretendentes

enviaram mensageiros, para que buscassem as ricas joias com que presentearam Penélope e continuaram a dançar e a cantar, esperando a chegada da noite.

Ao anoitecer, acenderam os braseiros, que eram alimentados pelas escravas com lenha e brasas. Odisseu disse às mulheres que deviam subir para fazer companhia à Penélope e que ele mesmo cuidaria dos braseiros. Todas se riram dele, incentivadas pela bela Melanto que se tornara amante de Eurímaco. Penélope sempre a tratara com carinho de mãe, mas a escrava não demonstrava gratidão e dirigiu-se a Odisseu com grosseria: "Miserável, estás louco? Devias ir dormir em outro lugar. Pensas que és um herói só por que venceste um mendigo? Alguém melhor que Iros vai aparecer para te quebrar a cabeça e te expulsar coberto de sangue".

Odisseu atravessou-a com um olhar terrível e respondeu: "Vou contar a Telêmaco o que estás dizendo, cadela, para que ele venha aqui te esquartejar." Ao ouvirem essas palavras, as mulheres, apavoradas, correram dali e ele foi se sentar juntos aos braseiros. Os pretendentes, no entanto, não paravam de insultá-lo. Eurímaco foi o primeiro a ofender Odisseu, debochando dos ralos cabelos de sua cabeça e fazendo todos os outros rirem às gargalhadas. Depois o chamou de preguiçoso e completou: "Tu não sabes o que é trabalhar. Preferes sair mendigando pelas ruas, para encher essa tua barriga insaciável."

O herói respondeu com sabedoria, dizendo que em uma competição entre os dois, queria ver quem era mais resistente no trabalho de ceifar um campo no verão, quando os dias são mais longos que as noites. E se Zeus, pai dos deuses, enviasse alguma guerra, ele o veria combatendo com guerreiros nas primeiras linhas. Certamente ele não o insultaria por causa de sua fome: "Tu és um arrogante de coração

duro. Forte somente quando enfrentas esses fracos que te cercam. Se Odisseu viesse, retomaria o domínio desta terra, e logo estas portas, bem largas, se tornariam estreitas para a tua fuga".

As palavras de Odisseu encheram de ódio o coração de Eurímaco. Sua vista se turvou ao responder, enraivecido: "Desgraçado! Tu serás castigado pelas asneiras que dizes! O vinho fez subir à tua cabeça a vitória que tivestes na luta contra Iros?" Mal terminou de falar, o homem pegou uma banqueta para atirá-la em Odisseu, mas ele se afastou, indo se sentar aos pés de outro pretendente, e a banqueta atirada por Eurímaco atingiu o braço de um copeiro. O jarro que o homem levava voou longe e ele caiu de costas no chão. Na sala sombria, os pretendentes fizeram uma gritaria, reclamando do estrangeiro que tumultuava o festim.

Telêmaco, corajosamente, tomou a palavra: "Desgraçados! Devem estar loucos! Que deus os incita a comer e a beber tanto, ao ponto de perderem a razão? Já comeram e beberam o suficiente! Agora devem voltar para casa. Quem quiser que vá, pois não forçarei a ninguém."

Todos morderam os lábios, perplexos. Os pretendentes silenciaram, admirados por Telêmaco lhes falar com tanta audácia. Um dos pretendentes, Anfínomo, rompeu o silêncio: "Amigos, nenhum de nós deve se irritar com as palavras de Telêmaco, nem responder com agressões aos escravos desta casa. Vamos deixar o estrangeiro aos cuidados de Telêmaco, que o recebeu como hóspede". Todos os pretendentes aceitaram aquelas palavras. Fizeram suas últimas libações, beberam o vinho e foram para suas casas dormir.

CANTO 19

EURICLEIA RECONHECE ODISSEU

No palácio, com a ajuda de Atena, Odisseu começava a planejar sua vingança contra os pretendentes. Telêmaco foi incumbido de esconder todas as armas de guerra em um lugar seguro. Se os pretendentes perguntassem algo, ele diria que precisava limpar as armas de seu pai, pois estavam enegrecidas pela fumaça. Além disso, se surgisse alguma briga enquanto estivessem bêbados, elas poderiam ser perigosas.

Telêmaco chamou Euricleia e disse à velha ama para trancar todas as mulheres em um aposento. Depois disso, começaram a guardar capacetes, escudos e lanças. Atena ia à frente, levando um facho dourado para iluminar os corredores. Telêmaco, assombrado, observou que algum deus deveria estar naquela casa, pois tudo brilhava diante de seus olhos. Odisseu disse ao filho para não fazer perguntas, pois os deuses sabiam como agir.

Terminada a tarefa, Telêmaco foi para o seu quarto e Odisseu ficou no salão, com Atena, tecendo os planos para acabar com os pretendentes. Penélope, que não conseguia dormir, desceu as escadas e se sentou perto do fogo. Mandou que preparassem um assento para o hóspede e perguntou de onde ele vinha, como se chamava e quem eram seus pais. Odisseu respondeu que era um homem infeliz e pediu

para não ser obrigado a falar sobre sua origem, pois relembrar tantos males só faria aumentar o sofrimento de seu coração. Por fim, ele falou: "Sou um homem que sofre, mas não devo chorar e me lamentar em casa alheia".

A rainha contou que esperava, há muitos anos, a volta de seu marido, e sofria com o assédio dos pretendentes. Diante da insistência para que escolhesse logo a um deles, o que lhe restava era se defender com artimanhas. Então Penélope contou que uma divindade havia lhe dado a ideia de instalar um tear em seu quarto e começar a tecer uma mortalha para seu sogro, Laertes. Disse aos homens que só faria a sua escolha depois de terminar o trabalho e por quatro anos havia enganado a todos, desmanchando à noite o que tecia durante o dia. Mas algumas escravas contaram aos pretendentes e eles a obrigaram a terminar a mortalha. Já não sabia mais o que inventar para adiar seu casamento.

Depois de contar suas desventuras, a rainha insistiu em saber o nome do hóspede e da terra onde ele havia nascido. Odisseu contou que era de Creta, uma terra cercada de água, com noventa cidades, onde muitas línguas se misturavam, pois vários povos residiam ali. Entre todas essas cidades sobressaía Cnossos, na qual reinara o nobre rei Minos. Disse então a Penélope que seu nome era Éton e havia visto Odisseu em Creta, onde lhe oferecera presentes de hospitalidade.

"Eu hospedei Odisseu em minha casa e o tratei como amigo nos doze dias que permaneceu em Cnossos. Também coletei mantimentos entre o povo de Creta, para que levasse em sua viagem". Tecendo o seu relato, Odisseu ia fazendo o que era falso parecer verdadeiro. Ao ouvi-lo, Penélope se desmanchava em lágrimas. Em certo momento, a rainha disse que o submeteria a uma prova, para saber se ele realmente

hospedara Odisseu em sua casa. Então perguntou: "Como ele era? Como se vestia? Que companheiros o seguiam na viagem?"

Odisseu disse que seria difícil responder, pois vinte anos haviam se passado, mas ele o descreveria da forma que o trazia na memória. Falou do belíssimo manto, preso com uma fivela de ouro de dois orifícios, onde se via, em relevo, um cão segurando entre as patas um cervo morto. Depois, descreveu a túnica brilhante, fina e macia como uma casca seca de cebola. Por fim, disse lembrar-se de Euríbates, de pele escura e cabelo crespo, que parecia ser o amigo mais estimado por Odisseu.

Depois de mais algumas lágrimas e gemidos, Penélope disse que ela mesma havia dado a Odisseu as roupas que o homem descrevia. Ele então respondeu que a rainha não devia chorar pelo marido, pois sabia por fonte segura que ele não estava longe dali e que logo voltaria carregado de objetos preciosos. Embora os homens que o acompanhavam tivessem morrido no mar, Odisseu sobrevivera. Ele havia sido acolhido pelos feáceos e já poderia estar em casa, mas quis sair em busca de mais riquezas, pois ninguém o superava em astúcias. Garantiu que, naquele momento, um barco já estava pronto e tripulado para levá-lo a Ítaca. Odisseu estava em Dodona, consultando um oráculo, para saber se deveria voltar à pátria em segredo ou sob a vista de todos.

Penélope disse que mandaria as escravas providenciarem um banho e roupas limpas para o hóspede. E também um leito confortável, onde pudesse passar a noite. Odisseu rejeitou o que ela lhe oferecia, dizendo que desejava somente lavar os pés. Pediu a Penélope que não lhe enviasse uma escrava jovem, mas alguma velha bondosa e discreta, curvada pelos anos, que carregasse tantos sofrimentos quanto ele,

para que tocasse os seus pés. A rainha chamou Euricleia, dizendo: "Cuida desse homem, que deve ter a mesma idade de teu senhor. Seus pés e mãos talvez se pareçam com os pés e as mãos de Odisseu, pois o sofrimento faz os homens envelhecerem depressa".

Quando a velha escrava começou a banhar os pés do hóspede, reconheceu uma cicatriz feita pelos dentes de um javali, em uma caçada, quando Odisseu, ainda muito jovem, visitava o seu avô. Euricleia deixou o pé do hóspede cair na bacia e a água escorreu pelo chão. Seus olhos se encheram de lágrimas. Tocou o rosto de Odisseu e falou: "Filho querido, és tu? E eu não te reconheci! Precisei te tocar!"

Euricleia ergueu os olhos para Penélope, para avisá-la da volta de seu marido, mas Odisseu a puxou para si e disse: "Mãezinha, queres que eu morra? Vinte anos são passados e volto para casa depois de muito sofrer. Se algum deus te fez me reconhecer, cala-te. Ninguém deve saber de meu retorno. Se descobrirem que aqui estou, ao final, quando matar as outras escravas, não irei te poupar, embora tenhas me amamentado". A prudente Euricleia respondeu: "Percebes a gravidade das palavras que escaparam de tua boca? Sabes o quanto meu coração é firme. Sou rija como a pedra e o ferro. Se um deus te ajudar a abater os pretendentes, vou apontar as escravas que não te honram e aquelas que te respeitam". Odisseu respondeu que ela devia ficar em silêncio e confiar nos deuses.

Depois de ter seus pés lavados e ungidos com óleo, Odisseu sentou-se perto da lareira, para se aquecer, e cobriu a cicatriz com os farrapos. Penélope sentou-se diante dele, dizendo que desejava fazer outras perguntas. Disse que chorava todos os dias e já não sabia se devia ficar em sua casa, com seu filho, procurando salvar seus bens e suas escravas, ou escolher um dos pretendentes, o que fizesse as

melhores propostas, e se casar. Enquanto o filho era criança, não podia abandonar o lar, mas agora, quase adulto, era natural que desejasse o retorno da mãe à casa de seu pai, Icário, para que não devorassem seu patrimônio.

Então Penélope disse ao hóspede que queria contar um sonho: "Em minha casa, vinte gansos comiam trigo quando uma águia imensa desceu das montanhas, quebrou o pescoço de cada um deles, deixou-os amontoados no solo e voou para longe. Comecei a chorar, a me lamentar, e várias mulheres se aproximaram atraídas por meus gritos. Então a águia voltou, pousou no beiral do telhado e, com voz humana, disse que não era um sonho, mas uma premonição, que se cumpriria. Os gansos eram os pretendentes e a águia, o meu esposo, que voltaria para dar um fim a esses homens."

Odisseu respondeu que o sentido estava claro e que aqueles homens não escapariam à morte. Então Penélope revelou que pretendia propor um desafio aos pretendentes. Odisseu costumava alinhar doze machados e, de boa distância, atravessar todos os orifícios com uma única flecha. Em seguida ela falou: "Vou me casar com o vencedor e dar adeus ao meu amado lar".

Odisseu disse a Penélope que ela deveria mesmo apresentar aquela prova aos pretendentes, pois seu marido logo chegaria. A rainha se ergueu, dizendo que era hora de dormir, e subiu aos seus aposentos, acompanhada pelas escravas. Lá chegando, chorou por Odisseu, seu amado esposo, até o momento em que Atena lançou sobre seus olhos um agradável sono.

CANTO 20

ANTES DA MATANÇA DOS PRETENDENTES

Odisseu preparou sua cama com peles de ovelhas e se deitou, mas não conseguiu dormir. Virava-se, de um lado para outro, assim como um bucho recheado revirado sobre as brasas para assar mais depressa. Perguntava a si mesmo como poderia, sozinho, vencer a tantos pretendentes. Atena lhe apareceu e perguntou por que estava tão inquieto e ele lhe respondeu que não imaginava um meio de vencer tantos homens. Também não sabia para onde ir depois de matar todos eles. A deusa disse para Odisseu não se preocupar e fez o sono tomar conta dele, relaxando seus membros e acalmando o seu coração.

Pouco antes do amanhecer, Penélope despertou de um estranho sonho e começou a se lamentar. Pedia aos deuses a graça de descer ao Hades tendo diante de seus olhos a imagem de Odisseu, pois não queria para si nenhum homem que fosse inferior a seu marido. Lamentava-se a rainha por causa de um pesadelo. Sonhara que um homem muito parecido a Odisseu havia dormido com ela.

Odisseu ouviu os lamentos da rainha e perguntou a si mesmo se ela o havia reconhecido. Recolheu o manto e as peles, colocou-os em uma poltrona e foi ao pátio, onde ergueu as mãos, invocando o pai dos deuses: "Zeus Pai, se foi por vontade dos deuses que retornei a minha

pátria, depois de tanto sofrimento, dê-me um sinal, pela voz de um dos que despertarem dentro deste palácio e outro sinal, lá fora, que venha de ti."

Assim que terminou sua prece, Odisseu ouviu um forte trovão e foi tomado de grande alegria. Uma escrava que moía grãos, parou de moer e disse em voz alta que aquele trovão, em um céu sem nuvens, devia ser um sinal para alguém e pediu a Zeus que atendesse também a um pedido seu: "Que seja esta a última vez que esses homens comem aqui!" Os presságios enviados por Zeus alegraram Odisseu, trazendo a esperança de que os criminosos seriam punidos afinal.

Telêmaco levantou-se da cama, ajustou a espada aos ombros, calçou as sandálias e pegou uma grande lança pontiaguda. Parecia um deus! Parou à porta e perguntou a Euricleia se o hóspede havia sido bem cuidado. "Minha mãe é sensata em muitas coisas, mas tem esse defeito: dá atenção à gente desprezível e desdenha os que têm maior valor". A velha ama garantiu que o hóspede havia sido bem cuidado e Telêmaco, acompanhado por dois cães, atravessou o palácio e seguiu para a ágora, pois era o dia da festa do deus Apolo. Euricleia apressou-se a distribuir o serviço doméstico entre as escravas, pois naquele dia de festa para todos os pretendentes chegariam mais cedo.

Eumeu trouxe três porcos e perguntou a Odisseu se os pretendentes ainda o tratavam mal. O herói respondeu: "Tomara que a insolência desses homens seja punida pelos deuses!" Nesse momento chegou o cabreiro Melântio e, com arrogância, dirigiu-se a Odisseu, perguntando se ele pretendia continuar a esmolar no palácio. "Quando vais embora? Será que vais precisar apanhar para nos deixar em paz? Vai mendigar em outro lugar!" Odisseu não respondeu, mas seu coração se encheu de ódio e desejo de vingança.

Depois chegou Filétio, o que cuidava dos bois, e fez perguntas a Eumeu sobre quem era o estrangeiro, qual a sua pátria e de onde viera. Comentou em seguida que, apesar da aparência miserável, aquele homem tinha o porte de um rei. Aproximando-se de Odisseu ele o saudou amigavelmente desejando-lhe felicidades futuras, pois ao vê-lo havia se lembrado de seu senhor. Contou que havia muitos anos cuidava de seu gado, e lamentava ver que intrusos se aproveitavam dos bens daquela casa. Disse, por fim, que esperava ver o retorno de Odisseu, pois sabia que ele expulsaria os pretendentes do palácio.

Odisseu respondeu que, naquele mesmo dia, o seu senhor voltaria para casa e que ele poderia ver com seus próprios olhos os pretendentes sendo exterminados. Disse então o guardador de bois: "Estrangeiro, que Zeus te ouça. Se essa predição se cumprisse, não tardarias a conhecer a força destes braços!" Ao seu lado, Eumeu orava a todos os deuses, suplicando pela volta de Odisseu ao lar.

Enquanto os três conversavam, os pretendentes tramavam contra Telêmaco. De repente, a sua esquerda, viram uma águia que levava entre as garras uma pomba a se debater. Ao ver as aves, Anfínomo disse que o plano contra Telêmaco não avançaria, pois os sinais não eram auspiciosos. Melhor seria pensarem em se banquetear.

Os pretendentes entraram no palácio de Odisseu e os escravos começaram a preparar as carnes e a misturar o vinho. O cabreiro Melântio, no papel de copeiro, servia os pretendentes, que estendiam as mãos ávidas para a comida nas travessas. Telêmaco indicou a Odisseu um banquinho ao lado da soleira de pedra, lhe ofereceu carnes e serviu o vinho em uma taça de ouro, dizendo: "Senta-te aqui e deixa para mim o encargo de te defender, pois esta casa pertence a Odisseu". Em seguida, dirigiu-se aos pretendentes e disse que não queria conflitos e

nem agressões.

As palavras de Telêmaco deixaram os homens espantados com a sua ousadia. Antino tomou a palavra e se dirigiu aos outros pretendentes, dizendo que deviam cumprir aquelas ordens, apesar de seu tom ameaçador e lembrou-se de que Telêmaco só não estava morto pela vontade de Zeus. Diante das palavras de Antino, Telêmaco se manteve indiferente e não respondeu à provocação.

Na cidade, preparava-se uma hecatombe, sacrifício de cem bois, em honra do deus Apolo. Os bois estavam sendo levados para o bosque sagrado, onde o povo havia se reunido para a festa. Enquanto isso, no palácio, os pretendentes começavam a se servir das carnes que já haviam sido assadas. Sentado próximo à porta, Odisseu foi bem servido pelos escravos, como Telêmaco ordenara, mas para que a dor e o ódio aumentassem no peito de Odisseu, Atena não permitiu que os pretendentes parassem de insultá-lo. Um deles disse que o estrangeiro recebia a mesma quantidade de carnes que era destinada a eles, o que era justo, pois se tratava de um hóspede de Telêmaco, e por isso iria presenteá-lo. Assim dizendo, atirou uma pata de boi sobre Odisseu, que desviou o corpo e sorriu com ironia, ao ver a pata bater nas pedras da parede.

Telêmaco respondeu com palavras firmes: “Foi uma sorte não teres acertado. Eu teria atravessado teu corpo com a minha lança e, em vez de casamento, tua família faria o teu funeral. Não quero ouvir novas insolências nesta casa. Não sou mais uma criança e sei o que é certo e errado. Sou obrigado a tolerar o que esses homens fazem todos os dias: a matança de ovelhas e o desperdício de vinho. Sei que querem me matar, mas seria melhor a morte do que continuar a vê-los maltratando os meus hóspedes e humilhando as escravas”.

Todos ficaram em silêncio após aquelas palavras, até que um dos homens disse a Telêmaco que ele deveria aconselhar sua mãe a escolher um dos pretendentes. O jovem respondeu que estava disposto a oferecer um rico dote a sua mãe, se ela decidisse se casar, mas não podia obrigá-la a uma escolha ou expulsá-la de sua casa. Por fim, encerrando a conversa com uma súplica aos céus: "Que os deuses não permitam que isso aconteça".

Nesse momento, Atena perturbou a razão dos pretendentes e eles começaram a rir, sem parar, gargalhando como loucos, enquanto devoravam grandes pedaços de carne sanguinolenta. Pingava o sangue da carne e eles riam e riam tanto, que os seus olhos se encheram de lágrimas e de tristeza, como se estivessem de luto.

Teoclímeno, o estrangeiro, lhes falou: "Ai, desgraçados! Que mal é esse? Da cabeça até os joelhos estão envolvidos pela negra noite. Ouço gemidos e vejo o pranto inundando vossas faces. Pelas paredes e colunas escorre sangue. Sombras vindas do Érebo enchem o vestíbulo e rondam o pátio. O sol desapareceu e um denso nevoeiro se espalha sobre tudo".

Os pretendentes se riram das palavras do estrangeiro e ele se retirou, dizendo que uma inevitável desgraça pairava sobre aqueles homens. Telêmaco olhava seu pai, em silêncio, aguardando, impaciente, a hora de acabarem com os insolentes. Penélope, sentada na sala ao lado, estava atenta a tudo o que diziam. O banquete prosseguia, farto de comida e bebida, enquanto uma deusa e um herói preparavam outra merecida festa para os arrogantes homens, pois tinham sido eles os primeiros a maquinar ações criminosas.

CANTO 21

A PROVA DO ARCO

Foi Atena, a deusa dos olhos de coruja, que levou ao coração da prudente Penélope a ideia de propor aos pretendentes uma disputa com o arco de Odisseu. Por isso a rainha pegou a chave da sala onde estavam guardados os tesouros do rei e para lá se encaminhou. Ia buscar o arco que o marido deixara em Ítaca ao partir para a guerra, por tê-lo recebido de um amigo muito querido. Penélope girou a chave e a pesada porta se moveu, mugindo como um touro no pasto.

A rainha abriu uma arca, cheia de perfumados vestidos, e de lá retirou o rico estojo onde o arco estava guardado. Sentando-se ali, Penélope colocou o arco sobre os joelhos e chorou longamente. Afinal, acompanhada de suas escravas, desceu até a sala: "Ouçam o que tenho a dizer, arrogantes pretendentes, que comem e bebem nesta casa, dia após dia, aproveitando a ausência de seu dono. Dizem que querem me desposar. Pois bem, vou propor uma prova. Aceitarei me casar com aquele que lançar uma flecha com este arco, fazendo-a atravessar os orifícios de uma fileira de doze machados."

Penélope pediu a Eumeu para entregar o arco aos pretendentes e o porqueiro a obedeceu chorando, pois a arma lhe trazia lembranças de Odisseu. O guardador de bois também chorou ao ver o arco de seu

senhor e Antino, com brutalidade, disse que fossem chorar longe dali. Em seguida, experimentou o arco e afirmou que seria difícil vergá-lo. Sabia que não havia entre eles ninguém que pudesse se comparar a Odisseu.

Telêmaco disse que também experimentaria o arco. Se conseguisse vergá-lo e atravessar todos os machados com uma flecha, não passaria pelo desgosto de ver sua mãe sair de casa com um novo marido. O príncipe tentou vergar o arco, uma, duas, três vezes. Na quarta vez, quase conseguiu, mas Odisseu fez um sinal para que não continuasse a tentar. Telêmaco, em voz alta, se lamentou, dizendo que certamente era muito jovem e não tinha a força necessária para se vingar dos que o provocavam. Em seguida, colocou o arco no chão e foi se sentar em sua poltrona.

Antino propôs que começassem a prova. O primeiro foi Liodes, o único que reprovava as atitudes dos pretendentes. Ele tentou vergar o arco, mas seus esforços foram inúteis. Ao desistir da prova, disse que aquele arco levaria muitos pretendentes à morte e que seria melhor para todos se buscassem outra mulher para se casar.

Com arrogância, Antino disse a Liodes que ele só proferia aquelas palavras ameaçadoras porque não havia conseguido vergar o arco, mas os outros pretendentes conseguiriam. Mandou Melântio acender o fogo na sala e buscar uma bola de sebo, para passar no arco. Os mais jovens aqueceram o arco e o testaram, mas também não conseguiram vergá-lo. Antino e Eurímaco, os mais fortes entre os pretendentes, ainda não haviam testado sua força e habilidade para vergar o arco.

Nesse momento, o porqueiro e o guardador de bois saíram para o pátio. Odisseu seguiu os dois e lhes disse: "Quero fazer uma pergunta: se Odisseu aparecesse de repente, vocês estariam dispostos a ajudá-lo,

ou apoiariam os pretendentes?” Os homens disseram que se os deuses atendessem suas preces e Odisseu voltasse para casa, os pretendentes conheceriam a força de seus braços.

O herói se convenceu da sinceridade dos dois homens e lhes disse: “Eu sou Odisseu. Estou de volta a minha casa, após vinte anos de grandes sofrimentos. Como são os únicos dos meus escravos a desejar minha volta, ninguém deverá saber que estou aqui. Se os deuses me concederem a vitória sobre os pretendentes, prometo que lhes darei bens, mulher e uma casa próxima a minha. Serão tratados como amigos e irmãos de Telêmaco”. Como prova do que dizia, Odisseu mostrou a cicatriz que tinha na perna. Os homens se emocionaram ao reconhecer seu senhor e começaram a chorar de emoção, mas Odisseu os conteve, pois os pretendentes não podiam desconfiar do que estava para acontecer.

Combinaram que, ao voltarem para a sala, Eumeu pegaria o arco e o entregaria a Odisseu, pois sabiam que os pretendentes não permitiriam que um mendigo participasse da prova. Em seguida, o porqueiro deveria avisar às mulheres para se fecharem bem em seus aposentos e que não abrissem as portas, mesmo se ouvissem gritos e gemidos. Caberia ao guardador de bois passar o ferrolho na porta do pátio, deixando-a bem trancada, para bloquear a saída.

Tudo combinado, Odisseu voltou a se sentar na cadeira próxima à porta. O arco estava com Eurímaco, que o aquecia no fogo da lareira, sem conseguir vergá-lo. O homem sentia-se humilhado por ser inferior a Odisseu e comentou com os companheiros que aquela vergonha sempre os acompanharia. Antino, sorriu e disse que aquele era um dia de festa e não valia a pena se esforçarem. Deviam todos comer e beber em honra do deus Apolo. Os machados que esperassem. A prova

poderia ficar para outro dia.

Nesse momento, Odisseu pediu para experimentar o arco, e todos se opuseram. Antino reagiu com violência, dizendo que o mendigo havia bebido demais e ameaçando-o com alguma desgraça, se insistisse em vergar o arco. Dirigindo-se a Antino, Penélope disse que ele não devia desrespeitar um hóspede de Telêmaco. E perguntou: "Pensas que se o estrangeiro vergasse o arco me levaria daqui como esposa? Não se preocupem com isso e continuem a comer e a beber."

Eurímaco então respondeu que seria uma vergonha para todos os pretendentes se aquele mendigo conseguisse vergar o arco. Todos diriam que eles não haviam conseguido e essa vergonha mancharia a sua reputação. Penélope respondeu que pessoas como eles, que devoravam os bens dos outros, não podiam esperar o respeito de ninguém e nem ter uma boa reputação. Em seguida, a rainha pediu que dessem o arco ao mendigo. Se ele conseguisse curvá-lo, ganharia boas roupas, um rijo cajado, uma espada, sandálias e poderia ir para onde quisesse.

Telêmaco tomou a palavra e disse a Penélope que seria ele a decidir quem poderia usar o arco. Mandou a mãe se recolher aos seus aposentos: "Deves agora cuidar dos teares, das rocas e do trabalho das escravas. Esse assunto de arco é para os homens. Portanto, um assunto meu, pois sou eu quem manda nesta casa." Surpresa com as inesperadas palavras do filho, Penélope foi para os seus aposentos, onde chorou, lamentando-se pela ausência do marido, até que Atena lançou um agradável sono sobre seus olhos.

No grande salão, Eumeu havia pegado o arco e ia levá-lo a Odisseu, mas desistiu quando os pretendentes começaram a gritar com ele. Telêmaco, então, ordenou que pegasse o arco e o levasse

ao estrangeiro. O porqueiro obedeceu e entregou o arco a Odisseu. Em seguida, foi até a velha Euricleia e avisou: "Telêmaco ordena que tranquem todas as portas da sala. Se ouvirem gritos e gemidos, não se assustem. Continuem seu trabalho sem se alarmarem." Euricleia fez o que foi ordenado e Filetio, o boiadeiro, trancou as portas do pátio.

Enquanto isso, Odisseu manejava o arco, revirando-o em suas mãos, experimentando-o, verificando se os anos não o haviam danificado. Os pretendentes, apreensivos, o observavam, comentando sobre a perícia do estrangeiro em lidar com o arco. Em seguida, com a mesma facilidade com que um músico retesa as cordas de uma lira, Odisseu vergou o arco. Depois, experimentou a corda, fazendo-a soar. Os pretendentes foram tomados de angústia e suas faces perderam a cor. Nesse momento, Zeus enviou outro forte trovão.

Satisfeito com o sinal enviado por Zeus, Odisseu pegou uma das flechas que estavam sobre a mesa e encaixou-a no arco. Em seguida, puxou a corda e disparou a flecha de ponta de bronze, que atravessou os orifícios de todos os machados. Voltando-se para o filho, Odisseu lhe falou: "Telêmaco, o teu hóspede não te envergonha. Não errei o alvo e nem me custou armar o arco. As ofensas dos pretendentes não me incomodam. Mas agora, enquanto brilha a luz do dia, é hora de servir a ceia aos convidados. Que a festa continue, com cantos e danças, que são a melhor parte de um banquete". Após essas palavras, Odisseu fez um sinal para Telêmaco, que se armou com a espada e empunhou sua lança, colocando-se, de pé, ao lado de seu pai.

CANTO 22

A VINGANÇA DE ODISSEU

Odisseu se desfez dos farrapos que cobriam o seu corpo e avançou para o portal de pedra, levando o arco e o carcás cheio de flechas. Disse então aos pretendentes: "Essa prova terminou. Agora devo acertar outro alvo e peço a Apolo que me conceda essa glória". Assim dizendo, atirou uma flecha contra Antino, que se preparava para beber vinho em uma taça de ouro, acertando-o na garganta. Antino caiu de costas, morto, e o negro sangue escorreu de suas narinas. Pães e pedaços de carne assada se espalharam pelo chão, pois ao cair ele derrubou a mesa do banquete.

Os pretendentes, aos gritos, ergueram-se das poltronas. Correram em todas as direções, em busca de armas, mas nada encontraram. Cheios de cólera, disseram que o estrangeiro teria uma morte terrível. Seria devorado por abutres, por ter assassinado um dos homens mais nobres de Ítaca. Assim falavam por pensarem que ele matara Alcino por acidente. Não sabiam que a mesma morte viria para todos.

Então, Odisseu os olhou de soslaio e falou: "Cães! Pensaram que eu nunca mais voltaria de Troia? Foi por isso que saquearam minha casa, violentaram minhas escravas e quiseram seduzir minha mulher? Não temeram a vingança dos deuses, ou a vingança dos homens?

Agora, a morte cairá sobre vossas cabeças".

O terror se apoderou de todos. Eurímaco tentou acusar Antino, dizendo que era dele a culpa de instigar os outros pretendentes e de planejar a morte de Telêmaco, pois era seu desejo reinar sobre Ítaca. Como Antino estava morto, Eurímaco propôs a Odisseu uma indenização, paga pelo povo, que cobrisse tudo o que haviam comido e bebido. Além disso, cada um deles estava disposto a pagar, com ouro, bronze e bois, o preço por sua própria vida.

Odisseu, porém, respondeu que nenhuma indenização impediria sua vingança. Naquele momento tinham somente dois caminhos: lutar ou fugir. Mas, certamente, nenhum deles escaparia à morte. Os joelhos dos pretendentes tremeram, os corações dispararam. Eurímaco tentou encorajá-los: "Amigos, ele não deterá sua mão. Saquem suas espadas, usem as mesas como escudo e vamos partir para cima dele! Se chegarmos à porta, podemos buscar socorro na cidade". Assim dizendo, Eurímaco ergueu sua espada e investiu contra Odisseu, que o atingiu com uma flechada no fígado. A espada caiu de sua mão. O homem, sangrando, bateu a cabeça em uma mesa, fazendo assados e taças se espalharam pelo aposento. Eurímaco se debateu no chão até seus olhos se cobrirem de trevas.

Anfínomo, por sua vez, desembainhou a espada e investiu contra Odisseu, para atacá-lo de frente, mas foi morto por Telêmaco, que o atravessou com uma lança, atirada no meio das costas. Após atingir Anfínomo, Telêmaco juntou-se ao pai, que lhe disse para correr e pegar mais armas, antes que acabassem as flechas e os homens tomassem a porta. Telêmaco atendeu ao pedido de Odisseu. Acompanhado do porqueiro e do boiadeiro, correu até o lugar onde guardavam as armas. Enquanto Odisseu teve flechas, atirou sem parar, atingindo os

pretendentes, que caiam mortos, um após o outro. Quando acabaram as flechas, começaram a lutar com lanças de bronze.

Havia na parede uma pequena porta, aberta no alto, que dava para uma viela. O porqueiro vigiava essa saída, único ponto de fuga para o exterior. Agelau, um dos pretendentes, perguntou se ninguém se arriscaria a sair por ali para buscar socorro. Melântio, o cabreiro, respondeu que seria impossível, pois a saída era muito estreita. Disse então que sabia onde estavam as armas e foi buscá-las.

Logo Melântio estava de volta, trazendo doze escudos, doze lanças e doze capacetes. Ao ver as armas nas mãos dos pretendentes, os joelhos de Odisseu fraquejaram e Telêmaco, rapidamente, enviou Eumeu e o boiadeiro para trancarem a porta da sala das armas. Ao chegarem lá, encontraram o cabreiro pegando mais armas e o amarraram, deixando-o pendurado numa viga do teto. Em seguida, os dois escravos se armaram, trancaram bem a porta e voltaram à sala, para ajudar Odisseu.

Agora, na sala, eram quatro para enfrentar os numerosos guerreiros. Atena se aproximou, com as feições de Mentor e Odisseu se alegrou. Sabia que tinha a deusa Atena diante de si. Disse então: "Mentor, salva-nos da morte, lembra-te dos favores que te fiz." Agelau e os outros faziam ameaças: "Mentor, não ouça o que diz Odisseu, não deves nos atacar, pois assim que matarmos pai e filho, vamos te matar também. Teus bens serão divididos entre nós e teus filhos serão mortos".

A deusa Atena, furiosa, gritou para Odisseu: "Onde estão o vigor e a coragem com que lutaste, durante nove anos, por Helena? Muitos foram mortos por ti, em batalhas terríveis! Por que agora, na tua casa, defendendo o que é teu, reclamas como um moleirão? Vamos, fica ao

meu lado, e vê como faço para devolver os favores que me fizeste!” Disse isso e, para pôr à prova o valor de Odisseu, transformou-se em andorinha e foi pousar em uma viga do teto.

Os homens liderados por Agelau lançaram dardos, que foram desviados por Atena. Os que estavam com Odisseu atiraram suas lanças, matando quatro homens e, rapidamente, recuperaram suas armas. Os pretendentes atiraram suas lanças contra Odisseu, mas a deusa desviava todos os golpes.

A luta continuou sangrenta. No alto, Atena ergueu seu escudo, a égide, maléfica aos mortais, e os pretendentes começaram a correr pela sala, em pânico, como um rebanho de vacas atacado por vespas. Em sua correria insana, iam sendo abatidos. O sangue que escorria dos crânios partidos inundava o chão.

Um dos homens correu para Odisseu e abraçou seus joelhos, suplicando que o rei tivesse compaixão. Disse que era somente o adivinho dos pretendentes, que não havia participado de seus crimes e perguntou: “Também devo morrer?” Odisseu respondeu que se ele era o adivinho dos pretendentes, certamente teria feito votos e orações para que ele jamais retornasse ao lar. Tomou então uma espada e atravessou seu pescoço.

O aedo Fêmio, com a lira em punho, escapou da matança. Correu para Odisseu, abraçou seus joelhos, pedindo piedade, e disse: “Não deves matar um aedo, pois podes te arrepender de matar quem encantava os deuses e os homens. Aprendi a cantar sozinho, mas o dom me foi dado por uma divindade e poderei cantar também para ti. Não me degoles. Teu filho sabe que vinha obrigado pelos pretendentes”.

Telêmaco confirmou as palavras de Fêmio e também pediu ao pai para não matar o arauto Medonte, que havia cuidado dele quando

era criança. O homem foi encontrado escondido debaixo de um banco, enrolado em uma pele de boi. Odisseu o deixou livre, recomendando que não se esquecesse da lição e que a ensinasse a outros: "O bem é mais forte que o mal".

Odisseu mandou chamar Euricleia, que o encontrou cercado de cadáveres, coberto de sangue e poeira, como um leão que houvesse acabado de devorar um boi. A velha ama começou a gritar de alegria, mas Odisseu lhe disse para não ser impiedosa. Ninguém deveria se alegrar diante de mortos. Perguntou quais as escravas que o haviam traído e ordenou que se apresentassem a ele.

Odisseu mandou o porqueiro e o boiadeiro removerem os cadáveres e lavarem toda a sala com a ajuda das mulheres. Depois disso, deveriam matá-las com o fio da espada. Telêmaco, no entanto, decidiu levá-las ao pátio, onde as enforcou, dizendo que não daria uma morte rápida e honrosa a quem havia lançado a desonra sobre sua casa e sua mãe. O cabreiro Melântio também foi levado ao pátio, onde lhe cortaram o nariz, as orelhas e os órgãos genitais. Em seguida cortaram suas mãos e seus pés.

Odisseu mandou Euricleia buscar enxofre e fogo, pois deviam purificar a sala. Só depois disso, ela deveria chamar Penélope e as escravas do palácio. A ama lhe respondeu que, antes, iria buscar um manto e uma túnica para vestir o seu senhor, pois seus ombros largos não deviam estar cobertos de farrapos. Odisseu respondeu que, antes de qualquer outra coisa, ela acendesse o fogo na sala, para que o ambiente fosse purificado com o enxofre.

Quando tudo estava limpo, as mulheres chegaram, empunhando tochas, e se inclinaram diante de Odisseu para saudá-lo. Elas o abraçaram, beijaram sua testa, seus ombros, e seguraram suas mãos.

Um desejo irresistível de chorar tomou conta de Odisseu, pois ele reconheceu, pouco a pouco, cada uma delas.

CANTO 23

PENÉLOPE RECONHECE ODISSEU

A velha Euricleia, correu aos aposentos de sua senhora, para contar que Odisseu estava em casa. De pé, ao lado da cama, disse a Penélope para se levantar: "Vem minha filha, vem ver com teus próprios olhos! O teu marido voltou! Matou os pretendentes que devoravam os teus bens e ameaçavam teu filho!" Penélope lhe respondeu: "Mãezinha, os deuses te enlouqueceram? Vens zombar de mim quando meu coração está imerso em tristeza? Por que me acordaste? Estava dormindo tão bem!"

A velha ama lhe respondeu: "Não estou zombando, filha querida, Odisseu voltou e está em casa. É o estrangeiro que foi insultado no palácio. Telêmaco sabia disso, mas ficou em silêncio. Ocultou os planos do pai e esperou o momento da vingança." Penélope saltou da cama, louca de felicidade. Abraçou a velha e começou a chorar. "Diz mãezinha, é verdade mesmo que ele está aqui? Ele os matou? Como fez isso? Eram tantos!"

Euricleia respondeu que não vira a luta, mas ouvira os gritos e os gemidos dos que caíam mortos. Encontrara Odisseu de pé, coberto de sangue, como um leão, entre os corpos amontoados sobre o solo. "A sala está limpa, purificada pelo enxofre, e ele mandou que te chamasse.

Vem comigo, para que se encontrem após tanto sofrimento. Ele voltou ao lar e castigou os que desonraram a sua casa".

Penélope ainda não acreditava que o marido pudesse estar de volta. A ama dizia que ela havia se sentado ao lado do esposo, diante do braseiro, e contava como o havia reconhecido pela cicatriz, no momento em que lavava os seus pés. Penélope a ouviu, muito cautelosa, e disse que desceria para ver os corpos dos pretendentes e o homem que matara todos eles. Pouco depois, a rainha entrou na sala, em silêncio, e se sentou diante de Odisseu, com o coração cheio de dúvidas. Como deveria agir? Observava o homem sentado a sua frente, iluminado pelo fogo. Como não conseguia reconhecê-lo vestido de farrapos, manteve-se silenciosa.

Telêmaco censurou a atitude da mãe e acusou-a de ter um coração duro como pedra. Depois de tantos anos de separação ela devia aproximar-se do marido, fazer perguntas, mas mantinha-se distante. Penélope respondeu que seu espanto era tamanho que não sabia o que dizer, ou o que perguntar. Se aquele homem fosse, realmente, Odisseu, eles se reconheceriam por meio de sinais que só eram de conhecimento deles dois.

Então Odisseu sorriu e disse a Telêmaco que ele não devia incomodar a mãe, pois ela desejava colocá-lo à prova, e completou: "Estou sujo e maltrapilho, por isso ela não me reconhece. Vamos agora resolver outros problemas. Se alguém nesta terra mata um homem, deve se exilar, abandonando os parentes e sua pátria. Nós matamos muitos homens, filhos de famílias nobres. Qual a nossa situação?"

Telêmaco respondeu que aquela resposta devia ser dada por Odisseu, que tinha a fama de ser o mais sagaz dos homens. Ele acataria o que o pai resolvesse. Então Odisseu disse que todos deveriam tomar

um banho e se vestir com suas melhores roupas. O aedo tocaria música alegre na cítara e os que passassem na rua iriam pensar que ali acontecia uma festa de casamento. As notícias sobre a matança não deviam correr antes que conseguissem chegar aos bosques de suas terras. Lá, inspirados por Zeus, decidiriam o que fazer.

As ordens de Odisseu foram cumpridas. Os que passavam diante do palácio, ao ouvirem os sons alegres de uma festa, criticavam a rainha, dizendo que ela não soubera ser fiel ao seu marido e aceitara se casar com um dos pretendentes. Enquanto isso, Odisseu era banhado, untado com óleo, e vestido com bela túnica e rico manto. Atena fez com que parecesse mais alto e mais forte. Seus cabelos caíam em cachos e sua aparência era a de um deus. Voltou a se sentar diante de Penélope e lhe falou: "Mulher cruel! Como é duro o teu coração! Que esposa evita o marido após vinte anos de ausência? Pois bem, arruma uma cama para mim, velha ama, para que eu durma sozinho, já que essa mulher tem um coração de ferro".

Penélope então lhe respondeu: "Homem cruel! Não sou orgulhosa, nem te desprezo. Sei quem tu eras no dia em que teu barco te levou para longe de Ítaca. Euricleia, arruma a nossa cama. Mas antes de revesti-la de peles, lençóis, almofadas e esplêndidas mantas, coloque-a fora do quarto."

Odisseu respondeu, indignado, que nenhum mortal conseguiria tirar aquela cama do lugar, a não ser auxiliado por um deus, pois ele mesmo, sozinho, sem a ajuda de ninguém, havia entalhado a cama em uma oliveira de tronco grosso e ajustado suas peças. Ele mesmo construíra, sozinho, o quarto do casal em volta dessa cama. Então Odisseu disse a Penélope: "Essa é a prova que te dou. Agora quero saber se o leito continua no lugar, ou se o separaram do tronco, que é

a sua base.”

Penélope sentiu suas pernas tremerem. Abraçou o marido, entre lágrimas, pedindo que ele não a odiasse por não ter se lançado em seus braços. Tinha medo de ser enganada, mas agora que ele lhe dera a prova, ao descrever o leito, sentia-se segura para entregar o seu coração.

Odisseu chorou ao apertar a esposa contra o peito. A Aurora de dedos róseos ainda os encontraria chorando, se Atena não tivesse tido a ideia de prolongar a noite, detendo a Aurora no Oceano. Então Odisseu disse a Penélope que suas provações não haviam chegado ao fim. Ainda lhe restava cumprir o que a sombra de Tirésias lhe ordenara. Deveria seguir, de cidade em cidade, levando um remo nas mãos, até chegar a uma terra onde os homens nunca tivessem visto o mar e comessem alimentos sem o tempero do sal. Quando encontrasse um caminhante que lhe perguntasse o que fazia com uma pá de joeirar grãos, deveria cravar o remo no solo e oferecer sacrifícios ao deus Poseidon. Depois, ao voltar para casa, ofereceria hecatombes a todos os deuses e teria uma velhice tranquila.

Enquanto o casal conversava junto ao fogo, as escravas preparavam o leito com lençóis macios. Depois de tudo pronto, uma escrava iluminou o caminho com uma tocha e o casal seguiu para o quarto. Telêmaco, o boiadeiro e o porqueiro também foram dormir, e o palácio foi tomado pelas sombras.

Depois de desfrutarem os prazeres do amor, o casal se entregou ao prazer das conversas. Penélope contou o que havia passado, ao ver sua casa invadida por tantos homens, que se embriagavam e devoravam seus rebanhos. Odisseu contou o que havia passado e sofrido, narrando suas aventuras com os cícones, seu encontro com

os lotófagos e com o Ciclope, o auxílio de Éolo, as desventuras em terras dos Lestrigões e sua chegada à ilha de Circe. Contou sobre a descida ao Hades, seu encontro com Tirésias, com a sombra de sua mãe e com as sombras dos heróis. Também contou sobre as Sereias, sobre Cila e Caribdes. Narrou a sua chegada à ilha de Hélio e, depois, à ilha de Calipso. Finalizou contando o que lhe acontecera na terra dos Feáceos e a recepção desse povo, que aceitara transportá-lo até Ítaca. Ao finalizar sua narrativa, foi tomado por um sono reparador.

Enquanto isso, Atena, a deusa de olhos brilhantes, vendo que Odisseu e a esposa já haviam se deliciado o bastante na cama, ordenou que a Aurora se erguesse do mar, elevando-se aos céus. Odisseu deixou a cama macia e disse à esposa: "Mulher, passamos por muitas provações. Tu chorando pelo meu retorno, e eu, suportando os infortúnios que os deuses me enviavam. Agora, deves cuidar dos bens que possuo e deste palácio. Como os meus rebanhos foram dizimados pelos pretendentes, devo recuperar o que perdi. Mas antes de tudo, quero ir ao campo, visitar meu pai. Quando o sol se erguer, a notícia da matança se espalhará. Sobe aos teus aposentos com as escravas, onde devem permanecer, com as portas trancadas, sem receber e sem falar com ninguém."

Odisseu vestiu sua couraça e ordenou a Telêmaco, ao porqueiro e ao boiadeiro que todos se armassem com bronze e armas de guerra. Abriram então as portas e saíram, com Odisseu à frente. A luz espalhava-se pela terra, mas Atena, envolvendo-os em uma névoa sombria, os conduziu, rapidamente, para fora da cidade.

CANTO 24

NA MANSÃO DE HADES

O deus Hermes, levando em sua mão o bastão de ouro com que adormecia ou despertava os homens, ia chamando as sombras dos pretendentes. Gemendo e chiando como morcegos, eles o seguiam pelos úmidos caminhos. Além do rio Oceano, passaram pelas portas de Hélio, o sol, atravessaram a morada dos sonhos, e logo chegaram aos campos floridos de asfódelos, onde habitavam as sombras dos mortos. Ali encontraram as sombras de alguns heróis, reunidas em torno de Aquiles.

A sombra de Agamenon se aproximou, rodeada das sombras daqueles que haviam encontrado a morte no palácio de Egisto. Aquiles perguntou a Agamenon se não teria sido melhor morrer em Troia. Morto em combate, teriam lhe erguido um monumento e seu filho herdaria sua glória. Em vez disso, tivera aquela morte deplorável. A sombra de Agamenon, lembrando a morte do grande Aquiles, contou como haviam resgatado o corpo do herói e o levado para um dos barcos. Lembrou-se do choro dos companheiros de Aquiles e do sofrimento de Tétis, sua mãe. A deusa, acompanhada por outras divindades marinhas, deixara o mar para ver o corpo de seu amado filho. Todos choravam e se lamentavam pela morte do herói. Só depois de dezessete dias

de pranto que o corpo foi queimado. Ao amanhecer, seus ossos foram recolhidos, lavados com vinho e ungidos com perfumes. Em seguida, os ossos foram guardados em uma urna de ouro e enterrados à beira mar. Sobre seu túmulo, foi erguido um grande monumento ao herói.

Agamenon continuou: "Tua mãe, com o consentimento dos deuses, trouxe prêmios magníficos para os jogos em tua honra. Tu, Aquiles, eras admirado pelos deuses. Teu nome não morreu contigo. Tua glória sempre brilhará entre os homens. Quanto a mim, tive morte deplorável, pelas mãos de Egisto e de minha mulher".

Enquanto conversavam, Hermes chegou ao Hades, guiando as sombras dos pretendentes mortos por Odisseu. Os heróis se aproximaram do grupo e Agamenon reconheceu a sombra de um dos pretendentes. Perguntou, então, admirado, por que tantos homens jovens haviam baixado, ao mesmo tempo, aos subterrâneos sombrios do Hades.

O homem respondeu que eram os pretendentes à mão de Penélope, esposa de Odisseu. Contou as artimanhas usadas pela rainha para retardar sua decisão, e dos anos que ela os enganara, dizendo tecer a mortalha para Laertes, o velho pai de Odisseu. Também contou sobre o retorno do herói, irreconhecível, vestido de andrajos, e de como havia sido insultado e agredido em sua própria casa. Por fim, relatou os momentos finais, após a prova do arco, quando Odisseu os atacara, ajudado por Telêmaco e pelos deuses, provocando grande carnificina. A sombra de Agamenon elogiou as ações de Odisseu e também as qualidades de Penélope. Lembrou a todos a traição de sua própria esposa, que matara o homem com quem havia se casado. Assim conversavam as sombras no Hades, nas profundezas da terra.

Nesse meio tempo, Odisseu deixara a cidade, acompanhado de

Telêmaco, o porqueiro e o boiadeiro em direção às terras cultivadas por seu pai, Laertes. Ao chegarem, Odisseu disse a Telêmaco para entrar na casa e mandar os escravos prepararem uma refeição. Iria procurar seu pai e ver se ele o reconhecia. Assim dizendo, entregou as armas para os escravos guardarem e se encaminhou ao pomar, onde encontrou Laertes cavando em volta de uma árvore.

O velho rei estava sujo e vestia-se com roupas remendadas. Ao vê-lo naquele estado, curvado pela velhice, Odisseu apoiou-se no tronco de uma árvore e chorou. Por fim, caminhou em direção ao pai, elogiou o bom estado das plantas do pomar, e disse estranhar que ele não tivesse o mesmo cuidado consigo, pois apesar do descuido com as roupas, não tinha porte ou aparência de um escravo. Em seguida, perguntou quem era o dono daquele pomar e se a terra onde havia chegado era Ítaca. Disse que procurava um amigo, a quem havia hospedado em sua casa, anos antes, e que lhe dissera ser filho de Laertes.

O pai respondeu, entre lágrimas, que ele havia chegado a Ítaca, terra dominada por homens maus e insolentes. O estrangeiro que ele havia hospedado, disse Laertes, certamente era o seu filho. Se ali estivesse, ele o receberia muito bem em seu palácio, mas devia estar morto, alimentando peixes, feras ou aves, em algum lugar distante da pátria. Laertes perguntou há quantos anos ele o havia hospedado e, em seguida, pediu que o estrangeiro dissesse de onde vinha, como se chamava, e o que fazia em Ítaca.

Odisseu inventou outra história, dizendo que seu nome era Epérito, vinha de Alibante e que haviam se passado quatro anos do dia em que Odisseu deixara o porto de sua cidade, com ventos e presságios favoráveis. Ao ouvi-lo falar sobre o filho, Laertes começou a chorar e esfregou um punhado de terra negra sobre os cabelos brancos. Então

Odisseu não se conteve. Abraçou o pai e lhe falou: "Sou eu, meu pai. Voltei após vinte anos! Chega de chorar, pois não temos tempo a perder. Matei os pretendentes, vingando-me dos crimes que cometeram, e limpei a minha honra." Recuperando a voz, Laertes lhe respondeu: "Se tu és o meu filho, mostra-me algum sinal para que eu te reconheça."

Então Odisseu mostrou ao pai a cicatriz feita por um javali e falou sobre as árvores do pomar que Laertes havia lhe dado quando ele ainda era uma criança. Ao ouvir as palavras de Odisseu, o velho pai sentiu as pernas tremerem e abraçou-se ao filho. Sabendo da morte dos pretendentes, seu coração temia que os moradores de Ítaca fossem até o campo para atacá-los. Odisseu disse ao pai para não se preocupar e seguiram até a casa, onde Telêmaco, o boiadeiro e o porqueiro os esperavam, preparando a refeição. Laertes foi banhado por sua velha escrava e vestiu um belo manto. Quando a refeição foi servida, um escravo, chamado Dólio, chegou com seus filhos. Vinham cansados do trabalho no campo, mas reconheceram Odisseu, assim que o viram, e correram para abraçá-lo.

Enquanto isso, a notícia da matança dos pretendentes atravessava a cidade. Os homens de Ítaca, aos gritos e gemidos de dor, seguiram para o palácio de Odisseu em busca dos corpos de seus mortos, para lhes dar sepultura. Com grande tristeza no coração, os homens se reuniram na ágora. O primeiro a falar foi o pai de Antino. Entre lágrimas, acusou Odisseu de ser responsável por muitos crimes e incitou os homens a persegui-lo, para que não fugisse de Ítaca.

Naquele momento, Medonte e o divino aedo, vindos do palácio de Odisseu, avançaram para o centro da ágora. Medonte disse que aquelas mortes haviam acontecido com o consentimento dos deuses, pois havia visto um deus, com a aparência de Mentor, lutando ao lado

de Odisseu, investindo furiosamente e incitando as mortes. As palavras de Medonte deixaram todos pálidos de terror e um velho herói tomou a palavra para dizer que os culpados eram os que haviam apoiado os pretendentes. Certamente atrairiam a desgraça sobre suas cabeças, se decidissem enfrentar Odisseu.

Mais da metade dos homens o ouviram e deixaram a ágora, mas outros se armaram e partiram para o campo. No Olimpo, Atena procurou seu pai, Zeus, e pediu ajuda para Odisseu. O pai dos deuses, afinal, decidiu que os levaria a esquecer a morte de seus filhos e irmãos. Os laços de amizade seriam reatados, para que pudessem prosperar.

Na casa de Laertes, ao ver a multidão que se aproximava, Odisseu e os que lá estavam pegaram suas armas. A deusa Atena, na figura de Mentor, juntou-se ao grupo e disse para Laertes invocar a filha de Zeus, arremessando sua lança em direção aos adversários. Ele obedeceu a ordem da deusa e a lança voou certeira, perfurando o crânio do que vinha à frente. Odisseu e Telêmaco investiram contra os homens e teriam, certamente, matado todos eles, se Atena, com um grito, não tivesse ordenado que pusessem fim àquela guerra.

Apavorados, os homens largaram suas armas e fugiram para a cidade, Odisseu, porém, lançou-se contra eles, impetuoso como uma águia. Um raio caiu aos pés de Atena e a deusa, então, ordenou que parassem a perseguição. Não deviam desafiar Zeus, nem atrair sua cólera. Em seguida, ainda sob a forma de Mentor, a deusa fez com que as partes em conflito jurassem, com um contrato sagrado, que se manteriam em paz.

SOBRE A ADAPTAÇÃO DA ODISSEIA

Neste volume estão reunidos os vinte e quatro cantos que compõem o poema épico Odisseia, de Homero, adaptados em forma de roteiro para um seriado de interprogramas na TV UFG, em português e libras. Esta adaptação da Odisseia, apresentada no formato de e-book pela BIBLIOLIBRAS-Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil – Libras / Português, é um dos produtos do projeto "A Odisséia de Homero: roteiro bilíngue (português/libras) para a série televisiva Hora do Conto". Trata-se de um projeto de Pós-doutorado, realizado pela Dra. Sueli Maria de Regino, em 2019, sob a supervisão do Prof. Dr. Goiamérico Felício Carneiro dos Santos.

O projeto de um seriado bilíngue, em português e libras, que apresentasse a Odisseia, resultou de uma parceria entre a Faculdade de Letras (UFG), a Pós-Graduação da Faculdade de Informação e Comunicação (UFG) e a Fundação RTVE -TV UFG, atendendo ao objetivo de promover a leitura em libras de um dos textos nucleares da cultura ocidental, que assim alcançará escolas e comunidades surdas de nosso país.

No processo de adaptação, buscou-se uma linguagem mais adequada à leitura em voz alta, pois o texto seria usado como roteiro para

a interpretação simultânea em libras. Cada canto do poema precisou ser limitado aos 12 minutos de leitura exigidos pela produção da TV UFG, com um total de aproximadamente 1.350 palavras por canto. No processo de redução do texto, alguns dos diálogos foram transformados em discurso indireto livre, com indicações sucintas sobre o que as personagens haviam conversado entre si. Na inserção dos diálogos, optou-se pelo uso do discurso direto, introduzido por verbos declarativos ou avaliativos, acompanhados por recursos gráficos, como os dois pontos, os travessões e as mudanças de linha.

Esses mesmos critérios de redução textual, buscando manter a essência dos versos homéricos, foram observados ao longo de todo o trabalho de adaptação da Odisseia para o roteiro da série da TV UFG. No primeiro canto, Atena chega ao palácio de Odisseu no verso 103, assumindo a forma de Mentes, e se retira no verso 319. Na adaptação, os 216 versos desse trecho do poema são apresentados em menos de 40 linhas. Donaldo Schuler (2011, pp. 18-19), assim traduz o momento da chegada de Atena ao palácio de Odisseu:

> [...] Deteve-se em Ítaca, na cidade, ante o solar de
> Odisseu, no vestíbulo da sala. Lança de bronze em
> punho, tinha o aspecto de um estrangeiro, um guerreiro
> táfio, Mentes. Estava na presença de arrogantes.
> Dados distraíam os pretendentes no pátio fronteiro,
> sentados em peles de bois que eles próprios tinham
> carneado. Arautos prestimosos os cercavam. Uns lhes
> preparavam deliciosas porções de água e vinho, outros
> arrumavam as mesas. Limpavam-nas com esponjas
> macias e as cobriam com porções variadas de carne.[1]

Nesta adaptação do texto de Homero, o mesmo trecho, que no original tem dez versos, aparece reduzido a três linhas, procurando reter o essencial: "Ao chegar a Ítaca, assumiu a forma de Mentes, um

[1] HOMERO. Odisseia I: Telemaquia. Tradução de Donaldo Schuler. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2010.

estrangeiro, e caminhou até o palácio de Odisseu. Lá encontrou os pretendentes no pátio, se divertindo com jogos, enquanto os escravos serviam vinho e travessas de carne". Com a redução textual, são perdidas algumas das belas imagens que Homero oferece ao leitor: a lança de bronze da deusa, a arrogância dos pretendentes, as peles de bois sobre as quais jogavam dados e a movimentação dos que preparam a mesa e servem vinho aos comensais.

Esta adaptação volta-se para um público formado por adolescentes e adultos e, por isso, sempre que possível buscou-se preservar as imagens com maior carga simbólica, as descrições dos ambientes, embora resumidas, os epítetos, recorrentes em Homero, além dos diálogos mais significativos entre as personagens. Realidades sociais e históricas não foram camufladas para atender aos ditames do politicamente correto. Os escravos são chamados de "escravos" e não de "servos" como em algumas traduções. As relações de poder, agressões e traições, ou ainda, os atos de pirataria e barbárie de Odisseu e seus companheiros em sua viagem de retorno a Ítaca, assim como a violência de sua vingança implacável, que não perdoou sequer as escravas associadas aos invasores, são apresentados sem atenuantes, pois se procurou preservar o repositório histórico e cultural dessa obra milenar, responsável pela construção do pensamento e dos valores ocidentais.